



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana

PERCURSOS DA FORMAÇÃO A LONGO PRAZO
DO PRATICANTE DE FUTEBOL EM PORTUGAL

Francisco Alberto Barceló da Silveira Ramos

Orientador: Professor Doutor António Fernando Boletto Rosado

Tese especialmente elaborada para obtenção do Grau de Doutor em Motricidade Humana na
Especialidade de Treino Desportivo



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



PERCURSOS DA FORMAÇÃO A LONGO PRAZO
DO PRATICANTE DE FUTEBOL EM PORTUGAL

Francisco Alberto Barceló da Silveira Ramos

Orientador: Professor Doutor António Fernando Boleto Rosado

Tese especialmente elaborada para obtenção do Grau de Doutor em Motricidade Humana na
Especialidade de Treino Desportivo

Júri:

PRESIDENTE

Doutor Francisco José Bessone Ferreira Alves
Professor Catedrático e Presidente do Conselho Científico
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

VOGAIS

Doutor Mário António Cardoso Marques
Professor Catedrático
Departamento de Ciências do Desporto da Universidade da Beira Interior

Doutor António Fernando Boleto Rosado (Orientador)
Professor Catedrático
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Doutor Duarte Fernando da Rosa Belo Patronilho de Araújo (Relator)
Professor Associado com Agregação
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Doutor Hugo Miguel Borges Sarmiento (Relator)
Professor Auxiliar
Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

Doutor Pedro Miguel de Sousa Fatela
Professor Auxiliar Convidado
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Índice

Página de título	1
Índice	I
Agradecimentos	III
Resumo	2
Introdução Geral	4
Revisão de Literatura	6
Modelos de Formação Desportiva a Longo Prazo	6
Prática Deliberada.	14
Grit.	20
Modelos de desenvolvimento do praticante.	22
<i>Modelo de Jean Côté (1999).</i>	22
<i>Modelo de Durand- Bush e Salmela (2002).</i>	23
<i>Modelo de Abbott e Collins (2004).</i>	25
<i>Modelo de Bailey e Morley (2006).</i>	29
<i>Modelo de Morgan e Giacobbi (2006).</i>	31
Modelos de transições.	34
<i>Modelo de Stambulova (1994).</i>	35
<i>Modelo de Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004).</i>	37
Investigação emergente.	40
<i>Generalidades sobre investigação emergente.</i>	40
<i>Abordagens da FDLP na investigação emergente.</i>	41
<i>Taxonomia de habilidades no desporto.</i>	59
<i>Determinantes psicossociais do desenvolvimento a longo prazo.</i>	59
Sobre Efeito da Idade Relativa.	64
Papel do treinador.	65
Investigação Específica no Futebol.	71
Objetivos e Método	79
Objetivo do Estudo	79
Método	79
Participantes.	80
<i>Caracterização desportiva dos participantes.</i>	80
Instrumento.	82
Procedimentos éticos.	84
Análise temática.	84
Apresentação e Discussão dos Resultados	87
Atividades Iniciais não Diretamente Especializadas no Futebol	87
Fatores de Maturação e de Desempenho - 88	88
Identificação da maturidade dos futebolistas.	88
Desempenho ao longo da carreira.	89
Etapas de desenvolvimento e da carreira desportiva.	90
Treino/competição e horas/meses e meses/ano.	91
<i>Perceção da Intensidade de treino.</i>	91
<i>Lesões e tempo parado.</i>	92
<i>Perceção de Esforço.</i>	92
<i>Distribuição das atividades em horas por mês.</i>	92
<i>Distribuição das atividades em meses/ano.</i>	93
<i>Somatório do número de horas de atividade (treino e competição).</i>	93
Influências psicossociais.	95
<i>Suporte e pressão parental.</i>	95
<i>Suporte do treinador.</i>	95

<i>Influência dos irmãos.</i>	95
<i>Influência dos pares.</i>	96
<i>Recursos (ambiente de apoio para desenvolvimento de futebolista de alto nível).</i>	96
<i>Compromisso na carreira.</i>	97
<i>Divertimento e prazer nas atividades.</i>	97
Incidentes relevantes, crises e características da personalidade que influenciaram a carreira desportiva.	99
Transições de Carreira	102
Condições prévias relativas ao término da carreira.	102
Final de carreira.	104
Período de Transição - júnior a senior / amador a profissional.	112
Situação de vida atual (no percurso após transição júnior/sénior).	118
Notas Finais	123
Limitações e Recomendações	129
Referências	135
Quadros	145
Figuras	147
Anexos	151

Agradecimentos

Ao Professor Doutor António Fernando Boletto Rosado pelo apoio e disponibilidade permanentes, assim como o incentivo para todo o decurso dos trabalhos e nas suas diferentes fases e tarefas.

Ao Professor Doutor Francisco José Bessone Ferreira Alves pela disponibilidade para todas as solicitações pedagógicas, científicas e organizativas, assim como dos incentivos que em muito contribuíram para ter sido possível atravessar as diversas etapas de trabalho.

Ao Professor Doutor José Manuel Fragoso Alves Diniz por todo o apoio pessoal e institucional, contribuindo fortemente para a estabilidade das atividades académicas assim como da conciliação destas com a restante vida não académica.

Ao Professor Doutor Duarte Fernando da Rosa Belo Patronilho de Araújo pela permanente disponibilidade para contribuir na reflexão, aprofundamento e aquisição de conteúdos científicos do trabalho e procedimentos para a sua concretização.

À Professora Doutor Anna Georgievna Volossovitch pelos contributos de reflexão e desafio para a obtenção de conhecimentos para a evolução dos trabalhos académicos.

Ao Professor Doutor Hugo Miguel Borges Sarmiento por todo o apoio metodológico e temático no desenvolvimento da investigação realizada.

De forma geral agradecimentos a todos os Docentes do Curso de Doutoramento pelos conhecimentos e organização pedagógica ao longo de todo o processo.

A todos os elementos das estruturas pedagógicas e organizativas da Faculdade de Motricidade Humana, pela eficiência e apoio fornecidos aos estudantes de Doutoramento, fazendo jus ao Humano, atitude genérica sem a qual seria difícil à maioria concretizar as exigentes tarefas inerentes ao respetivo Doutoramento.

Agradecimento especial aos Futebolistas que se dispuseram a fazer parte da amostra para o trabalho de investigação, componente indispensável e de elevado valor desportivo e humano, cujo contributo foi de alta qualidade para a concretização dos trabalhos. Estender estes agradecimentos a todos os outros praticantes de futebol em Portugal, e onde quer que pratiquem a modalidade, porque, sem eles, a atividade de todos os outros agentes desportivos não seria necessária nem teria justificação. Por isso, todo o trabalho realizado neste estudo tem como objetivo central, dar algum contributo para a melhoria do conhecimento da atividade dos jogadores e da intervenção dos agentes que os dirigem e orientam.

Resumo

O objetivo central deste estudo é caracterizar os perfis de formação de futebolistas de alto rendimento no futebol português, descrevendo, na perspectiva dos próprios futebolistas, o que percebem como as determinantes essenciais da sua carreira e o modo como lidaram com as diversas transições de carreira.

Realizámos, para o efeito, um estudo com duas partes: uma para caracterizar os perfis de formação e outra para descrever as transições de carreira destes futebolistas portugueses de elite. Para o efeito, utilizámos entrevistas semiestruturadas, de carácter retrospectivo e uma metodologia de investigação qualitativa baseada na análise temática. Entrevistámos, para o efeito, vinte futebolistas de elevado nível de prática.

Em síntese geral, todos os futebolistas de elite iniciaram-se na modalidade com o futebol de rua, entre os 4 e os 10 anos de idade, e a maioria manteve essa prática informal após entrar no futebol institucional. Verificou-se que, de forma geral, os futebolistas peritos não perceberam altura e a maturidade, comparadas, superiores aos seus pares na infância e adolescência.

Todos iniciaram o treino supervisionado antes dos 10 anos, tendo-se envolvido em prática regular entre os 5 e 10 anos.

A maioria dos futebolistas sentiu que essa prática era de elevada intensidade, quer em treino quer em competição, e relata a sua progressividade nas etapas formativas, considerando ter vivido em condições de treino adequadas, particularmente após os 16 anos.

Referem e valorizam a focalização na carreira, e um elevado nível de compromisso, como fatores de sucesso e a sua capacidade de manterem estas características ao longo da sua formação e desenvolvimento profissional.

Referem e valorizam a dimensão lúdica nas atividades, o elevado suporte parental e a baixa ou nenhuma pressão parental como fatores facilitadores. Em geral, referem, também, elevado suporte do treinador, suporte esse que se prolonga até ao escalão sénior.

Genericamente, a transição de júnior para sénior foi vivida de forma satisfatória, desafiante, desejada, mas, também, difícil. Já a transição final de carreira é vivida, de uma maneira geral, de forma positiva, “feliz carreira, triste por acabar”, com satisfação elevada para uns e algumas dificuldades para outros.

Pela diversidade dos testemunhos inferimos que as carreiras e transições são singulares, devendo estas condições ser consideradas nos planos de gestão de carreiras para futebolistas.

Palavras-chave: Formação desportiva a longo prazo; futebolista perito; carreira desportiva; transições de carreira.

Percursos da Formação a Longo Prazo do Praticante de Futebol em Portugal

Introdução Geral

Nas últimas cerca de quatro décadas, a investigação tem procurado estudar os fatores que determinam a consecução de elevadas realizações humanas em diversas atividades. Essa investigação tem-se centrado no conhecimento dos percursos seguidos pelos indivíduos que as atingiram.

A escolha do atual tema justifica-se, em primeiro lugar, por haver necessidade de mais investigação no desporto e, depois, por ser no futebol, uma modalidade com elevado peso social e desportivo na nossa comunidade, mas com pouco conhecimento do que se passou no percurso dos praticantes de relevo e que lhes permitiu atingir um elevado nível desportivo.

Para o presente estudo serão consideradas, como determinantes da carreira desportiva, a estrutura e o tipo de prática, no treino e na competição, variáveis de motivação, satisfação e compromisso com o desporto e o futebol e, ainda, variáveis de contexto, como apoios de familiares e colegas, a influência do treinador e o sistema organizacional do futebol.

Como a generalidade dos atuais praticantes de elite não foi formada através de programas estruturados e orientados para a sua formação desportiva a longo prazo - por inexistência ou escassez de estudos, com abrangência e número de determinantes explicativas suficiente, dos quais tenha resultado informação bastante de suporte para orientar os seus percursos formativos - consideramos pertinente melhorar a obtenção de informação relevante que possa influenciar programas futuros.

Há, atualmente, diversos estudos retrospectivos baseados em relatos de atletas de elite. No entanto, considerando a especificidade do futebol, e mais especificamente do futebol

português, esses estudos escasseiam, importando desenvolver investigações que integrem as atuais tendências multifatoriais de percursos e transições de carreira.

É, portanto, desejável a realização de estudos com estas características, por contribuírem para melhorar programas de formação desportiva a longo prazo (FDLP), podendo recorrer a um conhecimento holístico, resultante de análise integradora multinível, de determinantes de diferentes domínios daquela formação.

O nosso estudo está centrado num modelo das determinantes de carreiras desportivas de alto nível, no caso, no futebol português, sendo desenvolvido com objetivos específicos de caracterizar:

1. Atividades iniciais não diretamente especializadas no futebol;
2. Fatores de Maturação;
3. Fatores de Desempenho;
4. Treino/competição e horas/meses e meses/ano;
5. Influências Psicossociais na carreira desportiva;
6. Incidentes relevantes, crises e características de personalidade que influenciaram a carreira desportiva;
7. Transições de Carreira.

O estudo culmina com uma proposta de modelo explicativo das determinantes e consequentes características das carreiras desportivas dos futebolistas, incluindo as variáveis que estudámos e outras que se considera que poderão no futuro enriquecer o processo de investigação e o conhecimento sobre as carreiras desportivas para a elite.

Revisão de Literatura

Modelos de Formação Desportiva a Longo Prazo

A preparação desportiva a longo prazo (PDLP) há várias décadas que ocupa os pesquisadores na procura de conhecimento sobre as variáveis de carreira associadas a altas realizações desportivas, equacionando os respetivos percursos de carreira como fator explicativo do sucesso profissional em desporto.

Destacamos o termo formação por refletir fielmente o que se pretende pôr em evidência, procurando sublinhar os processos e eventos que formaram os desportistas de elite. Na realidade, a formação desportiva não se fará de modo imediatista e circunstancial mas antes como algo continuado no tempo, com etapas que se sobrepõe sucessivamente. O conceito de Formação Desportiva a Longo Prazo tem, assim, uma conotação adequada ao objeto de estudo que nos ocupa.

Como referem Abernethy, Baker e Côté (2005), houve, nesta área, muita investigação nos últimos 20 anos, com a construção de um corpo significativo de literatura e uma grande evolução de conhecimento sobre características e componentes da formação dos praticantes desportivos.

Bruner, Erickson, McFadden e Côté (2009) afirmam que, durante as últimas três décadas, tem sido proposto um número de modelos de desenvolvimento do atleta no desporto (MDAD), com as primeiras referências, a distarem a 1973, balizando uma proposta de sistematização em que os mesmos autores afirmam que se pode resumir a evolução da pesquisa de MDAD em quatro fases, sendo, a primeira, a que contém os textos de fundação publicados entre 1973 e 1991.

Bruner et al. (2009), consideram, ainda, que “no núcleo da segunda fase temos o trabalho da Ericsson, Charness, Howe, e colegas, na música e xadrez” (p.31). Neste período, para a abordagem do desenvolvimento da *expertise* foram adotados métodos e

princípios da psicologia, sendo propostas, como elementos essenciais, diferentes condições de prática, ou seja, a prática deliberada, (Ericsson, Krampe & Tesch-Römer, 1993).

Como marco importante, por ser focado especificamente no desporto, vemos que o ano de 1998 marcou o início da terceira fase, com o primeiro estudo de desporto (Helsen, Starkes, & Hodges, 1998). Este estudo incidiu sobre a prática, mas, também, em aspetos psicossociais do desenvolvimento do talento, como o papel dos jogos e outras atividades desportivas na infância, sugerindo existir uma relação entre o número de horas gastas em atividades relevantes de prática e o nível de desempenho atingido pelos atletas. Estes autores caracterizaram a prática deliberada como sendo uma atividade envolvendo elevados níveis de esforço mas, também, de prazer. Nesta fase da investigação da perícia no desporto destacam-se, como críticos, aspetos do desenvolvimento de talentos como o prazer, a motivação e a influência psicossocial mas ainda não os integra totalmente na pesquisa de desenvolvimento do atleta.

Nesta terceira fase houve bastante investigação, mas deixou muitas questões a carecerem de refinamento e, de uma maneira geral, de contraditório.

Os estudos conhecidos até esta fase suportam-se em posições parcelares de limitada informação, com reduzido número de variáveis, com baixa capacidade explicativa para a ampla complexidade do processo formativo no desporto em geral, nos jogos desportivos em particular e no futebol em especial.

Sobre o modelo WICS (*wisdom, intelligence, and creativity, synthesized* - sabedoria, inteligência e criatividade, sintetizado) de Sternberg (2003 e 2009), Baker e Côté, (2003) descrevem as limitações do modelo, considerando que não responde ao desafio de avaliar a sobredotação porque não considera mais dois fatores significativos na obtenção de altas realizações, como sejam o acesso a recursos essenciais e o compromisso, posição

corroborada mais tarde por Baker e Young (2014), dizendo que o modelo pode ser melhorado e alargado para o desporto, com outras variáveis que Sternberg não utilizou.

Esta crítica mereceu resposta de Sternberg (2004), considerando que o WICS não especifica todos os aspetos de todos os tipos de superdotação e, sobre atletas talentosos, assegura que existem atributos não incluídos no seu modelo, como a aptidão física, assim como os recursos essenciais e de compromisso como já referidos por Baker e Côté (2003).

Esta terceira fase foi indispensável à evolução do conhecimento mas revelou, também, debilidades, entre elas, considerando homogéneo o universo de praticantes que atinge a elite. Não diferenciou a singularidade dos diversos percursos, nem as particularidades dos indivíduos, dos contextos das modalidades e características particulares, assim como não distinguiu a diversidade específica e contextual da formação desportiva, como na fase seguinte, a quarta, em que essas preocupações foram enfatizadas.

Ainda na terceira fase, com modelos explicativos da *expertise*, bastante universalistas para as diferentes modalidades e situações, surgiram os conceitos de maturidade precoce e tardia, no modelo LTAD (Long Term Athlete Development) (Balyi & Hamilton, 2004), que contribuíram para relativizar, de modo mais versátil, as etapas dos MDAD, alertando para a necessidade de diferenciação dos estudos, pelas diferenças individuais, pelas características de tempos de evolução e especificidades de aquisição de competências nas diversas modalidades.

A quarta fase continuava focada no desenvolvimento do atleta no desporto, mas não se limitava ao estudo das suas atividades práticas.

Esta quarta fase da investigação incluiu trabalhos como o de Baker et al., (2003), que vão além do estudo exclusivo de atividades práticas e focaram-se nos aspetos do desenvolvimento do atleta em desporto, ou como o de Bruner et al. (2009), que alargou

os dados sobre os quais recolheu e tratou informação, propondo que a abordagem do desenvolvimento do atleta inclua ambos os aspetos, psicossociais e de treino de *expertise* (Abbott & Collins, 2004; Martindale, Collins, & Daubney, 2005; Martindale, Collins & Abraham, 2007).

Neste sentido, Bruner et al. (2009) reforçam a relevância dos estudos abarcarem, nesta quarta fase, áreas que, até esse momento, não eram incluídas, considerando os estudos de transições de carreira indispensáveis aos modelos a trabalhar. Os autores referem que os primeiros trabalhos sobre as transições de carreira não tiveram essa abrangência, visto estarem focados no abandono do atleta (Schlossberg, 1981), enquanto estudos contemporâneos, também com Bruner et al. (2009) a basearem-se em diversos suportes (Bruner, Munroe-Chandler & Spink, 2008; Stambulova, Stephan & Järphag, 2007; Wylleman, De Knop, Ewing, & Cumming, 2000), se centram nos aspetos sociais como, por exemplo, o papel dos treinadores, pais ou dos pares, assim como das influências societárias, como, por exemplo, do sistema desportivo ou da cultura.

Esta sequência de fases de estudo realça a evolução de informações, que se foi verificando para caracterizar os percursos dos peritos, com aumento das variáveis incluídas nos modelos de estudo e da sua especificidade.

Estas referências concretizam um caminho de desenvolvimento de conhecimento de sete modelos de desenvolvimento de atletas no desporto.

Os sete modelos descritos em 2009, por Bruner et al., são distribuídos por dois domínios particulares. No primeiro domínio, os artigos são centrados na literatura sobre transições de carreira, e incluem os artigos dos dois modelos de base de transição de carreira (Stambulova, 1994; Wylleman et al., 2004).

O segundo domínio centra-se na literatura sobre modelos de desenvolvimento de talentos e inclui os restantes artigos de cinco modelos de base de desenvolvimento de

talentos (Abbott & Collins, 2004; Bailey & Morley, 2006; Côté, 1999; Durand- Bush & Salmela, 2002; Morgan & Giacobbi, 2006).

Neste período, uma debilidade dos estudos era a insuficiente informação sobre programas vividos pelos praticantes e, por isso, Martindale, Collins e Abraham (2007) defendiam ser necessário dar maior atenção aos sistemas de treino e aos ambientes de desenvolvimento de talentos.

Assim, considera-se a necessidade de alargar o âmbito dos estudos dos contextos de treino porque, segundo Martindale et al. (2007), até à data, a investigação debruçou-se sobre as características e influências dos que atingiram e permaneceram no nível mais elevado do desporto internacional, no processo de desenvolvimento e identificação do talento (*TID*) mas, surpreendentemente, pouca consideração foi dada aos objetivos e sistemas dos designados ambientes de treino e desenvolvimento de talentos (*TDEs - talent development environments*) – com cinco principais e muito abrangentes características genéricas - que, no fundamental, conduzem e determinam, o processo referido (*TID*).

Corroborando estas posições, Macnamara, Moreau e Hambrick (2016) alertaram para que se deva focar a atenção no desenvolvimento de teorias de *expertise* com o maior número possível de fatores potencialmente relevantes. Neste alargamento de variáveis, que têm vindo a ser incluídas na investigação, as transições de carreira também devem ser tidas em conta.

São, assim, reconhecidas as transições de carreira como integrantes dos modelos de estudo do desenvolvimento do praticante desportivo, estabelecendo a relação entre todos os fatores que contribuam para melhor conhecimento dos percursos formativos até à elite.

Esta tendência, de melhorar o conhecimento dos percursos formativos do praticante desportivo, tem representado uma tentativa de refinamento desse conhecimento, de modo

a perceber-se, cada vez com maior detalhe, o que contribui ou não para o sucesso desses percursos formativos. Um exemplo muito interessante é o da recente integração do conceito de *Grit*, definido como perseverança e paixão para alcançar objetivos de longo prazo (Duckworth, Peterson, Matthews & Kelly, 2007).

Este conceito, ao estabelecer um balanço entre gosto e paixão pelas atividades, no contraponto à exigência e à perseverança, constitui um alerta para que não se quebre o equilíbrio entre a pressão que o praticante desportivo sofre, no seu percurso formativo, e a sua capacidade de manter prazer e persistência às exigências do trabalho.

O peso que o conceito de prática deliberada ocupou nas últimas décadas na explicação da expertise, justifica a atenção dada a esta variável, certamente importante no caminho da excelência desportiva.

A propósito da influência dos aspetos psicológicos na formação, Dweck (2006, citado por Matthews, 2007; citado por Yeager et al. 2016), propôs aquilo a que MacNamara e Collins (2015) também referem como dois mundos psicológicos: um, em que os indivíduos têm medo de desafios e são devastados por contratemplos; e outro, em que os indivíduos apreciam desafios e são persistentes face aos contratemplos.

Dweck (2006, citado por Mathews, 2007) distingue entre uma mentalidade fixa, por um lado, em que a habilidade é vista como inata e permanente e, por outro, uma mentalidade de crescimento, em que a capacidade se desenvolve gradualmente ao longo do tempo, com oportunidades apropriadas para aprender.

O conceito de *Grit*, por um lado, e de mentalidade de crescimento, por outro, são relevados por MacNamara e Collins (2015), afirmando que estes representam um conjunto de habilidades e características psicológicas que têm vindo a demonstrar jogar um papel central ao facilitar a progressão dos atletas no desporto.

Neste apuro de conhecimento, para além do estudo dos percursos formativos também o ponto de chegada é alvo de procura de detalhe e precisão, tendo Baker e Young (2014) proposto uma taxonomia para diferenciar os níveis atingidos pelos peritos. Esta informação deve ser considerada útil para o estudo ou orientação da formação desportiva, com conhecimento das semelhanças e diferenças dos níveis atingidos pelos peritos.

O refinamento da investigação, na formação desportiva a longo prazo, tem outros aspetos a realçar, como a contextualização em que ocorre, como defendem Davids, et al. (2015), numa perspetiva dinâmica e ecológica, em que "relevantes propriedades complementam características físicas, processos psicológicos, emocionais e sociais que continuamente constroem as interações atleta-ambiente (Chow, 2013; Seifert *et al.*, 2013a) (p. 273)."

Também Davids, Güllich, Shuttleworth & Araújo (2017) relevam as interações de fatores na formação desportiva, referindo que o potencial de um indivíduo não é estático mas dinâmico, e está aberto a influências contínuas de tarefas, restrições individuais e ambientais, elencando um conjunto de exemplos, como determinantes genéticas, maturação, motivação, treino e disponibilidade de instalações e suporte de treino. Os sistemas adaptativos de atletas e das equipas desportivas são complexos e, na conceção da dinâmica ecológica, a análise é feita indiscutivelmente num nível que é o da relação praticante-ambiente.

Englobado neste aumento de complexidade, a quarta fase da investigação integra mais este detalhe relativo às diferenças das modalidades, envolvendo mais variáveis e de mais áreas fatoriais, com surgimento de estudos no futebol em contextos de praticantes de grande expressão. Porém, são, ainda, muito dependentes da universalidade dos MDAD, sem se saber, como referem Hornig *et al.* (2016), se o que designam por modelos universais são apropriados ao percurso formativo de cada praticante.

Os mesmos autores consideram que há uma inconsistência da investigação dos últimos cerca de 25 anos, exemplificando com o caso dos volumes absolutos de prática ou treino, que variam muito entre tipos de desportos, mas que não são considerados nestes modelos universais. Para demonstrar essa inconsistência, colocam em oposição, estudos artísticos ou de desportos de resistência (Malina et al., 2013; Seiler & Tonnesen, 2009) e estudos de desportos de equipa (Baker, Côté, & Abernethy, 2003; Güllich, 2014b; Moesch, Trier Hauge, Wikman, e Elber, 2013).

Por outro lado, reforçam a necessidade de inclusão de vários temas, nesta quarta fase da investigação, nomeadamente, o alargamento das variáveis a integrar nos estudos, a variedade em função de contextos, incluindo diferenças dos desportos e as respetivas particularidades de tempos de evolução e maturidade, no fundo, a necessidade de um olhar mais amplo e detalhado sobre a diversidade de fatores da formação desportiva a longo prazo.

Dado que atualmente se avançou para a análise do detalhe, referenciando os contextos específicos e o estudo das interações com esses contextos, em função das modalidades, das suas especificidades, dos níveis de expertise, enfim, todo um conjunto amplo de fatores e processos explicativos dos percursos para os que atingem a perícia desportiva, parece ser útil distinguir uma quinta fase da investigação, correspondente ao tempo atual e a este caráter mais complexo, muito específico, particular e detalhado desta área de investigação.

Nesta quinta fase são tidas em conta as modalidades, os contextos, as diferentes idades, as particularidades dos percursos, as características dos praticantes por modalidades e os níveis atingidos pelos peritos.

Esta quinta fase tenderá a aumentar a informação incluída na explicação dos percursos formativos, sendo mais pormenorizada nessa explicação e podendo, ainda,

diferenciar os níveis atingidos pelos peritos de acordo com a proposta de taxonomia de Baker et al. (2014).

Neste aumento de informação, a particularização no futebol, alinhado no contributo de estudos mais especializados, pode vir a ser estendida a diferentes características de diversas funções (defesa, atacante, etc.), visto haver claras especificidades nas características dos praticantes de futebol e não haver informação, da igualdade ou diferenciação, dos respetivos percursos formativos.

A evolução de especificidade, que a investigação tem refletido, pode ser sintetizada na conclusão de Sternberg (2003) ao afirmar que não há um só percurso para o sucesso na vida. Cada pessoa deve encontrar o seu próprio caminho e o trabalho de quem ensina é ajudar o aprendiz neste empreendimento. Ensinar num único caminho nunca pode funcionar.

Prática Deliberada.

Para se relativizar e enquadrar, do pondo de vista científico, o tema da prática deliberada, será desejável apreciá-lo com rigor, visto que a expressão tem sido usada em sentido estrito, e em sentido lato, muitas vezes fora da conotação com que surgiu no estudo da perícia humana.

Assim, o conceito de prática deliberada, foi definido por Ericsson et al. (1993) com características particulares e específicas, sendo referido pelos autores que “dado o custo da instrução individualizada, o professor projeta atividades práticas nas quais o indivíduo se pode envolver entre as reuniões com o professor. Chamamos essas atividades prática deliberada ...” (p. 368). Os mesmos, para distinguir de outras práticas que pudessem ser enquadradas no mesmo domínio, clarificam, distinguindo-as de outras, como interação lúdica, trabalho remunerado e observação de outras pessoas, que os indivíduos podem realizar no seu domínio de atividade. Dizem, os mesmos autores, que a prática deliberada

não é de curta duração nem simples, estendendo-se por um período de, pelo menos, 10 anos, envolvendo a otimização dentro de várias restrições. Como referimos, a caracterização da prática deliberada, na versão original, não é feita de modo simples, numa expressão resumida. Na clarificação do conceito, aquelas restrições incluem, como características específicas, primeiro, a restrição de recursos, isto é, tempo e energia disponíveis para o indivíduo, bem como acesso a treinadores, material e instalações de treino; segundo, a restrição motivacional, esclarecendo que o envolvimento não é inerentemente motivador, que os praticantes consideram instrumental para alcançar melhorias adicionais no desempenho, e que raramente os indivíduos iniciam espontaneamente; e, por fim, o que é considerada a restrição de esforço, sendo uma atividade exigente, que pode ser mantida apenas por tempo limitado todos os dias, durante períodos prolongados, sem levar à exaustão.

Portanto, o conceito de prática deliberada deve ser considerado num amplo conjunto de características, em que não cabem todas as atividades que sejam desenvolvidas por indivíduos nos percursos para peritos, só devendo ser consideradas as que estejam em linha com as definidas nesta descrição.

A partir desta posição, surgem esclarecimentos de definição da prática deliberada de Ericsson et al. (1993), como seja a de Baker et al. (2003), dizendo que se refere a atividades com o objetivo específico de melhorar o desempenho instrumental e que é realizada diariamente, como forma de trabalho, que exige esforço e atenção, e não conduz a recompensa imediata social ou financeira e, muitas vezes, não é agradável de realizar.

Ao considerar a aplicação destes conceitos, Leite (2008) refere-se a duas condições para alcançar o alto rendimento; uma, a regra dos 10 anos, como um requisito mínimo em diversos domínios, como o futebol, e outra, considerada de tal modo poderosa que poderia

ser indispensável de acordo com estudos de Ericsson (1996, citado por Leite, 2008), que é a relação entre a quantidade e a qualidade da prática e o nível de *performance* atingido.

O caráter perentório destas posições, e a influência que foram tendo na formação desportiva, carece de reflexão, devendo realçar-se que Leite, Baker e Sampaio (2009), relativizam as suas posições recentes, recorrendo a investigação em idades precoces nas quais (e.g., Carlson, 1988; Côté, 1999; Hill, 1993) relataram que a especialização precoce durante a infância parece não ser essencial para um rendimento excepcional como adulto. Na mesma linha de reflexão, Côté e Fraser-Thomas (2008), estabelecem uma apreciação de princípios da prática deliberada, sugerindo, com base na sua proposta (DMSP - Developmental Model of Sport Participation – MDPD - Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva), a aplicação de diferentes medidas relacionadas com a prática deliberada, e outras práticas, nos três estágios por si propostos, para o percurso de atletas de elite, isto é, no primeiro estágio, nos anos de experimentação, jogo deliberado, no segundo estágio, nos anos de especialização, jogo deliberado e prática deliberada e, no terceiro estágio, nos anos de investimento, prática deliberada.

Para uma avaliação do peso do conceito nas redes de consulta mais usuais, Baker e Young (2014) contabilizaram as referências na literatura publicada, tendo verificado forte influência do estudo de Ericsson et al. (1993) com contagem, na data, de 3812 citações no Google Scholar e 1376 no Web of Science (a partir de 20 Setembro de 2013).

Para clarificar diferentes tipos de práticas, e evitar que seja tudo considerado prática deliberada, são referidas quatro práticas diferenciadas, isto é, “para estes estudos os níveis da escala de atividades propostos foram (a) jogo livre, (b) jogo deliberado, (c) prática estruturada, e (d) prática deliberada” (Baker et al., 2003, p.14).

Os mesmos autores contrariam pontos-chave da definição de prática deliberada de Ericsson, relativos aos estudos de futebol, dizendo que os atletas referem

sistematicamente muitas atividades específicas como sendo muito agradáveis, não corroborando a definição que define o contrário quanto ao prazer destas práticas.

Baker e Young (2014) revisitam o conceito de prática deliberada de Ericsson et al. (1993), reafirmando, de forma geral, as suas principais características originais. Por outro lado, procedendo ao contraditório, os mesmos autores, passados 20 anos, tiram a conclusão de não se poder partir desses pressupostos, da indispensabilidade da prática deliberada, afirmando que, tendo em conta duas décadas de pesquisa sobre o panorama da prática deliberada, “o objetivo desta revisão é fornecer um resumo das evidências atuais a respeito deste conceito que se aplica ao desporto e para identificar lacunas na nossa compreensão que podem servir como estímulos para futuras pesquisas” (p.136).

Confirmando a necessidade de uma interpretação mais precisa do conceito, Baker e Young (2014), retrospectivamente, referem que o psicólogo Anders Ericsson introduziu “o conceito de prática deliberada (Ericsson, Krampe, & Tesch-Romer, 1993), que propõe que não era simplesmente a formação de qualquer tipo, mas um envolvimento prolongado em ‘prática deliberada’ que era necessária para a obtenção da perícia” (p. 135).

Baker, Côté & Deakin (2005) colocam reservas ao seguidismo sobre os conceitos inerentes à prática deliberada, entendendo haver resultados que podem suportar alguns princípios daquela prática mas não o seu caráter indispensável. Para provar isso, recorrem ao exemplo do tempo gasto em treino específico em desportos, como um discriminador essencial entre especialistas e não especialistas. Comprovando esta necessidade de contraditório verifica-se que este exemplo tem dois problemas, primeiro não ser claro sobre a conotação das atividades – treino específico pode ser prática deliberada ou não – e, por outro lado, os autores afirmam não ter havido uma relação linear entre aquela prática e o desempenho obtido, contradizendo, assim, um princípio fundamental da estrutura da prática deliberada e, por isso, não se podendo garantir que ela é um fator

discriminador. É, ainda, referido que “uma premissa básica da prática deliberada, a necessidade de especialização precoce, não foi apoiada” (p. 76).

Os mesmos autores alertam, por outro lado, para que toda a formação específica no desporto tem sido considerada como prática deliberada, para efeitos de comparações transdisciplinares, enquanto, nas propostas originais de Ericsson et al. (1993), apenas as horas gastas praticando sem orientação presencial de outrem e nas condições definidas, foram consideradas como prática deliberada.

Davids et al. (2017) procedem a uma apreciação de granulagem mais fina, referindo que a prática deliberada se alinha claramente com a especialização precoce, por ser considerada necessária em modalidades nas quais o rendimento máximo ocorre em fases temporanas da maturidade, acarretando perigo de redução geral do interesse dos praticantes e possível abandono desportivo.

Estas posições demonstram que há uma interpretação da importância relativa da prática deliberada e não uma posição radical de ser ou não desejável e necessária. Com a verdadeira conotação desta prática há (haverá) condições e percursos em que pode ser interessante, outras sem relevância e, outras, indesejável. A grande questão é encontrar, e saber, em que condições e em que percursos temporais ou em que modalidades, esta prática é interessante para o percurso para a elite desportiva. Alguns dados de análises efetuadas em investigações sobre o seu peso objetivo podem contribuir para um entendimento mais claro desta matéria.

Na primeira meta-análise formal sobre a relação entre prática deliberada e desempenho humano, em música, jogos, desportos, profissões e educação, por serem todos os principais domínios em que essa relação foi estudada, Macnamara, Hambrick & Oswald (2014) relembram ter sido Watson (1930) – fundador do behaviorismo, muito antes do conceito de prática deliberada de Ericsson et al., (1993) – a afirmar que “praticar

com mais intensidade do que os outros . . . é provavelmente a explicação mais razoável que temos hoje, não apenas para o sucesso em qualquer linha, mas também para a genialidade (p. 212)” (p.1).

Ao contrário do que foi proposto por investigadores há cerca de 20 anos, em que foi sendo considerado que as diferenças de desempenho individual refletiam significativamente a quantidade de prática deliberada vivida, Macnamara et al. (2014) descobriram que ela “explicava 26% da variação no desempenho de jogos, 21% na música, 18% no desporto, 4% na educação e menos de 1% nas profissões” (p.1). Assim, é concluído que o peso relativo da prática deliberada é importante mas menos do que foi argumentado noutras ocasiões. Esta constatação é ainda mais significativa porque foi aplicado um modelo de meta-análise adicional, em virtude do desempenho do indivíduo ser independente do da equipa em desportos coletivos mas, não obstante essa dificuldade, os dados foram consistentes com os gerais, implicando a prática deliberada uma quantidade de variação no desempenho mas permanecendo uma grande quantidade de variação por explicar.

Em idêntica abordagem específica para o desporto, Macnamara et al. (2016), refinaram os dados, reafirmando os valores de 18% encontrados para o desporto e deixando implicitamente em 82% a variação do desempenho potencialmente explicável por outros fatores que não a prática deliberada, esclarecendo que a contribuição desta foi diferente de acordo com o nível de perícia, afirmando que “representou apenas 1% da variação no desempenho entre os praticantes de nível elite. Esse achado é inconsistente com a alegação de que a prática deliberada é responsável por diferenças de desempenho, mesmo entre praticantes de elite ” (p. 333). São ainda pormenorizadas, pelos mesmos autores, percentagens de 19% da variação no desempenho que foram encontradas em estudos com atletas de subelite e 29% em estudos com amostras mistas.

Com este detalhe de dados devemos concluir que prática deliberada de Ericsson et al. (1993) deve ser considerada de importância relativa e a sua capacidade para explicar a variação no desempenho individual de peritos desportivos não é suportada pela evidência empírica disponível.

Grit.

As abordagens dos percursos desportivos para a elite basearam-se muito nos aspetos positivos, que foram reconhecidos nos processos mais favoráveis, desvalorizando o peso de fatores negativos ou, pelo menos, não os tendo em conta com suficiente ênfase. É nesse sentido que o conceito de *grit* deve ser reapreciado, por abordar o balanço entre perseverança e paixão em objetivos a longo prazo.

Nesta linha, MacNamara e Collins (2015) relembram que a literatura tem reconhecido as características psicológicas, como fatores positivos dos percursos dos talentos, ao mesmo tempo que consideram não ter sido dada suficiente atenção, ao que designam a parte mais sombria da componente psicológica do ser humano. Devemos dar especial atenção ao equilíbrio entre o que é mais positivo, pela paixão e prazer nas atividades, e o eventual contraponto, tantas vezes ocorrente, da necessidade de perseverança e de ultrapassagem de adversidades, entre outras razões, por haver o risco de, ao ser excessivo para um dos lados desta equação, conduzir à rotura ou ao abandono desportivo.

A importância de se estudar a influência do *grit* é trazida de modo concreto por Duckworth et al., (2007), enquadrando a situação ao considerar que, nos diferentes domínios profissionais, está estabelecido o peso do talento intelectual mas pouco se sabendo sobre outras diferenças individuais que preveem o sucesso. Por isso, estes “autores testaram a importância de uma característica não-cognitiva: o *grit*. Definido como perseverança e paixão por objetivos de longo prazo, o *grit* representou uma média de 4% da variação nos resultados de sucesso” (p. 1087). Os dados conjuntos patenteados

nestes estudos sugerem que os objetivos difíceis implicam, não só talento em si próprio mas, sim, o talento estimulado em períodos longos de atividade.

Por poder constituir um fator de equilíbrio com as exigências colocadas aos praticantes, o *grit* deve ser tido em consideração nos percursos formativos, uma vez que foi “demonstrado ser a chave para a obtenção de sucesso em vários domínios de desempenho” (MacNamara & Collins, 2015, p.75).

O reconhecimento do peso do *grit* e sua influência nos percursos para a perícia, pode contribuir claramente para estabelecer os equilíbrios entre os níveis mais exigentes de tarefas. Esta forma de interpretar o equilíbrio com a exigência da atividade é necessária porque, ao olhar-se para a exigência, pode ficar a ideia de ser sempre favorável expor os praticantes a situações muito duras e difíceis para atingir o sucesso. Porém, segundo Duckworth e Quinn (2009) “há ampla evidência de que o incentivo moderado ao desafio é crucial para indivíduos com alto nível de conquista” (p. 166). Explicam que essa condição leva a que trabalhem mais, comparado com o que sucede com tarefas muito fáceis ou muito difíceis. Deve haver um cuidado especial de não se afirmar, no abstrato, que as tarefas são muito ou pouco exigentes, mas ter em atenção o balanço típico deste conceito de *grit*, como é sugerido pelos mesmos autores, ao encontrarem evidências de que indivíduos podem precisar de “perseverança de esforço e consistência de interesse para terem sucesso nos domínios mais exigentes” (p. 172).

Atendendo à necessidade de ter em conta estes balanços MacNamara e Collins (2015) propõem que uma avaliação alargada para jovens praticantes deva ter em conta os duplos efeitos, positivos e negativos, para que possam ser explorados, moderados ou combatidos. E, retomando a parte dita menos estudada dos aspetos negativos, traz à reflexão o facto de os atletas de elite e em percurso para esses níveis, para além do maior ou menor sucesso na carreira desportiva, parecerem ser vulneráveis a problemas de saúde mental, com

diferentes razões, entre as quais “exclusão de identidade (Cresswell & Eklund, 2007), lesão, falha competitiva e outros stressantes psicológicos (Reardon & Factor, 2010)” (p. 78). Fica clara a necessidade de se cuidar destes aspetos com muita atenção, nos percursos formativos a longo prazo, tanto do ponto de vista desportivo como da vida social dos praticantes.

Resumindo, se se pretende desenvolver um processo formativo a longo prazo, integrado e funcional, que contribua para praticantes com diferentes características, parece indispensável ter uma visão, e um conjunto de práticas, abrangentes e alargadas.

Modelos de desenvolvimento do praticante.

Para o conhecimento sobre os percursos formativos no desporto, o trabalho de Bruner et al. (2009) constitui um marco decisivo sobre o que é designado por desenvolvimento do atleta, apresentando os modelos que abarcam informação da investigação sobre as diferentes visões documentadas até esse período.

Uma das constatações relevantes do estudo é o reconhecimento da existência, até 2009, de sete modelos identificados na literatura da especialidade.

A partir do estudo de Bruner et al. (2009), os sete modelos reconhecidos são distribuídos por dois domínios particulares, cinco modelos centrados na literatura de desenvolvimento de talentos e dois modelos na literatura de transição de carreira.

Modelo de Jean Côté (1999).

O Modelo de Côté (1999), que estudou padrões na dinâmica das famílias de atletas talentos, ao longo de seu desenvolvimento no desporto, é dos mais citados na literatura da especialidade e definiu três etapas, antes da sua chegada à elite e mais uma, a da elite propriamente dita. Estas etapas foram estabelecidas a partir de diferentes formas de recolha de informação, de que resultou uma gama de unidades específicas com 13 dimensões que foram comparadas, até as semelhantes serem reunidas em três categorias

cronológicas distintas, denominadas estágios da participação no desporto. Este modelo é constituído por 4 etapas classificadas da seguinte forma:

- a) Os anos de experimentação (6-13 anos), estágio em que os resultados destacaram que o principal era experienciar diversão e emoções positivas através do desporto;
- b) Os anos de especialização (13-15 anos), estágio que, apesar de ser mais curto, marcou os atletas que passaram gradualmente a ter menor envolvimento em diversas atividades extracurriculares e passaram a focar-se numa ou duas atividades desportivas específicas;
- c) Os anos de investimento (15 anos ou mais), etapa em que o atleta se compromete em atingir um nível de desempenho de elite num único desporto, em que características estratégicas, competitivas e de desenvolvimento de habilidades surgem como os elementos mais importantes;
- d) Os anos de prática desportiva de elite, com idade variável de início, na qual o praticante desenvolve a atividade na procura das mais elevadas realizações.

Modelo de Durand-Bush e Salmela (2002).

Este modelo foca-se muito nos praticantes de elite, sendo o critério da amostra do estudo, terem ganho pelo menos duas medalhas de ouro em Jogos Olímpicos e / ou Campeonatos Mundiais, distintos.

O modelo reconhece uma ampla gama de fatores que tem estado na base da investigação relacionada com a perícia, incluindo: (a) treino, (b) ensino / *coaching*, (c) apoio parental, (d) prazer, (e) recuperação, (f) idade, (g) habilidades e atributos psicológicos e (h) habilidades inatas. Numa posição crítica, põe em questão o que foi a pesquisa realizada anteriormente, por não conseguir fazer uma caracterização universal do desempenho dos peritos, visto que, quando se pesquisa o campo de investigação de

expertise em geral, se encontra uma desconcertante falta de constância nas interdependências dos seus fatores de estudo.

A estrutura central do modelo admite que os atletas progrediram através de quatro estágios, (a) anos de experimentação, (b) anos de especialização, (c) anos de investimento e (d) anos de manutenção, e com as transições entre eles, geralmente qualificadas por um evento significativo, por exemplo, entrada no ensino médio, mudança de clube, trabalho com um novo treinador, mudança para outra cidade para treinar, participação na seleção nacional, ou ganhar uma medalha de ouro.

As características dominantes das quatro etapas são distribuídas e classificadas da seguinte forma:

a) Anos de experimentação: os atletas envolvem-se em vários desportos, jogos e atividades físicas principalmente pelos seus aspetos prazenteiros e sociais, que permitiram desenvolver características pessoais fundamentais e atributos físicos;

b) Anos de Especialização: os atletas dedicaram mais tempo e esforço na prática de alguns desportos preferidos com treino e competição mais importantes e estruturados;

c) Anos do Investimento: os atletas geralmente focaram-se no desporto em que eventualmente se sagraram campeões mundiais e olímpicos, sacrificando muitas atividades pessoais e extracurriculares, para se ocuparem criteriosamente em treino e competições;

d) Anos de manutenção: os atletas chegaram ao auge de seu desporto, alcançando um primeiro lugar em Jogos Olímpicos ou Campeonatos Mundiais, continuando a treinar e competir no topo da sua modalidade, para manter e continuar a melhorar o seu rendimento.

O detalhe de características centra-se exclusivamente nas etapas de Investimento e Manutenção, referindo fatores importantes no desempenho dos praticantes de elite

estudados, aspetos pessoais e do seu enquadramento de treino, em diversos domínios, que deverão ser considerados e estudados com atenção. São elencados aspetos cruciais em que devem centrar-se mais estudos, para descobrir o que pais e treinadores fazem para apoiar, motivar e orientar os atletas no seu desenvolvimento, assim como as relações com irmãos, colegas de equipa / amigos e equipa de apoio, que parecem influenciar o desenvolvimento dos atletas, mas cujos impactos não foram amplamente pesquisadas.

O estudo de onde derivou este modelo considerou importante, no percurso para a elite, diferentes fatores: (1) contextuais, em que foram incluídos pais, treinadores, companheiros de equipa / amigos, pessoal de apoio, outros atletas e escola / educação; (2) características pessoais relativas à autoconfiança, motivação, criatividade e perseverança; (3) treino, que incluiu componentes técnicas, táticas, físicas e mentais, e foi influenciado pela quantidade, qualidade, intensidade e recuperação; (4) competições que implicaram planeamento meticuloso, avaliações, lidar com a pressão, com expectativas e adversidade, e colocar o foco no processo e não nos resultados.

Uma conclusão final deste modelo, que parece muito pertinente para o conhecimento atual, foi verificar-se que os atletas não desenvolveram todos o mesmo percurso para chegarem a nível de campeão mundial e olímpico, sugerindo que pode haver rotas diferentes, serem usados diversos recursos e consideradas estratégias com inovação e criatividade, à medida do desenvolvimento e de novos conhecimentos no desporto.

Modelo de Abbott e Collins (2004).

Este modelo parte de conceitos de seleção de talentos e desenvolvimento de talentos no desporto, para o entendimento dos percursos formativos do praticante de elite e realça a importância dos aspetos psicológicos, explorando os pré-requisitos para o sucesso no desporto, empregando-os em esquemas de identificação de talentos. Não se limita, no entanto, à visão apriorística para o percurso dos praticantes, pelo contrário, relaciona a

observação prévia das suas qualidades, com o decurso do trabalho formativo, considerando que os processos de identificação de talentos e de desenvolvimento de talentos são dinâmicos e inter-relacionados, enfatizando a sua natureza multidimensional e reconhecendo o papel essencial da psicologia na capacidade dos indivíduos levarem à plenitude o seu potencial desportivo.

São criticados os modelos tradicionais de seleção, predição e acompanhamento de talentos, por serem baseados em variáveis isoladas e estáticas no tempo, não reconhecendo a evolução dos praticantes, nem a maturidade e experiências anteriores. É considerado que continua a ser realizada pesquisa unidimensional, ao mesmo tempo que um número crescente de pesquisadores está tendo em atenção a interação das determinantes multidimensionais do talento.

Outro aspeto a salientar neste modelo é que se baseia, por um lado, no estudo e comparação das determinantes de rendimento, em cada fase do percurso formativo e, por outro lado, no potencial para atingir a mais alta capacidade desportiva nas fases futuras, distinguindo, ainda, entre desempenho e capacidade de desenvolvimento, com realce para o facto do desempenho, numa idade jovem, ter mostrado ser um indicador pobre de realização final em todos os domínios. Assim, é considerado que deve haver interação dos processos de identificação de talentos e desenvolvimento de talentos, tendo em conta determinantes do desempenho, de ordem física, antropométrica e psicológica, o meio ambiente, com oportunidades e apoio parental, e determinantes que sustentam a capacidade de explorar as oportunidades disponíveis e desenvolver-se dentro de um desporto, como estratégias de aprendizagem autorreguladoras / psicocomportamentais.

Para garantir a distinção entre determinantes do desempenho e determinantes do potencial, este modelo, que se baseia, entre outros, em Bloom (1985 citado por Abbott & Collins, 2004, p. 402) identificou três estágios de desenvolvimento: estágio de iniciação,

estágio de desenvolvimento e estágio de mestria, em linha semelhante a Côté. Aceitando as quatro grandes etapas propostas por aquele autor, há outras fases, de dimensão mais reduzida e as transições, sendo que os atletas passarão por várias etapas de desenvolvimento (micro, meso e macro), desde o envolvimento inicial no desporto, até ser um competidor maduro bem-sucedido. É considerado que um indivíduo só expressa o verdadeiro potencial se progredir, com sucesso, de uma etapa de desenvolvimento para outra e alcançar um desempenho consistente como atleta de classe mundial.

Considera-se necessário reconhecer a natureza evolutiva do talento e combinar duas grandes áreas que resumem este modelo: a primeira, a da identificação de talento, em que são consideradas determinantes de potencial e determinantes de rendimento; e a segunda, a do desenvolvimento de talento, em que se consideram três componentes: elementos de transferência, elementos específicos do desporto e elementos psicocomportamentais.

No cruzamento das duas áreas do modelo são atribuídos pesos relativos particulares, ao longo das fases de desenvolvimento do atleta, sendo considerado que os elementos de transferência, têm maior importância nos determinantes de potencial e menor nos determinantes de rendimento, enquanto os segundos (elementos específicos do desporto), têm importância inversa ao longo das mesmas fases. No que respeita aos elementos psicocomportamentais são considerados mais importantes, ao longo das fases de desenvolvimento, nas determinantes de potencial do que nas determinantes de rendimento, mantendo elevado significado ao longo de todas as fases do desenvolvimento do praticante.

Na segunda área, a de desenvolvimento do talento, é apresentado um suporte, ao longo das etapas, com elementos psicocomportamentais, fatores psicomotores e físicos, que facilitam transições entre etapas, nomeadamente, configuração de metas e autorreforço, planeamento e organização, imagens efetivas e controláveis, e avaliação de

desempenho e atribuições. São também considerados elementos psicomotores, como por exemplo, coordenação mão-olho e equilíbrio e, ainda, fatores físicos, como, por exemplo, altura e composição muscular.

No desenvolvimento do talento são consideradas quatro fases, com macro transições entre elas:

- a) Etapa de experimentação, que inclui oportunidades de participação, apoio e incentivo familiar positivo, orientação dos educadores de atividades, desenvolvimento de habilidades fundamentais, como, por exemplo, o equilíbrio, etc.. Esta fase é finalizada pela transição macro, em que se reconhece a identidade do atleta desenvolvida;
- b) Etapa de especialização, integrando o acompanhamento técnico, o compromisso familiar, o aumento do sucesso competitivo, o reconhecimento de talentos e realizações, o aumento da experiência específica do domínio e do desenvolvimento físico, etc.. Esta fase termina com uma transição macro, em que o desporto surge como prioritário;
- c) Etapa de investimento, englobando o apoio familiar, o treino competitivo de alta qualidade, o suporte financeiro adicional, a tomada de decisão em colaboração treinador / atleta, etc.. Esta fase é concluída pela transição macro, conduzindo ao desempenho de classe mundial;
- d) Etapa de manutenção, abrangendo a manutenção do principal foco no desempenho, desenvolvendo-se um sistema efetivo para lidar com exigências aumentadas, *e.g.* media, aparições públicas, etc.. Esta fase remata como transição macro de resultados de classe mundial consistentes.

Modelo de Bailey e Morley (2006).

Este modelo, de Bailey e Morley (2006), visa corrigir o desequilíbrio de uma atenção colocada nos clubes fora da escola, na preparação para o desporto de elite adulta, propondo a inclusão da educação física curricular tradicional nos programas de desenvolvimento de talentos.

Este trabalho pretende apresentar-se como modelo, dando resposta à subvalorização do desenvolvimento do talento na educação física, nomeadamente, na infância.

O desenvolvimento de talentos, neste modelo, suscita dúvidas, porque não se pode falar com clareza de praticantes para a elite desportiva, uma vez que, nesta proposta, não é apontado o alvo dos percursos formativos, nem a conotação de talento. É referido que, no âmbito da educação física, salvo algumas exceções (Kirk & Gorely, 2000; Penney, 2000; Macfadyen & Bailey, 2002; Bailey & Morley, 2003) existem poucas discussões académicas sobre os talentos no contexto da educação física curricular, razão pela qual, para desenhar este modelo de Bailey e Morley (2006), foram usadas fontes e exemplares, particularmente do desporto e da educação (Abbott et al., 2002; Regnier et al., 1993; Heller et al., 2000) e modelos multidimensionais de desenvolvimento educacional (Perleth & Heller, 1994; Gagne, 2000; Schoon, 2000), apontados como sendo mais adequados para o efeito.

É considerado haver menorização da educação física, com uma atenção académica crescente nos últimos anos, no investimento nos estudos em geral, seja no desenvolvimento da alta habilidade no desporto (e.g., Abbott et al., 2002, Starkes & Ericsson, 2003), seja na educação genérica (e.g., Heller et al., 2000; Colangelo & Davis, 2003).

Este modelo, sendo suportado na educação física, parece não ter segurança no seu contributo para o desenvolvimento do talento, visto que encaminha a prática, não para o

rendimento e, particularmente, o topo do rendimento – como era suposto, sem preconceito e sem reservas da sua importância e reconhecimento – mas para a atividade física para toda a vida que, sendo legítimo e desejável, parece estar noutra dimensão de estudo, que não o desenvolvimento de talentos.

Na proposta de componentes do modelo é dito expressamente que “o nosso ponto de vista é que qualquer programa de desenvolvimento de talento orientado para a educação, deve ter como objetivo principal o encontro das necessidades educacionais dos alunos”(Bailey & Morley, 2006, p. 215). Os autores consideram, ainda, muitos modelos atuais, como exclusivos e normativos, na evolução do desempenho desportivo e do desenvolvimento de estilos de vida ativos, entre a população em geral, mas educativamente inválidos.

Mostrando dificuldade em enquadrar a educação física e o desporto, no desenvolvimento de talentos, este modelo evidencia as virtudes da educação física, deixando para segundo plano o objeto deste modelo, isto é, o desenvolvimento de talentos.

Ao elaborar um modelo de desenvolvimento de talentos na educação física consideraram que ele deve (1) ser consciente da multidimensionalidade das habilidades, (2) diferenciar entre potencial e desempenho, (3) reconhecer a gama de fatores que podem impactar sobre o desenvolvimento de uma habilidade do indivíduo e (4) concentrar-se na educação física, *per se*, em vez de conceitos relacionados, mas distintos, como o desporto.

A partir destes pressupostos é apresentada uma proposta de modelo de talento na educação física com as seguintes componentes:

Habilidades e resultados incluindo (1) habilidade psicomotora, (2) capacidade interpessoal, (3) habilidade intrapessoal, (4) habilidade cognitiva e (5) capacidade criativa;

Desenvolvimento de talentos, incluindo (1) detecção do talento, (2) identificação do talento, (3) desenvolvimento de talentos e (4) seleção de talentos.

O modelo procura oferecer focos para pesquisas futuras, como as que examinam o desenvolvimento em contextos específicos de educação física, em vez de desporto, educação ou artes. Ainda, de modo mais abrangente, é alertado para o modo como as discussões, sobre o desenvolvimento do talento na educação física, podem levar profissionais a refletirem criticamente sobre os objetivos fundamentais da sua atividade, e avaliarem em que medida esses objetivos correspondem à prática.

Modelo de Morgan e Giacobbi (2006).

O modelo agora em apreciação baseia-se em duas áreas: uma, de desenvolvimento do talento; e, outra, sobre o processo de apoio social. O modelo esclarece a combinação das duas áreas no percurso dos talentos, tendo sido verificada uma interação das disposições genéticas percebidas (1), da prática (2), dos fatores situacionais (3) e das características mentais (4), como facilitadores e estimulantes do desenvolvimento do talento dos participantes e, na segunda área, do suporte social, para superar a adversidade, como devendo merecer especial atenção.

O modelo, baseado no desenvolvimento de talentos, de atletas universitários de grande sucesso, utilizou múltiplas perspectivas, como, por exemplo, do atleta, dos pais e dos treinadores, para descrever, examinar e obter uma compreensão das principais influências e experiências importantes por que os atletas passaram, contribuindo com um modelo para criar duas teorias fundamentadas: uma do caminho para uma carreira atlética universitária de sucesso e, outra, das importantes funções de apoio social ao longo das carreiras dos atletas.

A Teoria fundamentada A, descreve o processo de desenvolvimento de atletas universitários bem-sucedidos, nas etapas e com os aspetos característicos seguintes:

(a) Nascimento – Genética - Características Físicas e Mentais. A primeira etapa do desenvolvimento atlético envolve a consideração de importantes predisposições genéticas para serem bem-sucedidos no desporto;

(b) Iniciação aos desportos - Influências iniciais - para iniciar o desporto, são considerados casos de irmão mais velho, treinador e pais. A segunda etapa gira em torno de influências iniciais para começar a participar no desporto;

(c) Desenvolvimento Juvenil e Influências, foi a terceira etapa de desenvolvimento atlético para os participantes, começou no meio da adolescência e foi caracterizada por: (1) oportunidades ambientais, constituídas por: prática, sacrifícios por atletas e pais, ênfase na educação e jogar vários desportos; e, (2) influências sociais críticas, constituídas por: importante apoio social dos pais, dos irmãos, treinadores e colegas de equipa;

(d) Desenvolvimento de características psicológicas – Como os atletas sentiram o sucesso inicial, reconhecendo sessões de aprendizagem e desenvolvimento de características psicológicas. A quarta etapa revelou como os atletas experimentaram simultaneamente o sucesso atlético inicial, enquanto começaram a desenvolver habilidades e características psicológicas importantes, tais como motivação, habilidades de enfrentamento do stresse, competitividade e habilidades de autorregulação. Este estágio foi definido pelos temas de personalidade / características mentais e sessões de desporto;

(e) Decisão para se especializar e Especialização: Os atletas optam por se concentrar num desporto. O quinto estágio ocorre quando o atleta escolhe especializar-se num desporto. Isso acontece geralmente durante os anos do ensino médio ou antes do momento em que o atleta entrou na faculdade;

(f) Encontrando adversidade - Incidente crítico: O atleta encontra alguma situação adversa durante a carreira atlética;

(g) Lidar com a adversidade - Posição bem-sucedida: O atleta tem oportunidades ambientais suficientes e influências sociais críticas para lidar com a adversidade com sucesso. Durante as sexta e sétima etapas de desenvolvimento, os atletas foram confrontados com um evento de vida crítico ou adverso. Foi durante esse período que os atletas aplicaram suas habilidades psicológicas previamente desenvolvidas e o seu sistema de apoio social para superar obstáculos / adversidades;

(h) Desenlace - Consequência positiva: Maior motivação para sucesso e mudança de perspectiva;

(i) Resultado - Atleta universitário altamente bem-sucedido: Se o atleta pôde lidar com sucesso com incidentes críticos adversos, então está melhor preparado para desenvolver conhecimentos no seu desporto escolhido e noutros domínios de vida.

A outra das duas teorias é a Teoria Fundamentada B, que retrata a importância do apoio social no desenvolvimento de atletas universitários altamente bem-sucedidos, também com detalhe nas etapas e aspetos característicos como segue:

(a) Rede de apoio social. Esta secção explica o quem da rede de apoio social;

(b) Tipos de suporte oferecidos. Esta secção descreve o quê (ou tipos) de apoio social fornecido;

(c) Desenvolvimento do Suporte. Esta secção mostra o como do desenvolvimento do suporte social. Objetivos instrumentais e objetivos relacionais impulsionam o suporte social;

(d) Benefícios de suporte social. Esta secção descreve os benefícios do apoio social. Uma vez que o quem, o quê e o como do apoio social foram estabelecidos, o atleta conseguiu utilizar a sua rede de apoio social.

Como registo final, podem ser deixadas algumas conclusões que realçam as características deste modelo, sintetizadas pelos próprios investigadores, dizendo que, em

resumo, os relacionamentos dos atletas com pessoas influentes foram muito importantes para os seus sucessos, bem como a sua capacidade de superar a adversidade durante a sua carreira atlética (Giacobbi et al., 2004; Holt & Dunn, 2004).

É, também, destacado, no contexto específico em que este modelo foi elaborado, que todos os atletas tiveram de superar a adversidade durante as suas carreiras, o que constitui um alerta para outros desportistas com percursos para a elite.

Ainda, na mesma linha de enquadramento dos percursos formativos, a propósito da diversidade ou monolitismo, nas fases iniciais da formação desportiva, é reafirmado que muitos atletas no presente estudo participaram em dois a quatro desportos quando eram jovens.

Também, por comparação aos estudos de Côté (1999), foi concluído que os pais sacrificaram uma grande quantidade de tempo e dinheiro, com esses sacrifícios a serem vistos como valiosos e contribuindo para desenvolver relações fortes dentro das famílias, assim como as relações entre irmãos foram referidas como favoráveis e positivas. Estas relações e apoio de familiares são considerados, por Morgan e Giacobbi (2006), ao contrário dos estudos de Côté (1999).

Modelos de transições.

O percurso de formação do praticante desportivo tem de ser levado em conta no peso real que pode ter, no nível por ele atingido, com orientações bem definidas nos fatores a estudar, sendo atualmente reconhecido que “baseado nos resultados do estudo, é necessária investigação adicional para explorar fatores psicossociais que afetam o desenvolvimento do jovem atleta em diferentes fases das transições de carreira” (Bruner et al., 2009, p. 33).

Incluir as transições de carreira (e.g., Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004; Bruner et al., 2009), é reconhecido como indispensável, de modo geral, nos praticantes

desportivos, e deve revelar-se muito relevante no futebol – foco da nossa atenção -, por ser uma modalidade em que há diversas mudanças de escalões etários, com possibilidade de cortes de regularidade na participação, quadros competitivos com diversas particularidades e sucessivas exigências diferenciadas nos respetivos escalonamentos.

A condição, quase dramática, de obrigação de afastamento e abandono desportivo, em especial no futebol, pela reduzida capacidade de acolhimento de praticantes nessas transições, algumas das quais autênticos muros, leva a que se estude este tema com atenção particular.

Há muitas, e muito diferenciadas, transições de carreira nos percursos formativos dos praticantes desportivos, mas não abundam os dados sobre a sua magnitude e suas características, situação também pouco desenvolvida na carreira do futebolista.

Fazendo uso da análise de citações de Bruner et al. (2009), que concluiu haver dois modelos de transição de carreira mais citados até então, descrevemos algumas das suas características dominantes, para melhor localização do tema.

Modelo de Stambulova (1994).

As transições de carreira consideradas neste modelo são incluídas no âmbito mais amplo da carreira desportiva (CD), que se refere à atividade multianual do indivíduo, que se destina a autoaperfeiçoamento e realização em desportos. Ao serem comparados diferentes períodos e abordagens da CD, é possível encontrar pontos críticos distintivos, ou transições de uma etapa para outra que, na psicologia de desenvolvimento, são designadas por crises relacionadas com a idade, quando as fases de transição são análogas.

Nos modelos de carreira, em que são consideradas as transições de carreira, são propostas duas maneiras de descrever a CD, a sintética e a analítica. Estas duas descrições da CD constituem modelos simbólicos teóricos:

O modelo sintético é tido como um todo, um complexo de características objetivas e subjetivas. As quatro características objetivas são: (1) extensão (que refletiu o tempo da CD); (2) generalização/especialização (contexto da CD); (3) nível atingido (informação sobre os principais resultados da CD); e (4) custo (despesa energética dos atletas). Estas características objetivas devem ser complementadas por avaliações subjetivas dos próprios atletas, como a realização (a autoestima da CD) e por outras pessoas, o nível de sucesso (a marca social da CD).

O modelo analítico, como forma estrutural complexa, incluindo certos períodos cronológicos e crises, é apresentado em etapas previsíveis de desenvolvimento, nas quais são consideradas diferentes abordagens para a periodização da carreira desportiva:

(1) Começa por períodos de treino desportivo, em que são apontados, preparação preliminar para o desporto, início da especialização desportiva, treino especial em desporto escolhido e aperfeiçoamento do desporto; este dividido em zona de grandes sucessos, zona de possibilidades ótimas e zona de manutenção de altos resultados desportivos;

(2) Seguido por períodos de qualquer carreira, dividido em preparação, início, apogeu e término;

(3) Continuando com níveis de desporto, em que são assinalados desportos populares de massa, desportos amadores de alta realização e desportos profissionais;

(4) Termina com categorias de idade no desporto, repartido em crianças, juniores e adultos.

Na sequência do estudo sobre as designadas sete crises previsíveis: (1) o início da especialização desportiva; (2) a transição para o treino intensivo especial no desporto escolhido; (3) a transição de desportos populares de massa para desportos de alto desempenho; (4) a transição dos desportos juniores para os desportos adultos; (5) a

transição do desporto amador para o desporto profissional; (6) a transição do culminar ao final da CD; (7) o fim do CD, pode concluir-se que todas estão ligadas, por um lado, a uma mudança na situação social de desenvolvimento do atleta e, por outro, a atitude interna sobre a atividade desportiva.

A partir das duas descrições da CD foram efetuadas duas pesquisas de que resultaram conclusões que confirmaram as principais ideias dos modelos de descrição analítica e sintética da CD.

Em Bruner et al. (2009), este modelo de Stambulova (1994) é muito representativo, as transições de carreira são muito significativas e apresentadas em resultado de estudo empírico realizado com praticantes desportivos relevantes. Para o futuro, é realçada a necessidade de se constituírem, espaços e processos institucionais, de apoio aos praticantes desportivos, para a CD, nomeadamente, nas transições de carreira. Este modelo ocupa, assim, espaço de destacado interesse para os estudos atuais sobre a formação desportiva a longo prazo.

Modelo de Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004).

Este modelo reforça o tema das transições de carreira para a explicação dos percursos formativos a longo prazo, contribuindo para o abandono de uma visão restrita das transições – da vida desportiva, para a vida pós-desportiva – para uma outra, com perspetivas mais amplas, nomeadamente, na exigência a instituições e pessoas pelo enquadramento dos praticantes desportivos. Esta abordagem de Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004) constitui um modelo de desenvolvimento sobre as transições a nível atlético, individual, psicossocial e académico ou vocacional. A análise sugere que o foco, com atletas em transição, passou de abordagens “terapêuticas” para lidar com a possível experiência traumática do fim da carreira atlética, para as diversas transições de carreira, oferecendo apoio e formação aos atletas que fazem transições atléticas e não atléticas.

Na base do modelo há a constatação de que a pesquisa, sobre as transições em desporto, foi realizada, apenas, sobre a retirada do desporto de elite e o abandono do desporto juvenil, ambos explicados como um evento singular e de final absoluto.

Após esta perspectiva de transição de carreira, os pesquisadores sugerem que o término da carreira atlética deveria ser visto como um processo de transição, e não como um evento singular, historiando que, no final dos anos 90, a atenção mudou de uma transição específica, isto é, a finalização da carreira, para uma perspectiva mais abrangente, paralela à pesquisa de desenvolvimento de talentos, prática deliberada e desenvolvimento de carreira.

Neste contexto, passou a observar-se o percurso dos praticantes na globalidade, a transição de carreira deixa de ser entendida como um evento singular final, sendo considerado o percurso de vida, nas transições enfrentadas pelos atletas. Na realidade, não deve ser só uma análise abrangente da carreira atlética e pós-atlética, mas uma análise incluindo as transições enfrentadas por atletas em outros domínios de desenvolvimento, numa posição mais sistémica e mais complexa, reconhecendo as múltiplas implicações e inter-relações da vida do indivíduo/praticante, enquanto entidade plena em prática desportiva.

No seguimento da orientação, e de dados de pesquisa, de alunos-atletas, estudantes-atletas, profissionais e de elite, e de antigos atletas olímpicos, é apresentado um modelo de desenvolvimento das transições enfrentadas pelos atletas, na Figura.1 (em anexo), que inclui transições normativas a nível atlético, individual, psicossocial e académico/vocacional.

Este modelo é constituído por quatro camadas ou componentes. A componente superior representa as fases e as transições, incluindo os três estágios identificados por Bloom, (1985, citado por Wylleman et al., 2004) e mais um de descontinuação. A segunda

componente inclui transições que se verificam na infância, adolescência e idade adulta jovem. A terceira componente contém mudanças no desenvolvimento psicossocial relativas ao seu envolvimento atlético, na família, nas relações entre pares, com o treinador-atleta, também as conjugais e outras relações interpessoais. A componente final inclui etapas e transições no nível acadêmico e vocacional.

Este modelo também se ocupou de reconhecer o contributo de diversas organizações, na gestão das carreiras, verificando-se que foram desenvolvidos programas de transições de carreira de atletas e de promoção de competências para a vida, que ofereciam suporte na transição de uma carreira atlética, para a vida após a retirada, geridos principalmente por órgãos governamentais nacionais de desportos, comités olímpicos nacionais e federações desportivas específicas. Em geral, os tópicos desses programas são aspetos sociais, aspetos relevantes para um estilo de vida equilibrado, competências de gestão pessoal, ocupação profissional e vocacional, aspetos relevantes para a retirada (reforma) profissional.

Como conclusões os autores sintetizam este modelo em quatro dimensões:

Primeiro, a mudança de perspetiva, ou seja, a da finalização da carreira, em que o foco de interesse se ampliou para uma outra perspetiva de vida, incluindo diferentes domínios das transições não atléticas, contendo o nível psicológico, psicossocial, académico e vocacional;

Segundo, a mudança de uma perspetiva teórica para a testagem e desenvolvimento de modelos conceituais, com modelos de término de carreira e de transição de carreira;

Terceiro, mudança em que os investigadores alargaram a atenção das causas e consequências da transição final de carreira, para a identificação de fatores psicológicos, qualidade das transições, como, por exemplo, identidade atlética, habilidades transferíveis e habilidades relacionadas à transição;

Quarto, em que mudou, do desenvolvimento dos programas de término da carreira e pós-carreira, para a avaliação de estratégias de intervenção, programas e serviços.

Investigação emergente.

Generalidades sobre investigação emergente.

A designação Investigação Emergente é usada para incluir um conjunto de estudos e propostas de FDLP que surgiu depois da análise de Bruner et al. (2009), já amplamente referenciada, e também de outros que, sendo anteriores, e não fazendo parte dos mais citados pelos investigadores, contêm aspetos que são interessantes para o estado da arte.

Encontramos em Balyi (2001) uma conjugação de elementos que é importante termos em conta, nos modelos formativos em geral, e que é pormenorizada por Balyi e Hamilton (2004), destacando-se os conceitos de modalidades de maturidade precoce ou tardia, associados a etapas, com alguma distinção, para o género masculino e feminino. Esta diferenciação maturacional na ontogénese masculina e feminina, apesar de reconhecida pela ciência, é frequentemente ignorada nos modelos formativos, como verificámos nos que já apreciamos nos capítulos anteriores. Nestes casos, em Balyi (2001), são consideradas as particularidades de várias modalidades e, segundo o autor, os desportos de especialização precoce exigem um modelo em quatro estágios, enquanto os desportos de especialização tardia exigem um modelo de cinco estágios, como segue:

Especialização precoce:

1. Treinar para treinar;
2. Treinar para competir;
3. Treinar para ganhar;
4. Aposentação / retenção;

Na especialização tardia, cruzando as etapas, com as diferenças de idades pelo género, apresenta a seguinte distribuição:

1. FUNdamentos (FUN – diversão) – Ambos - Masculino e feminino – 6 a 10 anos de idade;
2. Treinar para treinar – Masculino – 10 a 14 e feminino – 10 a 13 anos de idades;
3. Treinar para competir – Masculino – 14 a 18 e feminino – 13 a 17 anos de idades;
4. Treinar para ganhar – Masculino – 18 anos e mais e feminino – 17 anos de idade e mais;
5. Aposentação / retenção.

Nesta sistematização é apresentada uma nota, alertando para que as idades descritas acima são diretrizes gerais, pois o ritmo individual de desenvolvimento/maturação influenciará a forma como os atletas alcançarão as várias etapas do desenvolvimento a longo prazo. Alguns atletas de maturação precoce podem ter uma vantagem fisiológica de quatro anos, em relação a seus pares de maturação tardia (Ross et al. 1977, citado por Balyi, 2001).

Não obstante esta referência à diferença de género e o alerta explícito e claro, sobre as diferenças individuais, surgem críticas muito severas e pormenorizadas ao modelo LTAD de Balyi (2001), Balyi e Hamilton (2004), que são apreciadas seguidamente.

Abordagens da FDLP na investigação emergente.

Uma das referências que surge na bibliografia tem como denominador comum, Rhodri Lloyd, de modo geral ligado à formação desportiva no desenvolvimento físico. Baseadas parcialmente no modelo de Balyi e Hamilton (2004), estas propostas de estudo da FDLP - que designaremos por abordagem de Loyd, por facilidade de linguagem - focam-se nas variáveis físicas. Detalham estudos sobre o que consideram ser abordagens adequadas, de aspetos particulares, da força, velocidade, resistência, etc., no sentido de refletir e propor, aos intervenientes do processo formativo desportivo, que considerem determinados requisitos e condições para o seu treino e preparação.

Ford et al. (2011) referem-se ao modelo LTAD, por ter sido proposto por órgãos governamentais nacionais, para considerar a abordagem do desenvolvimento do talento, deixando uma crítica ao modelo, por ter em conta períodos sensíveis conhecidos como janelas de oportunidade. Lloyd e Oliver (2012) dizem que esses modelos têm o problema de serem classificados pela idade cronológica, o que foi considerado uma solução falhada, pelas diferenças nas taxas de desenvolvimento de idade cronológica e maturidade biológica.

Na fundamentação para estes percursos do desenvolvimento físico, é criticado o conceito de janelas de oportunidade mas, em simultâneo, Lloyd e Oliver (2012), identificaram a existência de períodos naturais de adaptação acelerada para uma série de qualidades biomotoras. Esta crítica não parece adequada porque os próprios autores justificam o reconhecimento e aproveitamento destas oportunidades, com argumentos objetivos, afirmando que nessa predisposição morfofuncional, as adaptações relacionadas à maturidade são o resultado de concentrações aumentadas de andrógenos, diferenciação do tipo de fibra, trifosfato de adenosina em repouso e níveis de fosfato de creatina, e posterior desenvolvimento arquitetural das unidades musculotendíneas.

Este conceito, por ser definido por janelas de oportunidade, deixa perceber que não é algo fechado e irreduzível mas um indicador ajustável a diversas circunstâncias, parecendo, assim, contraditórias as críticas, quando, quem as pronuncia, assume que Balyi também defende que as janelas de oportunidade não são rígidas, e contemplam a individualização, com variações biológicas e maturacionais.

Ford et al., (2011) sugerem que o modelo LTAD seja visto como um trabalho em continuidade, e um desafio para estudo, com Lloyd e Oliver (2012) a referirem que “o modelo de desenvolvimento do atleta a longo prazo (LTAD) tem em consideração os

estados maturacionais da criança e oferece uma abordagem mais estratégica para o desenvolvimento atlético dos jovens” (p. 61).

Em particular o estudo de Ford et al. (2011,) proclama, enfaticamente:

O objetivo desta revisão é examinar componentes de aptidão fisiológica localizados dentro do modelo LTAD com relação à treinabilidade, para distinguir se isto foi efetivamente englobado dentro das prescrições do modelo, e para avaliar diretamente o conceito de “janelas de oportunidade “. (p. 390)

Esta abordagem de Ford et al. (2011) foca-se no desenvolvimento físico, sendo feita concretamente uma apreciação dos conceitos de literacia motora, desempenho aeróbio, desempenho anaeróbico, força, potência com referências a alguma literatura produzida sobre condições consideradas oportunas, baseado em etapas do crescimento dos indivíduos, como a puberdade ou a adolescência.

Ford et al. (2011) consideram que a orientação mais adequada para ajudar a otimizar a preparação do desempenho atlético a longo prazo é o modelo LTAD (de Balyi & Hamilton, 2004), continuando os mesmos autores com o reforço de posição referindo que “este modelo recebeu apoio em textos de *coaching* contemporâneos (Balyi & Stafford, 2005; Balyi & Williams, 2009)”(p. 398). Retiram, ainda, mais uma conclusão desalinhada com as suas próprias críticas ao modelo LTAD, afirmando que, seguramente, esse modelo consegue oferecer aos praticantes uma estrutura de *coaching* baseado em princípios plausíveis.

Em agosto de 2012, noutra crítica ao modelo de Balyi e Hamilton (2004), Lloyd et al. (2012), diziam que “apesar do excesso de evidência subjetiva e falta de pesquisa científica revisada por pares, para apoiar a existência de janelas de oportunidade (27), o modelo LTAD, pelo menos, oferece uma abordagem estruturada para o desenvolvimento atlético juvenil” (p.57). Em junho do mesmo ano, parte dos autores desta posição - em

parte crítica e em parte de apropriação do modelo -, Lloyd e Oliver (2012), consideravam que o referido modelo tinha em conta a maturidade dos praticantes, na proposta das janelas de oportunidades, para abordagem abrangente da formação desportiva a longo prazo.

Esta abordagem com Lloyd tem, então, em referência as etapas propostas no LTAD, mas centradas no treino físico, com propostas específicas para diferentes capacidades. Ela surge com nova roupagem, com o Modelo de Desenvolvimento Físico de Jovens (Youth Physical Development Model) de Lloyd e Oliver (2012), como proposta para desenvolvimento a longo prazo, de diferentes qualidades físicas e padrões motores de crianças e jovens.

O modelo aborda o desenvolvimento físico desde a infância à idade adulta (dos 2 aos 21, ou mais, anos de idade), recomendando orientações para o treino de atletas de ambos os géneros. O modelo suporta-se em dois conceitos, que se sobrepõem, com duas grandes componentes, a saber, Habilidades Fundamentais de Movimento (HFM) e Habilidades Específicas Desportivas (HED).

Nesta abordagem com Lloyd (Lloyd et al., 2012; Lloyd & Oliver, 2012) é dito expressamente que desenvolvimento atlético, se refere ao desenvolvimento físico da juventude, que, por sua vez, respeita ao treino de componentes para saúde, habilidades e desempenho, relacionadas com condição física. Os conceitos de HFM, segundo Lloyd et al. (2015 a), referem-se a habilidades de locomoção, como corrida, saltitar e salto; manipuladoras, como seja captura, arremesso, agarramento e golpeamento; e de estabilização, isto é, equilíbrio, rotação e antirrotação, e apoios. É, também, proposta a fusão de talento e desenvolvimento atlético, no que consideram ser um modelo holístico, designado por modelo composto de desenvolvimento da juventude (*COMPOSITE YOUTH DEVELOPMENT – CYD - MODEL*).

Lloyd et al., (2015 a) partem de 5 modelos para esta divisão, 3 de desenvolvimento de talento e 2 de desenvolvimento atlético, incluindo no desenvolvimento de talento, o modelo diferenciado de superdotação e talento (de Gagné, 1993); o modelo de desenvolvimento de talentos em educação física (de Bailey & Morley, 2006); e o modelo de desenvolvimento da participação desportiva (de Côté, Baker et al., 2007); e relativos ao desenvolvimento atlético, o modelo de desenvolvimento de atletas de longo prazo (de Balyi & Hamilton, 2004); e o de desenvolvimento físico da juventude (de Lloyd & Oliver, 2012).

Lloyd et. al. (2015 b) retomam alguns dos fundamentos utilizados na literatura, defendendo que abordagens da formação desportiva a longo prazo sejam de atividades diversas, e de experimentação em vários desportos ao longo da infância, como sendo o mais adequado, para a melhoria da coordenação motora grosseira e futuro desempenho atlético, em fases da vida mais avançadas. É também contestada a regra das 10.000 horas ou 10 anos de prática deliberada como garantia de atingimento do sucesso, porque essa prática específica não garante sucesso e pode não ser necessária para atingir níveis de elite em fase mais adiantada da vida.

Esta posição não está em linha com a de Stafford (2005) que, referindo-se à regra dos 10 anos, sugere o intervalo de 8 a 12 anos de preparação e treino, para um praticante talentoso atingir os mais elevados níveis de prática.

Lloyd et al. (2015 b), a propósito da diversidade de estímulos e vivências, retomam a convicção de ser importante, para o desenvolvimento desportivo, que as crianças e os jovens sejam envolvidos numa variedade de padrões de movimento, como garantia de que possam executar, com competência, uma variedade de habilidades motoras em diversas atividades, e diversos envolvimentos, antes de se especializarem em padrões de movimento específicos de um único desporto. Os autores defendem que um atleta jovem

deve ser capaz de produzir repetidamente uma gama de capacidades de movimento de alta qualidade, antes de ser exposto aos rigores do treino desportivo repetitivo.

Alertando para a possibilidade de consequências nefastas para praticantes que entram no treino específico e exigente das modalidades, sem a referida preparação básica anterior, Lloyd et al. (2015 b), equacionam a possibilidade de excesso de atividade realizada nas modalidades, com a argumentação de que poderá estar mais relacionada com excessos e erros relativos a idades e práticas de duvidoso suporte científico, do que a circunstâncias metodológicas intrínsecas às próprias modalidades.

Os eventuais erros metodológicos das modalidades não são alvo de propostas de correção, para se focarem no global das carências identificadas, mas sim de complementos de trabalho dito físico, como seja o caso de propostas de intervenção, para que os profissionais utilizem mesociclos de transição para cuidarem de quaisquer limitações físicas encontradas.

Merece também referência o que se considera ser a responsabilidade da Educação Física, e dos seus professores, procederem ao desenvolvimento de diferentes aspetos da saúde e condição física (*fitness*). Aqueles autores tiram a conclusão de como o designado problema 5: provisão atual de educação física, se resolve, segundo Lloyd et al. (2015 b), com a formação e intervenção daqueles docentes em apropriados currícula de desenvolvimento atlético para toda a juventude.

Parece consensual haver espaço para os contributos destas atividades nos conceitos de diversificação motora, porém, equacionar a formação desportiva, prioritariamente suportada nestas áreas, parece não corresponder à prossecução dos objetivos declarados dos sistemas desportivo e educativo.

Estas abordagens com Lloyd, têm, assim, a virtude de alertarem para aspetos particulares do desenvolvimento a ter em conta na FDLP mas, por outro lado, focam a

crítica em dois aspetos, (i) a ausência da totalidade de fatores determinantes dos percursos formativos e (ii) a desconsideração da individualidade, em muitos dos modelos descritos na literatura, crítica essa que nos parece injusta e mal fundamentada.

Noutra linha mais abrangente coloca-se Stafford (2005), enquadrando as suas propostas em percursos implicados especificamente na preparação desportiva. Não obstante as restrições identificadas do conceito da regra dos 10 anos e da prática deliberada, muito implicados na proposta esquematizada por este autor, os pressupostos do desenvolvimento de atleta a longo prazo (DALP - LTAD) suportam-se numa estrutura que adota uma abordagem sistemática para o desenvolvimento de atletas, cujos resultados melhoram o desempenho, promovem a participação ao longo da vida e melhoram a literacia motora.

A partir destes pressupostos é apresentado um modelo de formação dos praticantes e de formação para treinadores no Reino Unido, com etapas sucessivas, e diferenciadas em idades para rapazes e raparigas, que apresenta, em traços largos, a seguinte sequência: FUNdamentos (6-8 raparigas, 6-9 rapazes), com referência a FUN (diversão); Aprender a treinar (8-11 raparigas, 9-12 rapazes); Treinar para Treinar (11-15 raparigas, 12-16 rapazes); Treinar para competir (15-17 raparigas, 16-18 rapazes); Treinar para vencer (mais de 17 anos femininos, mais de 18 masculinos).

Uma referência a considerar, entre outras razões, por ter estudado retrospectivamente um conjunto de pesquisas muito significativas neste âmbito – o DMSP – como os próprios autores do modelo referem, resulta de muitos anos de investigação, filtragem de conhecimento e reflexão sobre a investigação realizada nesta matéria, trazendo ao debate aspetos entre especialização e experimentação na formação desportiva (Côté & Hay, 2002; Côté, Lidor & Hackfort, 2009; Côté & Vierimaa, 2014).

Côté et al. (2009) apresentam 7 postulados acerca das atividades desportivas dos jovens que, segundo eles, conduzem à participação continuada e ao desempenho de elite.

Mais tarde, Côté e Vierimaa (2014) realizam um estudo sobre o DMSP, referindo ocorrer após 15 anos da primeira concetualização. Esclarecem que tiveram como objetivo, avaliar de forma sistemática, a qualidade das evidências empíricas que apoiam cada um desses sete postulados, com recomendações de boas práticas, para ajudar na orientação de políticas desportivas em cada uma dessas áreas.

O interesse especial desta revisita aos sete postulados é que ela foi realizada com um processo de avaliação da evidência. Foi usada uma versão adaptada da abordagem GRADE, para avaliar a qualidade das evidências que suportam cada um dos postulados do DMSP, na pesquisa de desenvolvimento de talentos no desporto, e concentrou-se em quatro aspetos das diretrizes GRADE, isto é: (a) projeto de estudo; (b) qualidade do estudo; (c) consistência; e (d) franqueza.

Como consequência da avaliação foi obtido um resultado já filtrado no tempo. Importante referir que esta avaliação é muito interessante, por um lado, porque está reforçada pela possibilidade de reflexão, no tempo que medeia entre a primeira publicação dos 7 postulados, em 2009, e este estudo de 2014 e, por outro, porque este de 2014, como o próprio título realça, o modelo (DMSP) é publicado 15 anos depois da sua primeira concetualização. Este intervalo de tempo possibilitou, igualmente, muita reflexão sobre as suas virtudes e fraquezas, assim como muito contraditório para apreciação do seu valor e interesse, reforçado por esta avaliação com a abordagem Grade.

Para mais fácil leitura das qualidades verificadas no estudo, apresenta-se o Quadro 1 (em anexo), que resume os respetivos resultados.

Como se pode verificar nenhum dos 7 postulados é considerado incerto. Para alguns é reconhecida a necessidade de continuar estudos e, nalguns casos, aprofundamento, mas

para cada um em particular e, especialmente no seu conjunto, as orientações que deles emanam, são suficientemente válidas, para serem seriamente tidas em conta, quando se aborda a FDLP.

Ao longo da investigação realizada sobre a FDLP, foram surgindo vários modelos de aplicação, que são interessantes, e reveladores das preocupações de muitas instituições e, apesar de não acrescentarem muito ao conhecimento sobre esta matéria, porque não são filtrados por investigação sobre as qualidades dessas opções, merecem, no entanto, ser referidos por fazerem parte do repertório disponível sobre a matéria.

Como exemplos representativos consideramos: (i) CSL/LTAD (2016), Canadian Sport for Life: Long-term athlete development; (ii) White (n.d.), Washington Youth Soccer – Long Term Player Development; (iii) Simmons (2005), FA’s Long Term Player Development (LTPD) Model; (iv) UKA Athlete Development Model (UKA – United Kingdom Athletics) (n.d.); (v) MacPhail, Lyons, Quinn, Hughes e Keane (2010), LISPA (Lifelong Involvement in Sport and Physical Activity - Irish Sport Council).

O nosso propósito, de apreciação de várias posições de investigação sobre a FDLP, é encontrar conhecimento relevante, mais do que identificar e catalogar modelos formais sobre a matéria. Também no caso de Davids, Araújo, Seifert e Orth (2015) essa condição se coloca, desde logo na denominação usada, quando designam por perspectiva ecológica o que, independentemente de constituir ou não um novo modelo, inclui novos dados relativamente a outros estudos. O que é apresentado por Davids et al. (2015) corresponde a mais uma abordagem, esta de carácter ecológico e, nessa dimensão, uma posição evolutiva e inovadora, com o reconhecimento do percurso já desenvolvido no estudo da expertise, sendo referido que “propriedades relevantes complementam as características físicas, os processos psicológicos, emocionais e sociais que continuam a restringir as interações atleta-ambiente. (Chow, 2013; Seifert et al., 2013 a)” (p. 273). Esta abordagem

é claramente definida, nos seus contornos de relacionamento íntimo e indispensável, entre praticante e meio envolvente. Faz, também, uso de muito conhecimento já existente, integrando-o numa visão sistémica, que reforça a sua efetiva utilidade. Distancia-se de outras posições mais lineares e parcelares, visto que, segundo Davids et al. (2017), a dinâmica ecológica considera os atletas e as equipas desportivas, como sistemas adaptativos complexos, que têm de ser indiscutivelmente entendidos na relação praticante-ambiente.

Esta abordagem ecológica enquadra-se no que consideram ser a área do desenvolvimento do talento no desporto, enquanto grande espaço da formação desportiva e de correspondente investigação.

Nesta perspetiva ecológica é feito um reforço do carácter singular em que os processos formativos ocorrem, verificando-se que, segundo David et al. (2017), o conceito de o talento tem sido entendido como um relacionamento aprimorado e funcional desenvolvido entre um praticante e um ambiente de desempenho específico, mas diferenciado nos desportos, desde escalar uma parede vertical ou jogar num jogo de equipa.

Também, tendo em conta a interligação de inúmeros aspetos que se conjugam, quando se considera uma perspetiva complexa e dinâmica:

O talento não é definido pelo conjunto fixo de componentes genéticos ou adquiridos de um jovem atleta, mas sim por um relacionamento dinâmico variável capturado pelas restrições impostas pelas tarefas experimentadas, pelo ambiente físico e social e pelos recursos pessoais de um executante (Araújo & Davids, 2011)” (Davids et al. 2017, p. 193).

Estes autores referem que atletas talentosos são os que adquirem um favorável relacionamento com um ambiente de desempenho, após muitos anos de experiências de

alta qualidade, na prática e no desempenho. Tem de ser tido em conta que o potencial dos indivíduos varia ao longo do tempo, seguindo evoluções particulares para cada individualidade, e que essa individualização, dos percursos formativos, é indispensável, visto ser sujeita a irregularidades típicas das características singulares dos praticantes. Por isso, os autores acrescentam outra conclusão, relevante em sociedades imediatistas, como a nossa, dizendo que “devido à não-linearidade dos processos de desenvolvimento em sistemas adaptativos complexos, argumentou-se que uma identificação de talento confiável e precoce é impossível (ver Araújo & Davids, 2011 e Capítulo 7 deste volume)” (Davids et al. 2017, p. 193).

Os autores propõem uma sistematização alternativa, que entendem ser necessária para conjugar uma visão ampla do processo formativo, com uma outra, mais estreita e refinada. Consideram haver contraste ou, pelo menos, falta de articulação, entre as duas dimensões da investigação que tem sido efetuada, uma mais centrada nos percursos, e outra, com mais detalhe sobre atividades vivenciadas pelos praticantes. Colocam dúvidas sobre o modo como histórias de participação, no desenvolvimento dos praticantes, é feita na análise de quantidades de tipos de atividades, definidas em grande escala de períodos longos de idade - no que é designada a macroestrutura do percurso -, e como ela é mapeada, na microestrutura da prática (Davids et al. 2017). É defendido que se deva proceder a uma observação mais refinada dos dados disponíveis, examinar processos específicos, em que os atletas talentos podem sofrer mudanças de desempenho, por meio da aprendizagem motora, e de que modo são ou não reveladas comuns na análise de macro e microestrutura.

A informação relativa às duas escalas de atividades, vividas pelos praticantes, reflete-se nas proposições para a investigação e como referenciais para programas para os percursos formativos. Por isso, é sugerido por David et al. (2017) que as estratégias de

desenvolvimento devam dar atenção particular ao que é projetado na referida microestrutura da prática, de forma a aprimorar a aprendizagem de habilidades e experiência desportivas, por meio de tarefas com orientação concreta nos ambientes de treino. Interessa projetar na macroestrutura mas, também, numa abordagem mais refinada, ao que os praticantes efetivamente devem treinar.

O carácter de especificidade é reforçado pela importância atribuída à escala mais estreita das atividades, tendo em conta o praticante mas, também, com muito ênfase, no contexto em que o indivíduo se movimenta. Para isso, é preciso estudar as condições de adaptação de praticantes, em contextos e funções da atividade prática, programada na microestrutura, com tarefas práticas, simulando situações significativas e bem-sucedidas, relevantes em âmbito competitivo.

Reconhecendo a importância do repertório de recursos que o praticante do topo tem de possuir, para o desempenho desportivo na elite, Davids et al. (2017) consideram alguns princípios, de uma lógica de dinâmica ecológica, que inclui referências, em que (i) as soluções motoras funcionais emergem de co-adaptações contínuas de praticantes para constrangimentos ambientais e de tarefas; (ii) a microestrutura da prática deve ajudar os atletas a desenvolverem soluções motoras individualizadas e contextualmente funcionais, em vez de tentar reproduzir uma técnica padrão ou um modelo de movimento ideal; deve também ajudar os atletas a tornarem-se sensivelmente adaptados às afordances, explorando resultados de desempenho alcançados de diferentes maneiras e; (iii) a aprendizagem motora suporta a transferência para ambientes de desempenho, gerais ou específicos, dependendo da qualidade da informação em tarefas de prática.

Após esta detalhada abordagem, e tendo em conta que aquelas mudanças necessitam de adaptações conjugadas, que vão moldando o desempenho de habilidades, numa relação não linear entre esses praticantes desportivos e os desportos, é enquadrada uma conclusão

por Davids et al. (2017) segundo a qual se torna praticamente impossível a identificação de talentos. Nesta abordagem ecológica é reafirmado, pelos mesmos autores, que parece faltar um enquadramento teórico conjunto, entre a literatura produzida, sobre aquisição de habilidades, e sobre desenvolvimento do talento a longo prazo, cuja tendência tem sido de se desenvolverem em separado, com poucas tentativas de integrar os respetivos saberes.

Na proposta macroestrutura de percursos formativos são considerados os temas da especialização e diversificação, assim como a questão das atividades e respetivas quantidades, praticadas pelos indivíduos que chegaram ou não à elite das modalidades, tendo em conta o que se passa em diferentes etapas da infância e adolescência mas, também, comparando tipos de práticas vividas entre praticantes que atingiram diferentes níveis de elite - de categoria nacional ou mundial -, utilizando conceitos de diferenciação nessa elite, que estão em linha com as bases da sistematização, da taxonomia proposta por Baker et al. (2015).

Partindo destes pressupostos, são reunidos conhecimentos que contribuem para clarificar se se pretende sucesso rápido e prematuro, ou resultados desportivos sólidos. É referido por David et al. (2017) que há evidência de que, praticantes juvenis mais realizados, acumularam mais atividades desportivas específicas, do que os menos bem sucedidos, em especial, participando em prática / treino específico mais organizado, em todos os estudos e, terem participado em mais desporto específico, em jogo não organizado, nalguns estudos (são exemplificados Ford & Williams, 2012 ; Güllich & Emrich, 2014; Law et al., 2007; Weissensteiner et al., 2008, p. 197). Os mesmos praticantes mais realizados não revelaram ter tido maior envolvimento noutros desportos, pelo contrário, nalguns casos, bastante menos.

Verificamos, portanto, que os praticantes jovens mais diferenciados focaram a sua participação em atividades da própria modalidade, tanto em treino formal como em práticas menos formais. No entanto, quando comparado com praticantes que atingiram elevada diferenciação sénior, a constituição das práticas, em idades mais jovens, é diversa, da que apreciámos na comparação entre jovens mais e menos qualificados. Assim, os praticantes adultos de classe mundial, de forma consistente, não acumularam mais prática/treino do desporto específico organizado de infância/adolescência do que os seus homólogos de classe nacional, em vez disso, eles até experimentaram significativamente menos práticas/treino específicas iniciais em vários estudos (são exemplificados Carlson, 1988; Güllich, 2013, 2014, 2015; Güllich & Emrich, 2014; Hornig, 2016; Johnson et al., 2006; Moesch et al., 2011, 2013; Van Rossum, 2000, p. 197). Acresce, a esta menor exposição a práticas específicas da modalidade, o facto do seu envolvimento organizado, noutros desportos, ter sido consistentemente sobrerrepresentado em indivíduos de classe mundial e eles terem participado em quantidades significativamente maiores, de volumes de atividades organizadas, em diferentes desportos.

É constatado pelos mesmos autores que estes praticantes de nível mais elevado, categorizados de classe mundial, envolveram-se em diferentes desportos por períodos plurianuais, com especial referência até ao final da adolescência e mesmo para além dela, especializando-se significativamente mais tarde do que os praticantes de nível nacional. Foi ainda verificado que atletas de classe mundial participaram mais em jogos não organizados no seu desporto principal e/ou noutros desportos.

Desta forma, é levantada a possibilidade de serem distintos os padrões de participação, que conduzem ao sucesso juvenil precoce, e ao sénior no longo prazo, visto que Davids et al. (2017) afirmam, que a especialização precoce, a intensificação das

atividades de treino e a escassa participação noutros desportos, favorecem em especial o sucesso juvenil rápido. O conhecimento atual permite afirmar, segundo os mesmos autores, que, em vez daquela precocidade, a especialização tardia, combinando treino específico / treino moderado precoce, com experiências desportivas variadas não organizadas, facilita o percurso favorável a longo prazo, para posterior alto desempenho superior em muitos atletas.

Posição semelhante é assumida por Macnamara et al. (2016) que afirmam, ser uma descoberta importante, saber-se que atletas que atingiram um alto nível de habilidade, não iniciaram, no seu desporto, mais cedo na infância, do que os atletas de baixo nível, pondo assim em causa a noção de que, os que atingem mais altas habilidades, tendem a iniciar um desporto em idade mais jovem, do que praticantes com habilidades de nível mais baixo.

Estas preocupações não colidem com o reconhecimento da necessidade da participação em atividades específicas de modalidade porque, como os dados obtidos permitem verificar, segundo Davids et al. (2017), todos os atletas de elite acumularam quantidades consideráveis de prática / treino desportivo, em prazos mais longos, mas o volume de prática / treino específico, por si só, não discrimina os praticantes, entre os níveis mais altos de sucesso sénior. Assim, segundo os mesmos, se se estabelecer a interação dessas práticas específicas, com as não específicas, já se verifica uma diferença entre praticantes na elite sénior, sendo demonstrado, de forma notável, que “os atletas de classe mundial sénior diferiram dos seus pares de classe nacional, particularmente na prática/treino organizado em vários desportos que normalmente durou vários anos e principalmente inclui participação em competições (Güllich, 2013, 2014, 2015; Güllich & Emrich, 2014; Hornig et al., 2016)” (Davids et al., 2017, p. 198).

Colateralmente a estas reflexões, Leite et al. (2009) alertam para o facto de que, em estudos efetuados por diversos autores, é referido que a especialização prematura na infância, não parece ser essencial para um desempenho desportivo excecional quando adulto.

Também Baker et al. (2003) sugeriram que o número de horas de prática necessárias para se tornar um perito, foi inversamente relacionado com a amplitude da experiência desportiva inicial. Dito de outra forma, quanto maior o número de atividades, que os praticantes experimentaram e praticaram, nos seus anos em desenvolvimento, menos prática deliberada e específica na sua modalidade foi necessária, para adquirir níveis elevados de especialização. Os mesmos autores apontaram para que, a participação noutras atividades significativas, como por exemplo desportos em que a tomada de decisão é necessária, durante fases temporonas de desenvolvimento, melhoram as habilidades físicas e cognitivas necessárias para o seu desporto principal. Estas posições levam à asserção de que, experiências desportivas adicionais à modalidade específica, durante os anos de desenvolvimento / experimentação, contribuam para a consecução subsequente de competências específicas da modalidade eleita.

Nestas abordagens sobre percursos, Davids et al. (2017) alertam, então, para o facto de a investigação apontar para que, padrões de participação que levarão ao sucesso juvenil precoce, e a longo prazo sénior, serem, provavelmente, diferentes. É relevante reafirmar que, em alternativa, a combinação de treino / treino moderado precoce, com diversas experiências desportivas não organizadas e especialização tardia, facilita o desenvolvimento posterior a longo prazo, de desempenho de alto nível em muitos atletas.

Nesta abordagem ecológica, encontramos um traço muito característico, um polo de combinação das macro e microestruturas dos percursos formativos, que é o conceito de *afordances*. Para clarificar o conceito, é dito que “as *afordances* não são *entidades*

ambientais que são percebidas, mas sim *relações funcionais* formadas entre um praticante individual e um ambiente de desempenho” (Davids et al., 2017, p. 199).

Este conceito constitui um polo de combinação de diferentes variáveis influentes para os processos formativos. Parece decisivo para que os estudos, e as propostas dos percursos a colocar à disposição dos praticantes, não se limitem a grandes linhas de orientação mas que penetrem na microestrutura da prática - em que os treinadores têm condições para projetar um quadro de meios para atletas desenvolverem atividade - que considerem, que oportunidades, um objeto, uma superfície ou outro indivíduo, podem proporcionar a cada atleta, para ações específicas do desporto.

Nesta abordagem ecológica é apresentada uma definição, em concordância aos seus fundamentos, e, a propósito das implicações para o desenvolvimento do talento, é referido que “conceitualizando o ‘talento’ como a natureza do relacionamento funcional com um ambiente de desempenho, subjacente ao potencial de um atleta para desenvolver a excelência futura, é fundamental notar que não é uma característica estática fixa” (David et al., 2017, p. 201).

Esta definição de talento, para além da perspectiva dinâmica e interligada ao envolvimento, afirma, também, a possibilidade do seu desenvolvimento, sugerindo que o talento pode ser influenciado e construído e, também, expandido. É atribuída elevada importância ao conhecimento de como a prática, na infância e adolescência, contribuem para o desenvolvimento de habilidades subsequentes a longo prazo, tendo em conta a relação do praticante com o ambiente de prática.

Nesta abordagem é considerado que a combinação das duas dimensões de estrutura da atividade, isto é, aumentando vivências de atividades motoras específicas e não específicas, no início da formação - na macroestrutura -, com diferentes tarefas e constrangimentos, que se possam criar, no envolvimento para cada indivíduo, no decurso

da prática - na microestrutura -, se ajudará, os jovens praticantes desportivos, a acumular trabalho mais amplo, mais refinado e aumentar o quadro de experimentação.

Não basta estabelecer etapas genéricas, é necessário ir a detalhes de práticas e condições em que ocorrem, numa combinação complexa de fatores interferentes na potenciação dos indivíduos, para os níveis possíveis de atingir por cada um. Esta visão detalhada, ampla e complexa, segundo Davids et al. (2017), deixa em reflexão que, para o desenvolvimento do talento, há probabilidade das soluções poderem ser aprimoradas, com a variação intraindividual de habilidades internas, habilidades transversais e atravessando níveis desportivos; e, também, pluralidade interindividual de perfis de praticantes.

Atendendo à complexidade que o assunto encerra, é considerado que os percursos formativos, para os diversos praticantes de elite, não podem ser estudados de forma simples e linear. Esta visão combina, diferentes tipos de atividades, e dados dos percursos dos praticantes, com tipos de atividades vividas, assim como condições de envolvimento, numa integração das questões pertencentes às macro e microestrutura dos percursos formativos. Davids et al. (2017) concluem que, investigar quais propriedades, ou combinações de propriedades das atividades desportivas, beneficiam quais desses resultados, exige registar propriedades relevantes de forma dimensional e individual.

A observação do esquema de ilustração – proposto pelos autores -, das grandes linhas de tipos de atividades, referidas na literatura, permite uma leitura da complexidade com que essas informações se relacionam, e favorece o entendimento, que esta perspetiva ecológica coloca, na integração de muitos conhecimentos disponíveis na investigação sobre a formação desportiva para as elites. Por isso, dada a sofisticação do esquema referido, ele será colocado (em anexo) na forma da versão original (designação original

– *Figure 14. 2*; com tradução integral em português, Figura. 2), para que não se perca nenhum do sentido didático da sua construção.

Taxonomia de habilidades no desporto.

Para aumentar a diversidade de circunstâncias da FDLP temos ainda de considerar o destino, isto é, o nível atingido pelo praticante que designamos por perito, porque temos considerado indiferentemente como peritos, indivíduos que têm competências desportivas bastante diferenciadas. Por isso, recentemente foi proposta uma taxonomia, de níveis de habilidades nos praticantes desportivos, que se considera muito interessante. Esta taxonomia, segundo os seus autores, foi projetada para fornecer um sistema geral de categorizar habilidade através do desporto e delinea as diversas etapas na aquisição de habilidades. A taxonomia apresentada na Figura 3 (em anexo), e proposta por Baker, Wattie e Schorer (2015), principia com as fases iniciais de desenvolvimento de competências, que começam com iniciante (sem habilidade), e novatos (habilidade limitada), e passa para as fases intermédias, de transição do desenvolvimento (níveis básicos, intermédios e avançados de habilidade), antes de atingir níveis de topo (i.e., especialista e perito).

Esta proposta taxonómica, para além do que reflete, sobre percursos formativos a longo prazo, destaca-se, particular e especialmente, pela diferenciação que estabelece nos níveis atingidos pelos praticantes no topo das modalidades.

Determinantes psicossociais do desenvolvimento a longo prazo.

A evolução da investigação e do conhecimento sobre os percursos formativos no desporto começou, como referido anteriormente, por ser centrado num reduzido número de aspetos, que se foi alargando e conjugando para melhor entendimento da sua extensão e complexidade.

A inclusão de determinantes psicossociais é natural, dada a sucessiva tendência de alargamento e aprofundamento das variáveis necessárias ao entendimento dos percursos formativos no desporto.

A propósito das transições de carreira, já referidas, Wylleman et al. (2004) diziam que a inclusão deste conceito, em diversas fases da carreira dos praticantes, tinha resultado numa perspetiva holística dessas transições. Também considerando as transições de carreira, ainda muito centradas na passagem para a vida pós-competitiva, detalhando algum do historial sobre este tema, Wylleman et al. (2004) referiam-se ao domínio da psicologia do desporto, como aquela que se ocupou do conceito, pelo interesse dos psicólogos e cientistas sociais, durante a década de 1970 - início dos anos 80 - no modo como os ex-atletas “lidavam com o evento de aposentadoria de desportos competitivos e profissionais de alto nível (e.g., Haerle, 1975; Hallden, 1965; Mihovilovic, 1968)” (p.8).

Na reflexão sobre o conhecimento na formação desportiva, com a inclusão das transições de carreira, Bruner et al. (2009) relevam a importância do alargamento dos modelos e defendem que “investigação adicional é necessária para explorar fatores psicossociais que afetam a preparação do jovem atleta em diferentes fases das transições de carreira” (p.33).

Salientando a inclusão destes fatores na investigação, os mesmos autores referem estudos que se têm focado em como o social (por exemplo, pais, colegas) e o cultural (por exemplo, sistema de desporto, cultura) contribuem para influenciar o desenvolvimento do atleta.

Em linha com esta preocupação e proposição, MacNamara e Collins (2015) reconhecem que a importância das características psicológicas, como percursores positivos do desenvolvimento de talentos, é reconhecida na literatura, significando que

estas variáveis, em carência em etapas anteriores, passam cada vez mais a integrar a pesquisa e consequente conhecimento.

Também Serpa e Teques (2013), a propósito do envolvimento parental, referindo-se ao facto dos pais serem os primeiros agentes de socialização da criança, realçam a oportunidade de estudar as variáveis psicossociais e a necessidade da sua consideração nesta área de conhecimento.

Ainda muitos outros estudos (e.g., Baker, Cobley & Fraser-Thomas, 2009; Collins, MacNamara & McCarthy, 2016; Cotterill & Fransen, 2016; Davids et al., 2017; Ericsson, Krampe & Tesch-Romer 1993; Holt, et al., 2017; MacNamara & Collins, 2015; Macnamara et al., 2014; Macnamara et al., 2016; Sotiriadou & Shilbury, 2009) trazem estas determinantes de natureza psicológica e/ou social ao estudo da formação desportiva, justificando mais alguma reflexão sobre o assunto.

O fator social relevante, que constitui o suporte parental para o contexto desportivo, e considerando a sua elevada importância - visto que se este suporte ajuda a manter o percurso desportivo, também poderá ser responsável pelo seu abandono - é proposto por Serpa e Teques (2013) um modelo com 5 dimensões para o seu enquadramento. Um primeiro nível inclui os principais constructos que pretendem explicar porque os pais se envolvem na prática desportiva dos filhos. No segundo nível são incluídos 4 mecanismos psicológicos usados pelos pais durante as ações de envolvimento: a modelagem, a instrução, o reforço e o encorajamento. O Nível 3 corresponde à perceção da criança sobre os mecanismos de envolvimento parental. No Nível 4, é considerado que o desenvolvimento dos atributos referidos poderá ser mediado pela relação entre os mecanismos de envolvimento parental e a autorrealização da criança, podendo os pais ter um papel crítico, no suporte e desenvolvimento dos atributos necessários à experiência desportiva da criança, incluindo o sentimento de autoeficácia, a motivação intrínseca, as

estratégias de autorregulação e a autoeficácia relacional com os treinadores. Por fim, o Nível 5 consiste na autorrealização da criança na prática desportiva, em função da percepção de sucesso que realiza. Segundo os mesmos autores, um dos principais contributos deste modelo é que ele “concebe, de forma integrada, variáveis que pretendem explicar as razões porque os pais decidem envolver-se, quais os principais comportamentos que utilizam, e como influenciam as experiências desportivas dos seus filhos”. (p.536)

No âmbito de uma investigação em que questionam o que sabemos sobre a especialização desportiva precoce – e afirmando que não sabemos muito – Baker et al. (2009), estabelecem uma relação entre aspetos sociais – neste caso, o apoio das famílias e a possibilidade da diversificação, em idades iniciais da formação desportiva, ser preferível e benéfica – alertando para que, pode ser restrita, a capacidade dos atletas e suas famílias se envolverem em tais atividades de diversificação. Isto porque, segundo os mesmos “o estatuto socioeconómico pode mediar ou inibir a capacidade de correlacionar a diversificação com a obtenção a longo prazo por meio da disponibilidade de recursos” (p. 85).

Outro aspeto que deve ser parte do estudo da FDLP, como mais um fator social a ter em conta, é o que se refere ao período do ano e ao local de nascimento, que segundo Côté, Macdonald, Baker e Abernethy (2006), influenciam o atingimento da elite desportiva. Estes autores, a propósito dos fatores envolventes dos percursos formativos, referem que “a qualidade da brincadeira e da prática pode ser um fator-chave, porque o ambiente físico das cidades menores é mais propício a atividades lúdicas não estruturadas entre crianças” (p.1072). Significa, como conclusão, que o efeito do local de nascimento constitui um dos fatores contextuais significativo, para quem atinge níveis elevados de capacidade desportiva.

Holt et al. (2017), a propósito do conceito de desenvolvimento positivo da juventude (PYD - positive youth development), trazem também à investigação os aspetos psicossociais da formação desportiva, considerando que o perfil de ativos de desenvolvimento, dos programas de jovens, deve ser avaliado na perspetiva de ativos externos e internos. São agrupados, nos primeiros, categorias de suporte, capacitação, limites e expectativas, e uso construtivo do tempo; e, nos segundos, os internos, categorias de compromisso com a aprendizagem, valores positivos, competências sociais e identidade positiva. Os mesmos autores referem outras pesquisas, que encontraram oito características associadas à promoção do programa de desenvolvimento positivo da juventude, todas elas relacionadas com aspetos sociais e psicológicos, reforçando a sua importância e pertinência neste domínio.

Ainda, segundo Holt et. al. (2017) “os resultados pessoais e sociais também refletem as maneiras pelas quais os resultados de PYD foram avaliados nas estruturas de medição existentes “ (p.39), demonstrando o interesse dos investigadores e a importância destes aspetos psicossociais nos percursos formativos.

Tendo em conta a grande diversidade de fatores psicossociais Sotiriadou e Shilbury (2009) referem a importância da investigação focada na perspetiva organizacional, no desenvolvimento da elite jovem no desporto, para a promoção do sucesso, incluindo fatores económicos e culturais, no que designam por estudos de nível macro; e o papel da ciência do desporto e do envolvimento próximo dos atletas, em estudos de nível micro. Em consequência, são reconhecidos os resultados de contribuição financeira e de recursos humanos, no desenvolvimento de atletas de elite. Por outro lado, é também realçada, pelos mesmos autores, a importância de instalações e treinadores de qualidade, de uma boa estrutura de competição nacional, com oportunidades de participação internacional, que permitirão que os atletas de elite se desenvolvam e se destaquem.

Em resumo, por Sotiriadou & Shilbury (2009) é apontada uma visão global dos percursos formativos de desenvolvimento da elite, sendo considerados os fatores diretos (ativos), indiretos (passivos) e financeiros, “com o potencial de criar e regenerar o envolvimento de governos, patrocinadores, participantes, espectadores, torcedores e atletas” (p. 146).

Sobre Efeito da Idade Relativa.

A juntar à grande diversidade de aspetos a ter em conta na FDLP, também idade relativa ao mês de nascimento, deve ser equacionada, razão pela qual a referimos sucintamente.

É muito fácil para pessoas menos atentas, ou por foco imediato nos resultados desportivos, olharem para a prontidão desportiva, de uma criança ou de um jovem, e descurem o seu potencial no que poderá ocorrer a longo prazo. Ligar mais este aspeto, a toda a argumentação já refletida, parece muito influente, pelas maiores oportunidades dadas a estes praticantes - nascidos nos primeiros meses dos anos -, por poderem apresentar maior desenvolvimento físico e cognitivo, comparativamente aos seus concorrentes, nascidos em fase mais adiantada de cada época. Por isso, Delorme, Boiché e Raspaud (2010), entre outras pesquisas sobre este assunto, referem a possibilidade de um efeito de idade relativa, quando observam uma distribuição enviesada de datas de nascimento, de praticantes de elite, com uma sobrerrepresentação de nascidos no início do ano competitivo e uma sub-representação dos nascidos no final. O futebol é uma das modalidades, referida por estes autores, como estando nestas condições, em que os atributos físicos podem representar uma vantagem, podendo ser menos atrativo para jovens nascidos mais tarde na época competitiva e com menos maturidade física.

Também, Côté et al. (2006) se referem ao efeito da idade relativa, no sentido da vantagem do praticante mais velho, relativamente aos seus pares, no mesmo grupo desportivo ou

equipa de jovens - isto é, quanto maior a idade relativa -, “maior a probabilidade de se tornar um atleta de elite (Baxter-Jones & Helms, 1994, Dundink, 1994; Helsen, Hodges, Van Winckel e Starkes, 2000)” (p.1065). Dizem, em reforço, que investigação sobre datas de nascimento de praticantes profissionais de diversas modalidades desportivas, incluindo estudos em futebol, mostraram haver enviesamento relacionado com a data de nascimento, conferindo vantagem aos praticantes nascidos no primeiro trimestre de cada ano desportivo.

Papel do Treinador.

A figura do treinador é indispensável no processo formativo dos praticantes, na generalidade dos quadros existentes, também pelas exigências regulamentares em muitas delas. Qual a sua importância e peso para o sucesso dos percursos para as elites é algo que deve ser equacionado e estudado, para se ter a noção do efeito da sua intervenção. O tema é chamado à reflexão por Sotiriadou, e Shilbury (2009) ao referirem que, particularmente, o papel dos treinadores parece ser central nas organizações desportivas nacionais, considerando os efeitos diretos da sua intervenção, no desenvolvimento da elite, e no seu rendimento bem-sucedido, concluindo que “os treinadores são um dos fatores mais críticos para o sucesso” (p.142). Afirmam os mesmos autores, que treinadores qualificados, entre outros fatores, permitem que atletas de elite se desenvolvam e se destaquem.

Também Côté e Gilbert (2009), com o propósito de estudar a intervenção do treinador (coaching), colocam a questão do que é a sua perícia (expertise), no sentido de saber o que diferencia treinadores eficazes de ineficazes, e o que é necessário para que se tornem especialistas. As componentes consideradas adequadas, para estudar a eficácia da intervenção do treinador, são os conhecimentos dos treinadores, os resultados dos atletas e os contextos de treino. Os mesmos autores referem que “uma das áreas mais pesquisadas

em coaching é a influência dos comportamentos de coaching nos resultados de desempenho dos atletas” (p. 312). Esta citação encaminha-nos a reflexão para as relações do treinador com o praticante, por ser uma das determinantes que interessa realçar, na formação em todas as dimensões, incluindo a longo prazo.

Uma primeira constatação a realçar é que, o treinador, é parte integrante do processo formativo, tem nele um papel decisivo e a sua intervenção tem de ser relacionada à respetiva qualidade. A evidência da importância deste papel é reclamado por Becker (2009), colocando na responsabilidade deste agente, o desenvolvimento das habilidades mentais, físicas, técnicas e táticas dos praticantes, defendendo que também se espera que eles possam vencer.

A teoria reconhece e propõe que a abordagem da pesquisa, sobre a formação a longo prazo, abarque o maior número possível de variáveis, numa perspetiva global e integrada, sendo o treinador um dos agentes responsáveis para que a formação desportiva cumpra essa orientação. Por outro lado, para além de se constatar ser indispensável essa figura no processo, a ela é, muitas vezes, imputada uma parte grande da responsabilidade do sucesso. A sociedade, segundo Becker (2009), identifica os treinadores como ótimos, com base em dois critérios: primeiro, os registos de vitórias e derrotas; e, segundo, a atenção da comunicação social, portanto, normalmente, não tanto pela qualidade dos resultados, no que concerne ao atingimento das elites, de praticantes por si treinados. Assim, não significa que aqueles treinadores, que têm maior efetividade, sejam, por alguns, nomeadamente os praticantes, reconhecidos como os melhores.

Tendo em conta estas questões, Becker (2009) realizou um estudo e, como resultado, foram categorizadas 6 dimensões – atributos do treinador, ambiente, sistema, relacionamentos, ações de treino e influências – preferencialmente referidas pelos praticantes, como estando relacionadas com a apreciação do que pode ser, por eles

considerado, um grande treinador. No resultado final apurou-se que “esses atletas experimentaram indivíduos que não eram apenas grandes treinadores, mas pessoas extraordinárias que deixaram impressões duradouras na vida daqueles que tiveram a sorte de lhes chamar ‘treinadores’”(p. 112).

Seguindo essa linha de reflexão, sobre o papel do treinador, mas aprofundando-o na relação com o praticante, Ferrar et al. (2018), suportando-se na posição de diversos autores e instituições de relevo, retiram uma conclusão segundo a qual “a qualidade das relações treinador-atleta e a importância de aprimorar as habilidades interpessoais no treino foram reconhecidas pelo papel que desempenham no desenvolvimento e no desempenho dos atletas” (p.68)

De realçar as habilidades interpessoais, em particular nas relações treinador-praticante, naturalmente relacionadas com a qualidade da intervenção. O papel do treinador poder ser positivo ou negativo – não inócua, porque, dada a indispensabilidade da sua presença, dela haverá consequências, mesmo em ausência de intervenção prática efetiva – e, com a relevância que o trabalho do treinador deve ter, é decisivo considerar o seu peso no percurso formativo a longo prazo e em cada uma das suas etapas.

No estudo tipo meta-análise sobre Desenvolvimento Positivo dos Jovens (positive youth development - PYD), realizado por Holt et al. (2017), o papel do treinador é incluído de diversas formas, nomeadamente, na apreciação das lacunas e virtudes da sua intervenção, nas idades de experimentação, na criação de clima positivo ao desenvolvimento e nas relações do praticante jovem com o adulto. O treinador é reconhecido, por ser significativo, na atividade dos jovens, pela frequente, prolongada e relevante presença na sua vida social.

Dada esta inter-relação treinador–praticante será interessante entendê-la em conjunto, pela importância da sua influência recíproca, e não só no papel, ou na influência em

separado, na formação do praticante perito e – porque não considerar essa dimensão – do treinador perito.

O papel do praticante é de tal modo importante nesta relação que, como veremos a seguir, ele exerce influência junto dos seus pares, neste processo de direção e encaminhamento desportivo, como aliado ou não do treinador. Esta partilha de posições, e conteúdo da intervenção, é indicada por Moen (2014), invocando a necessidade dos treinadores terem noção das expectativas dos praticantes, porque uns e outros acreditam que “os treinadores precisam estar cientes de seu estilo de tomada de decisão para afetar a motivação e o desempenho de um atleta” (p.37).

Se é esta a expectativa dos praticantes, quando adequada – e, naturalmente, tendo como filtro e referência a competência e habilitação do treinador para a função – se houver posições que não são bem recebidas pelos praticantes, ao não ser positivo, o papel do treinador pode não ser conseguido, podendo ser mesmo nocivo ao processo formativo. Nesta linha de raciocínio, Moen (2014) reforça esta necessidade, dizendo que “se um treinador não entende a individualidade de cada atleta, é difícil adaptar seus comportamentos às necessidades do atleta” (p. 37).

Esta condição revela, e releva, que o papel do treinador é efetivo e tem de ser tido em conta nos percursos formativos. É uma figura presente e obrigatória no processo. Assim sendo, tem de ser entendido enquanto fator integrante, pela possibilidade de ter ou não uma ação positiva, melhor dizendo, uma ação positiva ou negativa.

Porém, esta ação tem de ser vista com um granulado mais fino, porque ela não é constante e regular. Diferentes áreas de intervenção dos treinadores, têm de ter em conta as diferentes áreas de atividade e/ou etapas de formação a longo prazo. Para facilitar o enquadramento da pesquisa sobre a intervenção do treinador (coaching), Côté et al. (2009) relembram uma classificação de três contextos específicos de intervenção do

treinador (coaching), isto é, desporto de lazer, desporto de desenvolvimento e desporto de elite; e uma outra em que são reconhecidos estes três contextos, mas com a intervenção do treinador baseada em duas formas distintas, de acordo com o nível competitivo dos praticantes, ou seja, participação e desempenho. Dizem que o treino para a participação é caracterizado por não se focar no desempenho desportivo, ser relacionado com objetivos a curto prazo, com a satisfação e resultados ligados à saúde.

Outra noção que os treinadores devem ter como referência, para além dos temas do rendimento, é o facto das necessidades dos atletas mudarem ao longo do percurso de desenvolvimento, desde a infância à idade adulta. Recorrendo às designações do DMSP (Côté & Hay, 2002; Côté et al., 2007; Côté et al., 2009; Côté & Vierimaa, 2014), podem detalhar-se quatro diferentes categorias, de acordo com os contextos adequados ao desenvolvimento desportivo, isto é, de treinadores de participação para crianças, nos anos de amostragem; de participação para adolescentes e adultos, nos anos recreativos; de desempenho para jovens adolescentes, nos anos de especialização e de desempenho para adolescentes e adultos mais velhos, nos anos de investimento.

Como conclusão sobre esta diversidade e detalhe, de assuntos relativos ao papel do treinador, no percurso formativo a longo prazo, Côté e Gilbert (2009) reconhecem que “em última análise, todo o relacionamento entre um treinador e um atleta constitui um contexto específico de treino devido às diferentes dinâmicas existentes“ (p.319).

Para além destas relações entre treinador e praticante, na posição de liderança e direção do primeiro, há um outro tipo de relacionamento que interessa refletir. Referindo, não ser surpreendente, que a maioria da pesquisa sobre liderança se debruce sobre o treinador, porque lhe cabe importância final da tomada de decisão em várias matérias, Loughhead, Hardy e Eys (2006), alertando para que se deva dar atenção a outra fonte de liderança, no seio das equipas, que são os atletas, anunciam que o estudo em presença

“foi um dos primeiros a fazer uma distinção entre dois tipos de liderança de atletas: líderes de equipa e pares” (p.142).

Sendo um dos primeiros estudos a analisar a existência, e peso da liderança de pares, nas equipas desportivas, é necessário ter em conta esse fator, visto que há decisões muito importantes, no seio dessas equipas, que não provêm exclusivamente do treinador. Há, também, influência de pares que afetam o percurso dos praticantes nesse domínio. Foi reconhecido que se alargou a origem da liderança dos praticantes, também a partir dos seus pares. Loughead et al. (2006) confirmam essa condição, pelos resultados do estudo realizado que, apesar do contexto em equipas não profissionais, dão suporte preliminar à existência de líderes da equipa e líderes pares. Estes últimos, por vezes após vários anos de experiência no seio de equipas, desenvolvem ações de liderança, em tarefas específicas, em aspetos sociais dentro da equipa e externos à equipa.

Sendo estas condições reconhecidas, devem ser consideradas nas variáveis influentes nos percursos formativos para as elites. E de tal maneira estes aspetos devem ser contemplados que Cotterill e Fransen (2016), considerando ser a liderança um aspeto fundamental do desempenho desportivo, especialmente em espaço de desportos coletivos, estudam e propõem que se tenham em conta essas duas bases de liderança, treinador e praticante, para que as necessidades de direção do processo sejam correspondidas.

Tendo havido nos últimos 25 anos pesquisa significativa sobre o papel do treinador/gerente, estudado nessa dimensão, e sendo agora trazida à reflexão, literatura existente sobre a liderança de atletas, Cotterill e Fransen (2016) afirmam que ela “é uma parte crucial do funcionamento da equipa desportiva” (p. 129). Para uma compreensão holística das questões da liderança nas equipas, com uma visão mais realista das respetivas necessidades, estruturas e funções no jogo, deve, então, ser considerada a participação de gestores, treinadores e jogadores líderes, formais e informais. Para além

desta abordagem ampla, e com diferentes fontes de liderança, é ainda necessário equacionar se as particularidades de uns desportos são replicáveis noutros, ou se carecem de tratamento específico, para que o percurso dos praticantes para a elite beneficie da mais adequada liderança do processo formativo.

Investigação Específica no Futebol.

O estudo dos percursos formativos plenos no futebol não é muito frequente, não surgindo uma gama ampla de exemplos na literatura. Tem havido abordagens significativas, na procura prematura de praticantes diferenciados, nas instituições da modalidade, clubes e outras estruturas de enquadramento, muito focadas no que genericamente se designa por seleção e deteção de talentos. Estas abordagens, que têm mobilizado muitos meios em diferentes instituições, focadas no trajeto do futebolista, na tentativa de prever quem chega à elite, falharam, segundo (Baker et al. (2003) exatamente em prever quem vai transformar-se num atleta de elite, significando que as notícias não são muito favoráveis aos que se ocupam desta área. Assim, dada a complexidade reconhecida cientificamente, para que se reúnam as condições para o atingimento da elite desportiva, segundo Davids et al. (2017), a identificação de talentos é uma atividade praticamente impossível de levar a cabo.

Numa linha de pensamento mais abrangente, a formação a longo prazo, é o instrumento incontornável para adequados percursos para os praticantes desportivos, necessariamente na sua extensão plena, com inclusão de atividades, dos melhores praticantes seniores profissionais. Hornig et al. (2016) referem que há extensa investigação, já efetuada sobre futebol de elite, mas com limitações nas conclusões disponíveis porque a maioria dos estudos foi restrita a jogadores jovens.

O conhecimento do percurso do praticante desportivo, e dos períodos em que a sua evolução se processa, tem elevado significado na nossa comunidade desportiva, com

particular ênfase no futebol, pela relevância que a modalidade tem no nosso espaço cultural. Também, por outro lado, pelas elevadíssimas somas envolvidas na contratação de praticantes nesta modalidade, permite, ou tenta permitir, potenciar as suas características, numa posição o mais apriorística possível, tentando rentabilizar o trabalho que se realize neste domínio. Por isso, se reconhece a importância de investigação e conhecimento sobre FDLP no futebol, com o que é já reconhecido na literatura sobre o tema.

No presente, a tendência de aumento do detalhe, dos estudos sobre os percursos de formação dos praticantes desportivos, é reconhecido, e constitui, em nossa opinião, uma interessante evolução que poderá vir a ser estendida a outros aspetos, como a diferenciação, não só de modalidades, como tem vindo a acontecer, mas também dentro da própria modalidade.

Ao centrarmos a atenção no futebol, verificamos que se confirmam as tendências gerais, sendo, do mesmo modo, necessário que se conjuguem diferentes aspetos, na formação a longo prazo dos praticantes, para que atinjam as elites, refletindo, como realçam Hornig et al. (2016), ser um campo de profunda individualidade. Esta posição é suportada no facto de, comparando grupos com diferente nível de sucesso, em qualquer idade, nenhuma diferença significativa foi encontrada, no número de jogadores envolvidos nos tipos de atividades ou desportos, assim como, naquilo que é designado por microestrutura (tarefas variadas e constrangimentos do envolvimento para cada indivíduo, Davids et al., 2017), no futebol organizado, ou no volume total de todo o envolvimento desportivo, ou, ainda, no envolvimento no futebol organizado e não organizado.

Nessa tendência de refinamento das características diferenciadoras dos futebolistas, que poderão atingir as elites, Huijgen, Elferink-Gemser, Lemmink e Visscher (2012)

realizaram um estudo com jogadores holandeses, que examinou características multidimensionais, que discriminavam entre jogadores designados, selecionados e não-selecionados, num programa de desenvolvimento de talentos, constatando que foram encontradas diferenças entre eles, nas provas escolhidas. Deste modo, “a análise discriminante no estudo atual revelou que o drible de topo, 'posicionamento e decisão' e o sprinte de topo, representaram quase 70% da classificação correta dos jogadores talentosos” (p.6). Independentemente da extensão e profundidade das provas aplicadas, e das características investigadas, é significativo o facto de se identificarem diferenças de capacidades, entre grupos diferentes de futebolistas, que melhorem o conhecimento científico das respetivas diferenças, em períodos concretos dos seus percursos formativos.

Por ter sido levada em conta esta dificuldade de seleção de futebolistas, ou por ter sido entendida a necessidade de relação entre o processo de seleção e o enquadramento, em percurso a longo prazo, Huijgen et al. (2012) examinaram os critérios de seleção de dois clubes profissionais holandeses, para demarcar jogadores que deveriam ou não continuar nos seus programas de desenvolvimento, e verificaram que “até agora, pouco conhecimento foi colocado sobre o exame dos princípios subjacentes que governam os processos de seleção nesses programas de desenvolvimento” (p. 8). Concluíram ser de grande importância a pesquisa nesta área, para as entidades, que se ocupam de desenvolvimento de talentos, poderem ter uma imagem mais definitiva, das características de desempenho, a transmitir no treino e na seleção de jogadores de futebol.

Mais focado nas atividades de desenvolvimento, em que estiveram envolvidos jovens futebolistas ingleses, que evoluíram para o futebol profissional, em comparação com os que não atingiram esse nível, Ford e Williams (2012) examinaram as diferenças nas respetivas trajetórias. Verificaram que os perfis históricos, dos que chegaram a profissionais, tiveram envolvimento, em muito mais jogos e práticas de futebol, do que

os jovens jogadores de elite, que não se tornaram profissionais, referindo, ainda, que esses dados corroboram trabalhos anteriores. Com mais detalhe, e localizando em período particular do percurso formativo, é acrescentado que os jogadores de nível internacional acumularam mais horas de prática do que os de nível provincial e nacional, a partir dos 15 anos de idade.

Estes autores referem ainda que, em sentido contrário, relativamente a outros estudos em jogadores de futebol, os dois grupos envolveram-se em quatro outros desportos, revelando, aparentemente, maior diversificação do que noutros estudos e contextos.

Em resumo, com os dados obtidos nos percursos dos jogadores estudados, Ford e Williams (2012) concluíram que, depois de começar no futebol aos 5 anos de idade, “jogadores profissionais de futebol em Inglaterra seguem um caminho de engajamento precoce durante a infância e o início da adolescência” (p. 349).

Com conhecimento das dificuldades de seleção antecipada, de quem serão os praticantes peritos no futuro – como se tem revelado tão desejado por muitos, mas reconhecido não favorável cientificamente –, a estratégia de incluir elevado número de jovens futebolistas, em programas formativos, para tentar ter os melhores no topo da elite, parece ser uma possibilidade. Ao proceder a um estudo sobre a influência dos programas de identificação precoce de talentos (IPT), e de promoção de talentos a longo-prazo (PT), Güllich (2014) verificou, como conclusão central que “o sistema IPT / PT no futebol alemão é caracterizado por uma rotatividade anual considerável de seus membros em todas as etapas” (p.534). Como esclarecimento, é dito, que não foi impossível o envolvimento dos praticantes, no programa PT a longo prazo, mas que a maioria dos jovens jogadores, seleccionados em idades precoces, foi substituída, em pouco tempo, por outros, que tiveram desenvolvimento mais relevante fora das academias, e das seleções nacionais jovens, de tal forma que, a maioria deles, não chegou à adolescência, no seio

do programa, e ainda menos se tornou sénior profissional. Pela impossibilidade de apontar para alvos no sentido individual, este tipo de programa, dirige-se a uma visão coletiva, tentando alargar, sempre e cada vez mais, o número de jovens envolvidos, com o intuito de abranger a maior parte dos que se revelarão futebolistas de elite sénior, sendo esta posição consistente à de Davids et al. (2017), quando argumenta que, dado o carácter não linear dos processos formativos e a elevada complexidade dos processos adaptativos, não ser possível a identificação de talento precoce e confiável. A comprovar esta estratégia massificada de envolvimento, Güllich (2014) afirma que “apesar da expansão maciça do programa, a maioria dos jogadores profissionais seniores não estava envolvida no PT numa idade particularmente jovem” (p.534).

Nas condições referidas, o sistema IPT / PT no futebol alemão, não tem de ser necessariamente visto como ineficaz, mas deve ser considerado mais um programa de seleção do que de promoção de talentos. Demonstrando a grande diversidade de locais da proveniência dos jogadores de elite, Güllich (2014) diz que, na data do estudo, os jogadores dos 36 clubes, da primeira e da segunda Ligas Alemãs, foram anteriormente formados em mais de 895 outros clubes.

Neste cenário de condições, mais e menos favoráveis, ao percurso formativo de cada futebolista, Grossmann e Lames (2015), refletindo sobre a importância das academias de futebol na Alemanha, para o desenvolvimento dos jogadores de elite, consideram que são cruciais por proporcionarem uma boa formação, com benéficos desafios semanais no campeonato respetivo. Examinaram todos os 821 jogadores da Bundesliga Sub-17, nascidos em 1993, e verificaram que menos de 10% conseguiram assinar um contrato numa equipa profissional na Alemanha (1ª, 2ª e 3ª liga); e mais de 45% deixaram a modalidade antes de atingir a idade sénior. Dada a aparente baixa taxa de aproveitamento, parece que a importância daquela Liga é menos relevante. Porém, se apreciarmos com

maior detalhe, e segundo os dados obtidos pelos mesmos autores, verificamos que, quanto ao papel das academias, “29 dos 36 (80,6%) jogadores da 1ª Bundesliga nascidos em 1993 (temporada 20012/13) foram treinados numa academia de jovens” (p.1103).

Numa direção mais relacionada com os processos de trabalho, proporcionados aos jogadores que atingem as elites, é importante haver indicadores mais específicos sobre as práticas por eles vividas. Alguns exemplos podem servir como ilustração. Segundo Davids et al. (2017) “os primeiros treinos / treinos organizados dos jogadores de futebol de nível superior incluíram cerca de 40 a 50% de jogos livres de futebol” (p.19).

À semelhança do sugerido, na generalidade da formação desportiva, no que concerne aos futebolistas, Güllich, Kovar, Zart e Reimann (2017) apontam para que, a experiência desportiva inicial variável, facilita o desenvolvimento subsequente do desempenho do futebol em jovens jogadores de elite da Alemanha. Mais pormenorizadamente é dito que “os resultados sugerem que o envolvimento no jogo de futebol não organizado e em vários desportos complementa a experiência organizada do futebol e amplia a variabilidade de restrições ambientais e relacionadas à tarefa” (p. 213).

Esta afirmação tem por base dados de maior detalhe, nas relações entre os benefícios e aquisições de competências, entre as idades, em que a diversificação, nos escalões etários mais baixos, na infância/adolescência, se revelou importante para o desenvolvimento de habilidades específicas do futebol, em idade adulta. Nesta, o refinamento dessas habilidades específicas, foi beneficiada por aquisições motoras anteriores, não específicas da modalidade.

Com o aumento típico de trabalho, que se verifica nas fases mais adiantadas do futebol jovem e do sénior, como referem Baker et al. (2003) “por volta dos 9 anos de carreira de futebolistas, aumentou tanto a duração como a intensidade de treino e eles sugeriram que este era um requisito necessário para alcançar o desempenho a nível de

peritos” (p.14). Na sequência destas condições, e sabendo a importância do sedimento obtido nas diversas etapas formativas, até à idade adulta, é oportuna e abrangente a conclusão de Güllich et al. (2017), que sintetiza, muito do que vimos sobre o percurso formativo nos futebolistas jovens, afirmando que:

A combinação de volumes moderados de prática / treino organizados de futebol infantil com envolvimento variável em jogo de futebol não organizado e prática / treino organizado em diversos desportos foi associada a maior melhoria do desempenho de habilidades em jogo competitivo, em jogadores juvenis alemães de elite (p. 214).

Aparentemente há contradição entre duas posições na investigação, uma que faz apologia de diversidade de práticas dentro da modalidade, juntamente com atividades fora da modalidade em idades mais baixas e, outra posição, em que nenhuma diferença de atividades foi diferenciadora dos grupos que atingiram as elites, e dos grupos que não as atingiram, remetendo para a individualidade toda a possibilidade de desenvolvimento de percursos prósperos. Parece que uma parte de estudos e autores referem não haver diferenciação de atividades vividas entre grupos, que atingiram ou não o sucesso, centrando tudo na individualidade, e outros que encontram, aparentemente, em contradição, grupos de praticantes que viveram percursos com atividades, que se revelaram determinantes para o sucesso, em comparação com outros, que não as viveram, não tendo o mesmo acesso às elites seniores. Diz-se aparentemente em contradição porque, numa reflexão mais refinada, parece não haver oposição entre as duas posições resultantes da investigação. Por um lado, a necessidade de percurso individualizado, reconhecido genericamente como favorável ao atingimento da elite sénior e, por outro, a vivência de determinadas atividades favorecedoras do atingimento das elites. Esta relação deve ser entendida, não em oposição, de grupos de atividades potenciadoras dos percursos

dos futebolistas, com o seu caminho individual, mas, sim, cruzadas positivamente, no sentido daquelas atividades favorecerem o percurso individual.

Aliás, a linha de pensamento que cruza, em aproximação, as duas posições que parecem antagónicas, é, implícita e explicitamente, apologizada, por Hornig et al. (2016). Estes autores referem que numerosos estudos apontam para a individualidade, por causa das limitações de comparações entre grupos de elites e não elites, realizadas por intermédio de meras quantidades, relativamente grosseiras de atividades, vividas pelos futebolistas, ao mesmo tempo que questionam “que atributos constituem a individualidade que modera a capacidade de resposta a diferentes configurações de atividades, a fim de melhor compreender porquê, que composição, de que quantidade, que atividades são benéficas para que atleta, durante que período de idade” (p.9). Na mesma linha estão Davids et al. (2017) quando alertam para que, atletas e equipas desportivas, como é o caso do futebol, terem de ser considerados num nível de análise irreduzível que é o da relação atleta-ambiente.

Portanto, parece necessário conciliar as duas posições, numa abordagem de granulagem mais fina, em que se contempla, por um lado, o percurso individual e, por outro, tipos de atividades concretas, que permitam e potenciem o caminho de cada futebolista, em vez de o colocarem num conjunto de práticas catalogadas grosseiramente, sem o devido alinhamento com as características pessoais, e de constrangimentos úteis, para cada futuro futebolista de elite.

Objetivos e Método

Objetivo do Estudo

O objetivo central deste estudo é caracterizar os perfis de formação dos praticantes que atingiram o Alto Rendimento no Futebol, assim como descrever o modo como percecionaram as determinantes da sua formação e as diversas transições de carreira porque passaram. Na realidade, se alcançar elevados níveis de perícia é um objetivo decisivo do desporto, conhecer os percursos seguidos por quem atinge essa meta, é verdadeiramente indispensável.

Os objetivos deste estudo estão particularmente centrados nos percursos dos praticantes de futebol, nos fatores que os determinam, assim como, nas transições de carreira existentes no seu decurso.

O atual estudo tem, mais especificamente, por objetivo, descrever e caracterizar as determinantes desportivas e psicossociais da FDLP do praticante de futebol em Portugal, nos diferentes percursos e transições de carreira.

Nas determinantes desportivas consideram-se a estrutura e o tipo de prática, no treino e competição, incluindo variáveis como motivação, satisfação e compromisso com o desporto e o futebol e, ainda, variáveis de contexto: apoios de familiares e colegas, sistema organizacional do futebol e do treinador.

Método

A pesquisa incluiu 1 estudo, com duas partes, (i) retrospectiva de futebolistas peritos portugueses, sobre diversas determinantes na FDLP; (ii) retrospectiva de futebolistas peritos portugueses, em diferentes etapas nas transições de carreira, sobre diversas determinantes na FDLP.

Participantes.

A primeira parte do estudo, de base retrospectiva, envolveu 20 praticantes peritos do nível mais representativo de prática em Portugal. No que respeita à seleção dos participantes, esta foi realizada através de um processo intencional e por conveniência. Os critérios para o praticante ser considerado perito foram (i) ter idade oficial de sénior; (ii) ser pertencente ao topo de equipas seniores nacionais; (iii) ter o mínimo de dez anos de experiência de futebol entre os melhores futebolistas (Baker et al., 2003).

A segunda parte do estudo foi realizado com a mesma amostra mas as questões foram dirigidas às transições de carreira.

Caracterização desportiva dos participantes.

Para que os estudos que realizámos fossem representativos de jogadores peritos, constituiu-se uma amostra com futebolistas com carreiras relevantes. Dois indicadores caracterizam o elevado nível do grupo constituinte dos estudos, as internacionalizações, como domínio desportivo típico de praticantes de exceção e, por outro lado, resultados desportivos de destaque, como indicadores significativos, dado não haver, nos jogos coletivos, marcas quantitativas que definam os praticantes peritos. Assim, temos, caracterização pelo número de internacionalizações (Tabela 1) e referências relevantes (Tabela 2).

Tabela 1
Caraterísticas dos participantes¹

Participantes	Idade (Anos)	Internacionalizações
1	37	(cerca de) 90 Internacionalizações A – (cerca de) 120 no total
2	42	90 Internacionalizações A – 95 no total
3	39	80 Internacionalizações A – 145 no total
4	32	80 Internacionalizações A – 140 no total
5	33	70 Internacionalizações A – 130 no total

¹ Nota: para não permitir a identificação dos entrevistados, serão indicados números aproximados de internacionalizações, em valores de dezena e meia dezena.

Participantes (cont.)	Idade (Anos) (cont.)	Internacionalizações (cont.)
6	34	65 Internacionalizações A – 95 no total
7	39	60 Internacionalizações A – 60 no total
8	37	50 Internacionalizações A – 55 no total
9	32	40 Internacionalizações A – 45 no total
10	32	30 Internacionalizações A – 90 no total
11	36	25 Internacionalizações A – 120 no total
12	34	20 Internacionalizações A – 115 no total
13	33	20 Internacionalizações A – 90 no total
14	30	15 Internacionalizações A – 55 no total
15	32	10 Internacionalizações A – 65 no total
16	41	5 Internacionalizações A – 10 no total
17	33	1 Internacionalização A – 90 no total
18	35	1 Internacionalização A – 85 no total
19	32	1 Internacionalização B – 40 no total
20	29	5 Internacionalizações sub 21 – 60 no total

Tabela 2

Exemplos de resultados relevantes alcançados por jogadores peritos da amostra.

Número de jogadores	Resultado alcançado
3	Campeões europeus de seniores (e mais um finalista).
1	Vencedor da Supertaça europeia.
6	Campeões europeus de Juniores B (e 1 a repetir).
1	Campeão europeu de Juniores A (e 1, 2º lugar).
1	Vencedor da Liga dos Campeões.
1	Vencedor da Liga Europa (e 1, 2º lugar).
9	Vencedores da I Liga portuguesa (e 2 a repetirem, 1 várias vezes).
5	Vencedores de principais Ligas e Taças Nacionais de outros países europeus (1 várias vezes).

Número de jogadores (cont.)	Resultado alcançado (cont.)
4	Vencedores da Supertaça de Portugal (e mais 1 de Espanha).
9	Campeões nacionais de Juniores A.
8	Campeões nacionais de outros escalões juvenis.
11	Com presença em Campeonatos do Mundo seniores (e 7 repetiram a presença).
6	Presenças e títulos em torneios europeus e intercontinentais.
14	Distinções pessoais de relevo em diferentes contextos de elite.

Instrumento.

O instrumento utilizado para estudar os percursos formativos foi uma entrevista semiestruturada (ver anexo A) que combina perguntas abertas e fechadas.

Para concretizar o nosso instrumento específico e operacional, utilizámos, como base, a proposta de entrevista retrospectiva de Côté, Ericsson e Law (2005), que também encerra uma componente quantitativa, o que favorece a recolha de algumas informações, para rastrear o desenvolvimento de atletas, que, como referem os autores, não pretende solicitar aos praticantes respostas do que sentem em tempo real mas sim concentrar-se em coletar aspetos longitudinais de desempenho, assim como tipos e quantidades de atividades que as suas memórias permitem relatar e que fizeram parte do seu desenvolvimento. Na parte do estudo para caracterizar os perfis de formação dos praticantes foram incluídas variáveis relativas a atividades iniciais não diretamente especializadas no futebol, quantificadas em horas/meses e meses/ano, assim como atividades de envolvimento na prática de futebol, para cada uma das etapas de formação, incluindo competições, bem como todas as atividades específicas do treino, igualmente em horas/meses e meses/ano. Nesta parte do estudo foram também consideradas variáveis

de maturidade e de desempenho, dados das etapas de desenvolvimento e da carreira desportiva, assim como de treino e competição, medidas em horas por meses e meses por ano, incluindo intensidade, qualidade das condições de treino, lesões, esforço físico, concentração mental (no sentido de empenho e foco na atividade) e divertimento. Foram também estudadas influências psicossociais na carreira desportiva, como, suporte e pressão parental, suporte do treinador, influência de irmãos e de pares, do melhor amigo, recursos e compromisso, e incidentes relevantes, crises e características de personalidade que influenciaram a carreira desportiva. Na parte do estudo de transições de carreira foram consideradas condições prévias ao término da carreira e período final, de transição júnior a sénior e situação de vida após essa transição e outras transições. Pretende, assim, recolher-se informação sobre o peso das variáveis nos percursos e transições, vividos pelos praticantes peritos.

Para haver maior aproximação à importância atribuída a cada variável, especificamente: intensidade, condições treino, lesões em tempo parado, esforço físico, envolvimento (concentração mental), divertimento, suporte e pressão parental, suporte do treinador, influência de irmãos, pares e melhor amigo, recursos e compromisso, foi pedido aos entrevistados que atribuíssem um valor entre 0% e 100%, de acordo com a sua perceção do peso relativo de cada uma. Foram também quantificadas as atividades vividas em horas por meses e meses por ano.

Em suma, pretende-se que a estrutura da entrevista permita estudar diferenças individuais na qualidade e quantidade da atividade, em treino e competição, controlando também constrangimentos como lesões e recursos disponíveis, que permitam entender o caminho seguido por cada entrevistado. É feito apelo a recordações de eventos reais e memórias da história do seu percurso formativo, que devem fornecer informações teóricas

e práticas, sobre o papel de várias atividades no desenvolvimento dos praticantes no desporto.

O guião da entrevista foi desenvolvido de acordo com os métodos de investigação interpretativa (Biddle, Markland, Gilbourne, Chatzisarantis, & Sparkes, 2001). Desta forma, (1) foi realizado o esboço das perguntas a realizar, (2) foi verificado o conteúdo do guião de entrevista através de dois investigadores com experiência em investigação qualitativa, (3) foi realizada uma reformulação do conteúdo da entrevista através das sugestões apresentadas, (4) foi realizado um estudo piloto com dois futebolistas selecionados por conveniência, (5) e, finalmente, foram concretizadas as modificações mínimas no conteúdo das questões resultantes do estudo piloto.

As entrevistas ocorreram em local combinado com cada participante e decorreram através de uma conversa informal, sendo registadas através de um gravador de áudio. Foi realizada uma entrevista com cada participante, com duração média de 45 minutos.

Procedimentos éticos.

Foram consideradas as questões éticas, pelo que os participantes assinaram o consentimento informado de acordo com a Declaração de Helsínquia para estudos com humanos. Foi comunicado aos participantes a necessidade de sua aceitação de participação na pesquisa e foram explicados os objetivos do estudo, assegurando a confidencialidade e anonimato das respostas.

Análise temática.

O método utilizado para a interpretação e análise dos dados é a análise temática que, na proposta de Boyatzis (1998), é um processo para ser usado com informação qualitativa, codificando-a, o que implica o estabelecimento de códigos específicos, o que pode ser feito por intermédio de uma lista de temas ou de um modelo complexo com temas, indicadores e qualificações.

O conteúdo das entrevistas foi transcrito na íntegra para formato digital e depois foi analisado através da análise temática (Braun & Clarke, 2006), que incluiu a familiarização com os dados, a definição de códigos iniciais, a classificação dos códigos em temas, a revisão e refinamento dos temas e, finalmente, a redação da análise.

Braun e Clarke (2006; 2014) consideram que a análise temática serve para identificar, analisar e relatar padrões, que serão designados temas, decorrentes dos dados obtidos, organizando e descrevendo o seu conjunto em detalhes que serão enriquecedores do processo. Este método é considerado flexível, por poder ser utilizado com diferentes abordagens epistemológicas, tendo como objetivo final, não exclusivamente o estabelecimento de uma teoria proveniente de conceitos de categorias e pontuações, mas sim uma descrição sintetizada de dados por meio de temas que os retratem convenientemente. O processo seguiu uma abordagem indutiva, na qual os temas foram identificados a partir dos dados recolhidos. De forma a conferir credibilidade aos dados, o primeiro autor discutiu as suas interpretações com os coautores que tiveram a função de “amigo crítico” (Holt & Sparkes, 2001). Outra técnica utilizada foi a verificação pelos participantes (Lincoln & Guba, 1985). Neste contexto, com o objetivo de avaliar a adequação dos temas emergentes dos dados, foram realizadas reuniões entre o primeiro autor e os entrevistados.

A análise temática produziu os seguintes temas:

Tabela 3

Conceitos que formam cada um dos temas e a sua definição

Temas	Definição
Atividades iniciais não diretamente especializadas no futebol	Práticas não específicas de futebol institucional que os futebolistas peritos registam na sua vida
Fatores de Maturação	Características sobre o desenvolvimento pessoal dos futebolistas peritos. São consideradas quatro referências: idade dos pares; nível competitividade; altura comparada e maturidade comparada.

Fatores de Desempenho	Características sobre percurso de rendimento desportivo dos futebolistas peritos, com caracterização desportiva dos praticantes e reconhecimento de níveis alcançados
Treino/competição e horas/meses e meses/ano	Perceções das características das práticas específicas vividas e quantificação do tempo a elas dedicado. São consideradas variáveis de intensidade, lesões e esforço físico.
Influências Psicossociais na carreira desportiva	Dados sobre características psicológicas e fatores sociais relativos ao percurso dos futebolistas peritos. São consideradas variáveis de suporte e pressão parental, suporte do treinador, influência de irmãos, de pares e do melhor amigo, recursos e compromisso, e divertimento.
Incidentes relevantes, crises e características de personalidade que influenciaram a carreira desportiva	Fatores diversos relativos ao percurso dos futebolistas peritos. São consideradas variáveis da preocupação com a carreira, de recursos dos próprios para ultrapassar crises, assim como externos e de comportamentos ou ações que realizaram para ajudar, decisões mais e as menos acertadas, eventos na vida não de praticante que condicionaram a carreira. É também considerada a personalidade e outras determinantes que os entrevistados queiram referir.
Transições de Carreira	Pontos críticos distintivos, ou mudanças de uma etapa para outra, vividos pelos futebolistas peritos. São consideradas condições prévias ao término da carreira; período de final de carreira; período de transição - júnior a sénior / amador a profissional; situação de vida (no percurso após transição júnior/sénior) e outras transições.

Apresentação e Discussão dos Resultados

A apresentação e discussão dos resultados seguirá a sequência, que resultou da organização dos temas, proveniente das respostas às diversas questões que foram colocadas aos entrevistados.

Atividades Iniciais não Diretamente Especializadas no Futebol

Uma primeira constatação comum aos entrevistados foi a de terem iniciado o que denominaram por futebol de rua, entre os 4 a 5 e os 9 a 10 anos de idade. Para além disso, catorze dos entrevistados referiram ter mantido esta atividade mesmo após terem entrado no futebol institucional. Na realidade, constata-se que metade só praticou futebol de rua, tendo os outros realizado outras atividades desportivas (três só acrescentaram futsal, atividade muito semelhante). A duração destas práticas foi de cerca de três meses até oito anos. A quantidade de atividade do designado futebol de rua deve ser considerada elevada, enquadrando-se os valores declarados entre um jogador com 8580 horas (em 12 anos) (valor máximo) e outro futebolista com 1440 horas (em quatro anos) (valor mínimo). Alguns dos entrevistados diminuíram o número de horas em idades mais avançadas, apesar de manterem esta atividade, mesmo após entrarem no futebol institucional (ver Anexo B).

A importância de práticas não organizadas, combinadas ao trabalho institucional, é, assim, representada pela generalidade destes futebolistas peritos, em concordância ao descrito por Güllich et al. (2017) quando referem que os resultados da investigação sugerem que o envolvimento em futebol não organizado complementa a experiência organizada do futebol e amplia a variabilidade de restrições relacionadas à tarefa.

Fatores de Maturação e de Desempenho

Identificação da maturidade dos futebolistas.

Para reconhecimento do desenvolvimento ontogenético dos peritos entrevistados, comparativamente aos outros praticantes que com eles praticaram, foram colocadas questões que fornecessem informação nesse domínio para se perceber se estes praticantes tiveram, ou não, desenvolvimento e maturação comuns aos seus pares de idade cronológica idêntica. Para isso foram consideradas quatro referências: idade dos pares com quem praticaram; nível competitivo em que participaram; altura comparada e maturidade comparada (ver Anexo C para detalhe dos dados).

Quanto à idade dos pares só uma pequena parte praticou com pares da sua idade e a larga maioria praticou com pares entre um a quatro anos mais velhos, em períodos desde um até 10 anos, o que significa que, de forma geral, nas etapas formativas, estes praticantes estiveram desportivamente avançados em relação aos seus pares;

No que respeita à altura, seis acompanharam sempre a comum dos seus pares e mais 11, menos altos, até uma idade entre 12 e 19 anos, verificando-se, ainda que 13 casos tiveram altura idêntica aos pares a partir dos 15 anos, o que significa que, na generalidade, por este indicador físico, não houve uma altura superior dos jogadores peritos por comparação aos outros praticantes.

Em relação à percepção de maturidade temos quase metade dos casos com maturidade percebida idêntica aos seus pares, um quarto menor até uma idade entre 12 e 17 anos, e cerca de outro quarto dos entrevistados com percepção de maturidade maior numa idade entre 13 e 19 anos.

Verifica-se que, em 14 casos, a maturidade percebida é idêntica ou inferior aos pares, até aos 17 anos, significando que até à adolescência, de modo geral, não se verificou uma maturidade avançada dos jogadores peritos como por vezes se pensa

acontecer. Assim, estes dados colocam estes futebolistas numa posição de maturidade não precoce, de acordo com Balyi e Hamilton (2004), visto que, genericamente, não se adiantaram aos seus pares da modalidade, nem relativamente a outras modalidades, beneficiando de tempo de atividade e experimentação, antes da especialização propriamente dita, em consonância às orientações dos 7 postulados avaliados por Côté e Vierimaa (2014).

Desempenho ao longo da carreira.

Considerando a idade em que iniciaram um envolvimento regular no futebol, enquanto criança ou adolescente, verifica-se que todos iniciaram até aos 10 anos e que todos começaram a prática regular de futebol entre os cinco e os 10 anos de idade. No que se refere à idade em que iniciaram o envolvimento num treino supervisionado por um adulto o padrão é semelhante.

Estes praticantes de uma maneira geral viram reconhecido o seu talento de forma muito precoce, tendo esse reconhecimento acontecido ainda na infância, com uma variação entre os 6 anos (a revelação com maior nível de precocidade) e os 16 anos. Este reconhecimento precoce das qualidades como futebolista, quando se referencia o seu reconhecimento como o melhor da equipa, foi, também muito precoce, situando-se entre a infância e a adolescência. Também participaram em seleções regionais no final da segunda infância, início da adolescência, tendo sido reconhecidos como praticantes de excelência a nível regional, ou como o melhor praticante regional no início da adolescência. As participações em seleções nacionais ocorreram numa janela temporal entre os 14 e os 23 anos, com o valor mais frequente situado nos 15 anos. Também a participação em competições internacionais é muito precoce (embora haja uma considerável variação entre os 14 e os 35 anos), tendo alguns sido considerados os melhores mundiais.

Quanto ao nível competitivo destes futebolistas, verificou-se que quinze praticantes seguiram um percurso regular nas competições mais elevadas para as respetivas idades, isto é, competições regionais até 13 anos, nacionais do mais alto nível e sempre I Liga no escalão de seniores. Os restantes também participaram em competições regionais até aos 13 anos e quatro, nos seniores, começaram em 3º nível de competição, passaram a II Liga (2º nível) e depois entraram e permaneceram em I Liga. Um caso começou em I Liga e depois alternou entre II e I Ligas, significando que, de forma geral, estes praticantes peritos participaram sempre nos níveis mais elevados desde muito cedo ou evoluíram regularmente desde os escalões mais jovens até aos níveis de topo.

Estes desempenhos revelam um forte compromisso, e reconhecimento, na carreira desportiva, na infância e adolescência, comprovada pela participação - como expressão de elevada perícia - nas Seleções Nacionais, em idades precoces, para muitos deles.

O aumento de exigência de trabalho, típico destas participações é, segundo Baker et al. (2003), condição necessária para alcançarem o nível de peritos. Também a acumulação de horas de prática – usual nestas participações -, a partir dos 15 anos de idade, é, segundo Ford e Williams (2012), fator diferenciador para se ser jogador de nível internacional. O desempenho desportivo destes futebolistas peritos reforçou, também, o carácter singular das carreiras (Durand-Bush & Salmela, 2002; Güllich et al. 2017; Hornig et al., 2016; Sternberg, 2003), visto que, houve alguma variação, no início da participação nas Seleções Nacionais.

Etapas de desenvolvimento e da carreira desportiva.

A prática da modalidade começou por ser uma prática não estruturada, iniciada entre os 6 e os 10 anos de idade, ainda na primeira infância, no período da formação básica, rapidamente integrando as formas mais estruturadas (entre os 5 e os 10 anos), e as formas de competição que lhe estão associadas. Neste contexto iniciaram, alguns,

também muito cedo, e a maioria durante a adolescência, a sua preparação nos aspectos menos específicos do futebol (exercícios aeróbicos, de força, etc.)

Verifica-se uma grande amplitude, e dispersão, da idade em que surgiu aos entrevistados a ideia de virem a ser praticantes de elite mas, a quase totalidade, fê-lo após os 15 anos. Essa opção determinou que muitos tivessem de mudar de residência para treinar regularmente (embora uma grande percentagem nunca tenha tido essa necessidade). Há uma variação entre os 11 e os 19 anos, relativamente à mudança de residência e, muitas vezes, ao afastamento da família, com uma acentuação significativa da relação com o treinador.

No que se refere à retirada verifica-se que cerca de um terço dos entrevistados nunca refletiu sobre ela, deixando isso acontecer muito próximo do momento da retirada, e só uma minoria refletiu sobre essa situação antes dos 30 anos de idade.

Estes dados, sobre as etapas da carreira, apontam para a necessidade de inclusão renovada de um amplo leque de variáveis - relacionadas com a preparação da vida pós-carreira, considerando apoios e condições institucionais, estatais e outras, que promovam e incentivem o apetrechamento dos futebolistas para essa fase das suas vidas -, e suas interações - com essas novas condições e apetrechamentos, na articulação nos domínios sociais e profissionais, para essa nova fase de vida -, para a compreensão daquelas carreiras, de acordo com os exemplos de vários estudos (Bruner et al. 2009; Davids, Güllich, Shuttleworth & Araújo, 2017; MacNamara e Collins (2015).

Treino/competição e horas/meses e meses/ano.

Perceção da Intensidade de treino.

A quase totalidade dos entrevistados referiu ter-se envolvido em treinos de intensidade elevada numa idade muito precoce e tê-la mantido a partir dessa altura, com

a maioria atingindo o máximo entre os 15 e os 20 anos (ver Anexo D). Existe, portanto, uma percepção geral de que o treino era muito intenso.

Lesões e tempo parado.

Até aos 20 anos de idade, primeira época regular e oficial de futebol sénior, sete entrevistados não tiveram paragens por lesão e três, tiveram paragens de pouco relevo. Cerca de metade dos casos teve paragens por lesão, com algum significado, de uma a três épocas. No entanto, dada a extensão do percurso, no geral, pode considerar-se que, até à idade sénior, as paragens por lesão não tiveram valores elevados. Após os 20 anos de idade, também não se verificaram valores elevados mas cerca de um terço teve de três a quatro paragens por lesão. Os valores mais elevados no total do percurso desportivo foram de uma minoria, com seis paragens.

Perceção de Esforço.

Todos os entrevistados referiram ter atingido níveis elevados de esforço físico numa idade precoce e, quase todos, com uma única exceção, referiram ter mantido essa magnitude a partir desse atingimento. Nas etapas formativas, todos, exceto dois, sentiram um aumento sucessivo do esforço físico, com variação do início, entre os seis e os 10 anos, passando de valores baixos a bastante altos, atingindo o máximo entre os 16 e os 23 anos.

Distribuição das atividades em horas por mês.

Na generalidade verifica-se uma evolução no número de horas de prática nas etapas formativas, registada na Tabela 4, variando entre o mínimo de 25 horas no início das carreiras até 80 horas no máximo registado.

Tabela 4

Distribuição das atividades em horas por mês

Idades dos Futebolistas	Número de horas mensais	Exceções
Entre os seis e os 13 anos	Entre 14 e 35	Um em exceção a 50 horas aos 12 anos
Dos 14 aos 15 anos	Entre 25 e 50	Um em exceção a 60 horas a partir dos 14 anos
Dos 16 aos 17 anos	Entre 25 e 60	Dois em exceção, um com 64 horas a partir dos 16 anos e um com 80 horas a partir dos 17
Dos 18 aos 19 anos	Entre 32 e 80 horas	
Entre os 20 e os 30 anos	Entre 45 e 80 horas	

Mais de metade dos casos atingiu os valores máximos semanais entre os 20 e os 26 anos de idade. Estes valores incluem treino individualizado nos casos em que ocorreu.

Distribuição das atividades em meses/ano.

Todos os entrevistados referiram ter atividade durante 11 meses, a partir de uma idade (excetuando um que referiu 10,5 meses em toda a carreira), metade até aos 16 anos e nove dos 17 aos 20. Entre os seis e os 12 anos de idade há predominância de 9 e 10 meses. Entre os 13 e os 19 anos de idade a predominância foi de 10 e 11 meses de atividade. Verifica-se que, desde muito cedo na carreira destes peritos, a atividade futebolística ocupou a época desportiva integralmente, com um período de cerca de um mês de paragem (férias). A ocupação por cada época, ao longo da carreira desportiva é, assim, muito densa para os futebolistas peritos.

Somatório do número de horas de atividade (treino e competição).

Considerando a carreira futebolística até aos 30 anos de idade, o menor número de horas de atividade de entre os 20 entrevistados foi de 8165 e o maior foi de 14398. Até aos 19 anos os valores variaram entre 2611 (praticante com início aos 10 anos) e 5410 (com início aos sete anos de idade). Só no futebol sénior, entre os 20 e os 30 anos de idade

os valores variam entre o mínimo de 5040 e o máximo de 9680 (o total incluiu treino individualizado quando existiu). Estes valores revelam alguma dispersão, compreensível por terem sido vividos em diferentes espaços institucionais.

Em síntese, no que se refere ao treino/competição, na carreira destes futebolistas peritos, verifica-se uma percepção da intensidade elevada, numa idade precoce, mantida a partir dessa altura, com a maioria atingindo o máximo entre os 15 e os 20 anos, coincidindo com as fases de aumento de exigências gerais, de acordo com vários autores (e.g. Abbott & Collins, 2004; Baker et al., 2003; Balyi & Hamilton, 2004; Côté, 1999; Côté & Vierimaa, 2014; Davids et al., 2017; Durand-Bush & Salmela, 2002; Lloyd et al., 2015 b; Wylleman et al., 2004). A percepção de esforço, máximo entre os 16 e os 23 anos, relaciona-se favoravelmente ao empenhamento, e foi sempre elevada, atingindo o máximo de entre os 14 e 20 anos de idade – e mantido a partir dessa idade -, em linha com as exigências de duração e intensidade de treino, como requisito necessário para ser perito (Baker et al., 2003), ou praticar intensamente, como explicação razoável para o sucesso e genialidade (Macnamara et al., 2014). O tempo parado por lesões é pouco significativo.

Foi a partir do fim da adolescência que ocorreu o maior envolvimento na atividade específica do futebol, verificado pela medida de horas de treino/competição, e de acordo com o constatado em exemplos de outros estudos (Baker et al.; 2003; Davids et al., 2017; Ford & Williams; 2012) e de modelos propostos (Abbott & Collins 2004; Côté, 1999; Côté et al., 2009; Côté & Vierimaa, 2014; Stafford, 2005; Wylleman et al., 2004). É, ainda, possível confirmar que não se verificaram os eventuais excessos receados por Lloyd et al. (2015 b), quando alertam para os perigos de excesso de horas de treino (que quantificam em mais de 16 semanais para crianças), valores de que estes peritos nunca se aproximaram.

Influências Psicossociais.***Suporte e pressão parental.***

A maior parte destes futebolistas sentiu elevados níveis de apoio parental, que consideram total mas nem sempre foi o caso. Relataram-se situações de suporte crescente ao longo da carreira e até de retrocesso. O apoio parental diferencia-se, naturalmente, ao longo da carreira visto que a dependência e necessidades de apoio na vida desportiva, e na vida social, são diversas, em carreiras que iniciaram em idades muito baixas e se prolongaram por muitos anos. Assim, deve considerar-se muito favorável esta relação parental também porque a pressão parental é, de forma geral, testemunhada em sentido contrário, genericamente muito baixa, ou com poucos episódios moderados ou altos, o que significa ter sido dado espaço à iniciativa e ritmo de desenvolvimento das características dos vários futebolistas (ver Anexo E).

Suporte do treinador.

Em geral, é referido elevado suporte do treinador, que se prolonga até ao escalão sénior. No entanto, cerca de um quarto refere nunca ter sentido total suporte do treinador, apontando para valores médios ou médios altos. Estes valores são genericamente positivos e marcantes nos escalões anteriores a seniores, de forma geral enquanto os futebolistas estavam nas etapas formativas mais básicas.

Influência dos irmãos.

De forma geral foi referida baixa influência dos irmãos na carreira desportiva, com metade considerando não ter tido nenhuma. Um quarto referiu elevada influência mas uma parte deles só até à chegada ao escalão sénior.

Influência dos pares.

Quase metade dos entrevistados testemunhou nenhuma influência, de pares da vida social, em toda a carreira. Os outros referiram influência, nalgumas idades, quase todos até aos 19 anos.

Já em relação a pares do futebol o panorama é ligeiramente diferente, com cerca de um terço referindo nenhuma influência e os outros distribuídos por, exceções nalguns anos da carreira, ou com baixa ou moderada influência até aos 19 anos, havendo apenas uma pequena minoria que refere com elevada influência em toda a carreira.

Significa que, maioritariamente, a influência de pares, sejam do futebol ou não, é baixa ou moderada na carreira destes futebolistas.

Também em relação a influência do melhor amigo verificamos que, parte considerável dos entrevistados, refere baixa influência, mesmo até aos 19 anos de idade, com exceções de uma minoria que revela elevada influência.

Recursos (ambiente de apoio para desenvolvimento de futebolista de alto nível).

Estas condições ou recursos, de acordo com a entrevista utilizada, podem ser definidas como o dinheiro que os pais ou o próprio investem, a qualidade das instalações do(s) clube(s), a qualidade dos equipamentos, a qualidade do(s) treinador(es) e ainda o suporte social.

Verifica-se uma consideração generalizada de plenitude de recursos a partir de uma idade, com a maioria, cerca de dois terços, a sentirem essas condições entre os 18 e os 23 anos.

A quase totalidade dos entrevistados referiu ter tido as melhores condições desde o início da carreira e todos referiram ter mantido essas condições a partir do momento em que atingiram esse nível de condições.

Compromisso na carreira.

Pela forma como se expressou a generalidade dos entrevistados, as respostas a esta problemática referiram-se claramente a empenhamento e foco na carreira/atividades, com todos os entrevistados a considerarem ter atingido elevados níveis a partir de um dado momento e ter mantido essa plenitude de compromisso na generalidade entre os 20 e os 30 anos. Todos referiram ter mantido essa magnitude a partir do momento em que atingiram o nível mais elevado de compromisso, com três quartos a atingirem esse máximo, entre os 14 e os 19 anos, e mais quatro, aos 20. Nenhum sentiu sempre a plenitude desse empenhamento em toda a carreira desportiva mas metade referiu essa condição em todas as etapas da carreira. Nas etapas formativas, todos, exceto um, sentiram aumento sucessivo do empenhamento, com variação do início, entre os sete e os 10 anos. Estes dados revelam que estes futebolistas estavam altamente focados na atividade desportiva, com elevados níveis de capacidade e forte compromisso pessoal com o processo de treino. Os futebolistas revelaram ter sentido que o compromisso foi sempre intenso, não obstante ter havido crescimento gradual em função da etapa desportiva, com a generalidade destes peritos a atingirem o máximo de empenhamento entre os 14 e 20 anos de idade (ver Anexo D).

Divertimento e prazer nas atividades.

Todos os entrevistados, exceto um, referiram elevados níveis de prazer associados à sua prática que, deste modo, parece, também, intrinsecamente reforçada. A percepção de divertimento, de modo diferente de outros fatores, atingiu percepções mais elevadas em idades mais baixas, com 11 casos a regredirem de valor, ao longo da carreira desportiva, e com sete, que iniciaram essa regressão mais cedo, entre os 10 e os 17 anos de idade. Uma evolução decrescente do nível de prazer, retirado da atividade, não exclui a sua forte vivência lúdica, para todos os envolvidos, e em todas as fases da carreira.

Sintetizando, as influências psicossociais são relevantes na caracterização da carreira destes peritos, como sugerido por diversos autores (e.g. Bruner et al., 2009; Holt et al., 2017; MacNamara & Collins, 2015; Serpa & Teques, 2013). Neste sentido, o suporte parental deve considerar-se muito favorável - em concordância a vários autores (e.g. Côté, 1999; Baker et al., 2009; Serpa & Teques, 2013) - e a pressão parental é, de forma geral, testemunhada em sentido contrário, genericamente muito baixa, revelando ter havido espaço à iniciativa, e ritmo de desenvolvimento, das características dos vários futebolistas. O suporte do treinador é, em geral, elevado, em linha com outros estudos (Becker, 2009; Sotiriadou & Shilbury, 2009), sendo positivo e marcante, em especial nos escalões anteriores a seniores, em semelhança ao referido por Holt et al. (2017). A influência de irmãos, de forma geral, foi baixa, e sobre a influência de pares, metade testemunhou nenhuma influência, e os outros, alguma influência, nalgumas idades, quase todos até aos 19 anos. De pares do futebol, semelhante ao melhor amigo, a influência é ligeiramente diferente, baixa ou moderada até aos 19 anos, e uma pequena minoria, refere elevada influência em toda a carreira. A influência de pares do futebol - proposta por Loughhead et al. (2006), no sentido da liderança de pares -, ou de outros pares fora do futebol, é, assim, baixa ou moderada, na carreira destes futebolistas. Os recursos para ser futebolista de alto nível foram, genericamente, de plenitude a partir de um determinado momento, a maioria entre os 18 e os 23 anos, com essas condições a irem ao encontro da importância de aspetos organizacionais sugeridos por vários autores (e.g. David et al., 2017; Sotiriadou & Shilbury, 2009). O compromisso foi total, de todos, menos um, a partir de uma idade, e mantido até aos 30 anos, enfatizando o compromisso, em consonância a Baker e Côté (2003), como um aspeto relevante das carreiras destes futebolistas. O divertimento e prazer nas atividades, apesar da elevada exigência e adversidade, foram genericamente de forte vivência lúdica e muito agradáveis, em concordância a outros

estudos (Baker et al., 2003). O conceito de *grit* (Duckworth et al., 2007; MacNamara & Collins, 2015), é essencial para se entender o equilíbrio entre a grande exigência no treino/competição e o divertimento/prazer testemunhados.

Incidentes relevantes, crises e características da personalidade que influenciaram a carreira desportiva.

Os praticantes entrevistados manifestaram ser preocupados com o desenvolvimento da carreira, apesar de haver duas posições típicas diferentes de atuação, isto é, um pouco mais de metade dos casos, tentou antecipar e definir estratégias para ultrapassar obstáculos e os restantes, revelaram não ter antecipado, atuando de acordo com o dia-a-dia

Quase todos (18) afirmaram ter encontrado em si os recursos para as diversas necessidades, acabando por resolver com muita autonomia as situações e mudanças da vida desportiva.

Quanto a recursos externos, como apoios para ultrapassar crises ou mudanças na vida desportiva, a generalidade dos futebolistas (19) incluiu a família e, nalguns casos, também treinadores, empresários, clubes e jogadores. Um único referiu ter sempre partido de si próprio. O tipo de comportamentos ou ações que aqueles atores externos realizaram para ajudar, foram, segundo os mesmos futebolistas, genericamente, presença e apoio, representados nas citações:

“Sempre proximidade e acompanhando nos treinos, mesmo de fisioterapia;”

“Acima de tudo mais pela palavra amiga, apoio constante, mais a família;”

“Apoiando-me sempre nas decisões que tomei e estando presente em todos os momentos, que felizmente não foram muitos, mais bons do que maus, mas estiveram sempre comigo.”

Relativamente a episódios de vida que possam ter constituído crise ou que tivesse feito ponderar o abandono da carreira, cerca de um terço referiu nunca os ter tido e os restantes referiram lesões, ida para o serviço militar e só dois consideraram situações graves com familiares. Portanto, uma parte sem episódios considerados de crise e outra parte, com dificuldades temporárias por lesões ou questões desportivas, mas só um número muito reduzido referiu situações graves de verdadeiras crises. Neste contexto, verifica-se que, para a grande maioria destes futebolistas de elite, os episódios mais problemáticos, não foram muito difíceis ou sequer registadas como crises.

Não obstante este peso relativamente reduzido de incidentes problemáticos, no que concerne às situações de crise referenciadas, os poucos que as viveram, relataram momentos de tristeza, dúvida e insatisfação. Não puderam ajudar (as suas equipas) e treinar, sofrendo incompreensão, dificuldade de jogar e alguma impotência. Estas situações levaram a poder prever o fim da carreira, ou ter de pensar em abandonar, assim como ter medo de falhar e do que os outros pensariam. Estas dificuldades foram contrabalançadas por aspetos positivos, por terem dado mais força, reconhecendo que era a aprendizagem da vida. As dificuldades referidas podem ser expressas no relato:

“Senti-me abandonado; que o indivíduo não é insubstituível, toda a gente pode ser descartável.”

Sobre decisões, mais e menos acertadas, que influenciaram profundamente o desenvolvimento da carreira, é possível sintetizar-se o que foi referido e, assim, as mais acertadas, foram de carácter desportivo e relacionadas com mudanças para clubes em que estes futebolistas sentiram ter tido boas fases de carreira e desafios positivos; e as menos acertadas, estiveram relacionadas com mudanças para desafios menos positivos. De forma geral as decisões destinaram-se a busca por progressão na carreira, com a expressão “sair da zona de conforto”, resumindo o sentido comum daquela busca.

A citação de um dos jogadores pode resumir o sentido destas decisões, ao referir:

“As mais acertadas foram todas; o comboio só passa uma vez e felizmente aproveitei; algumas, menos acertadas, mas não foram suficientemente importantes para pôr em causa o resto.”

Esta citação reflete o sentido mais geral das decisões, não atribuindo muito peso às menos acertadas, considerando que, mesmo essas, serviram de aprendizagem, em carreiras, de forma geral, muito bem-sucedidas.

A propósito de problemas de relacionamento durante a carreira desportiva, quase metade refere não ter tido problemas significativos e os restantes mencionam problemas com treinador, colegas e com vários outros personagens. Os relatos indicam, como fatores influentes nesses problemas, a personalidade frontal, o facto de não ser opção para jogar, suspeições sobre comportamentos do próprio jogador, situações genericamente de divergência no relacionamento sociodesportivo. Com colegas não foram relatadas razões. As reações a problemas relatados foram diversas, chegando a confronto físico e discussão. Nalguns casos até teve consequências positivas, e apoio de colegas, mas noutros casos, nomeadamente com treinadores, deixou marcas negativas e ainda afastamento de clubes. No geral, as situações foram consideradas penosas mesmo que as consequências tenham sido diferenciadas. No essencial não tiveram impacto significativo no desenvolvimento da carreira.

Sobre eventos na vida pessoal, que não de praticante, e que condicionaram substancialmente o desenvolvimento da carreira, quase metade também refere não ter tido e os restantes relatam diversos eventos, como graves problemas familiares, gestão de carreira relacionada com família, dificuldades sociais de familiares ou dos próprios e, ainda, lesões e outros impedimentos de carreira. Verifica-se, assim, que uma parte considerável relaciona importantes eventos condicionantes com a família.

Especificamente sobre características da personalidade que ajudaram a construir a carreira e a ultrapassar as transições e momentos de crise, são indicadas transversalmente, força interior, persistência, perseverança, espírito de sacrifício, características muito ligadas a lutar pelos objetivos, conjugadas a tranquilidade, humildade, maturidade, otimismo, complementadas com orgulho, reconhecimento, desfruto, felicidade, num percurso amplo, e com transições por vezes exigentes, orientadas para um sonho e um desejo. Estas características são sintetizadas ao ser dito:

“Um dos grandes objetivos da vida era ser jogador profissional; cumprir um objetivo; lutar pelo que mais quis; humildade, profissionalismo; vontade grande de querer chegar o mais longe possível.”

A maioria, explícita ou implicitamente, considera que as suas características pessoais ajudaram nos ajustamentos às mudanças, e uma minoria, que atrapalharam ou não ajudaram.

Transições de Carreira

Condições prévias relativas ao término da carreira.

A preparação do final de carreira não foi questão que preocupasse muito os futebolistas peritos no decurso da carreira. Seis nunca refletiram previamente sobre a retirada, e só três declaram ter refletido e antecipado essa retirada antes dos 30 anos de idade. Sobre as razões, 13 não as indicaram objetivamente – destes, sete ainda não terminaram a carreira - e os outros sete, três por limitações físicas, como seja o caso:

“Eu queria terminar a carreira pelos 35 anos mas não estava à espera que fosse tão cedo, por causa da lesão; preparei de forma que iniciasse outra atividade. Como? Estudando. Tirando licenciatura em Gestão.”

Dois futebolistas relatam previsão e antecipação, tendo como exemplo a citação:

“Aos 27 anos comecei a pensar nos recursos que seriam precisos mas muito superficialmente. Nós nunca estamos preparados para largar o futebol, quando não podemos é que largamos, quer dizer não somos nós que deixamos o futebol ele é que nos deixa a nós. Quando tive a lesão e então começo a ponderar seriamente, isto com 32 anos.”

E dois outros praticantes por questões profissionais:

“Já tinha estruturado uma empresa; o meu posicionamento mediático; explicar a saída e organização pública; não tive muito mais possibilidades porque houve a proposta para dar continuidade noutras funções na formação no Clube X;”

“Como sempre gostei de casas, da imobiliária, comecei a aplicar o meu dinheiro em casas.”

Relativamente aos 13 já retirados, e se planearam essa fase de uma forma prévia, quatro referiram que não e os restantes nove que sim, sendo a citação seguinte, exemplo de muitos aspetos referidos:

” Quando comecei a preparar-me para deixar o futebol (...) tinha um convite do Mónaco mas gosto de preparar e antecipar as coisas, não gosto de as fazer em cima do joelho; (...) Mais tarde vejo que a decisão pode não ter sido a melhor mas as decisões têm de ser tomadas. Podia ter ficado mais tempo se mostrasse esse interesse. (...) Custou bastante, ir mexer no material para o treino e ver que já não vais precisar mais daquilo, já não tenho de ir para o treino, isso custou bastante. (...) Mas passa uma fase que custa, se não estás ligado a outras coisas, custa.”

Para a fase final de carreira, e em que consistiu o eventual plano para essa fase, cinco não tinham qualquer plano e os restantes referiram pretensões de ser treinador, de terem empresas previstas e outros com atividades em perspetiva mas sem definição concreta. De forma geral, as expetativas foram suportadas, no tempo e na concretização, em

disponibilidade financeira imediata. Os apoios nesta fase, que contém mudanças significativas na vida dos futebolistas, foram, em cerca de metade, provenientes da família, mas também é referida a figura do treinador. Os restantes não indicaram apoios externos. De uma maneira geral, os jogadores não referiram apoio profissional para o termo da carreira, nem foi referida a presença de apoio mais institucional.

Cerca de dois terços considera ter terminado a carreira no momento certo, não obstante alguns terem referido que poderiam ter jogado mais tempo, havendo também exemplo de tarde de mais, “arrastado por lesões”, e alguns forçados a terminar por lesões. Verifica-se que a maioria terminou a carreira de forma voluntária, tendo controlo total sobre a decisão. As principais razões foram lesões e razões físicas, idade e questões desportivas, razões familiares e preparação do futuro e ainda ausência de propostas de novos contratos. Algumas citações exemplificam estas diferentes situações:

“Idade e resposta desportiva; e projetos já não serem tão ambiciosos como eu gostaria que fossem;”

“Lesões, e tinha duas horas de divertimento, e o resto da semana eram dores e dificuldade em manter a forma. (...) se não tivesse um filho, se calhar não tinha acabado;”

“Acabei, tinha acabado de ser campeão mas eu queria acabar a bem com o futebol. Há pessoas que não acabam a bem, revoltadas. Eu acabei num clube que tinha uma expressão mais pequena que era o Clube Y, mas acabar bem. O presidente até queria renovar por mais anos e eu disse que acabei a bem com o futebol, não queria ter raiva ao futebol e não queria arrastar-me.”

Final de carreira.

De forma geral, quando terminaram a carreira, sentiram uma grande diversidade de estados emocionais. Dois referem mesmo, um vazio, bem retratado ao ser dito:

“Quando acaba o futebol há sempre saudade, há sempre um vazio que dificilmente é preenchido, deixa de haver competição, há sempre aquela adrenalina da competição e isso deixa de haver;”

Ou, também revelando forte alteração no sentido de vida, sendo dito:

“Dia-a-dia diferente, complicado ultrapassar sentimento de vazio.”

Por outro lado, sete referem transições tranquilas, felizes, com passagem para uma nova vida, com sentimentos de perda mas bem aceites, e três com alguns sentimentos de tristeza por acabar. Apenas um referiu frustração.

De forma geral a afirmação:

“Feliz pela carreira e triste por estar a acabar, por não poder continuar a jogar. Se pudéssemos era até ir para a campã. São os melhores anos da nossa vida e gostaríamos de continuar sempre;”

Pode ser representativa do que de mais marcante esta fase teve. Por outro lado representa, também, que a vida continua, ao ser afirmado:

“Não tive qualquer tipo de problema. Foi tudo tranquilo, passei para outra carreira. Mas não vou aos estádios porque sei que me vai trazer aquele bichinho”.

As emoções dominantes foram indicadas como positivas, associadas a carreiras bem vividas que, ao terminarem, conduzem a sentimentos de perda, vazio e nostalgia - por não poderem ter continuidade - muito bem sintetizados na afirmação:

“Satisfação inicial mas depois 2 a 3 anos com dificuldade por faltar a vida desportiva.”

Um único jogador apresenta sentimentos de frustração mas, mesmo neste caso:

“Um bocado frustrado porque senti que ainda podia jogar mais tempo;”

Reflete a posição comum de uma carreira que se queria eterna.

Os pensamentos dominantes foram, também, diversos, por um lado, com avaliações de grande satisfação pelas carreiras vividas e, por outro, de impossibilidade de continuidade mas, também, de alívio, nos primeiros tempos, após a transição, pelas grandes exigências profissionais durante muitos anos.

Estas duas posições podem resumir-se em duas referências dominantes, primeiro na posição:

“Foram os melhores anos da nossa vida e gostaríamos de continuar sempre;”

E, também:

“Alívio, dos problemas físicos; desafio de nova vida. Oportunidades, fantástico ter um fim-de-semana, fantástico estar com a família.”

Relativamente às principais mudanças sentidas nesse período, em diferentes aspetos da vida, é relatado, na maioria dos casos, a existência de estabilidade financeira e mais tempo disponível mas, por outro lado, perda de competitividade, menor pressão e mais disponibilidade, refletidas nas expressões:

“Aproximação a pessoas que normalmente nem parava para falar;”

“Mais tempo para estar com família e amigos – olhe durante a carreira nunca estive consigo”.

Nesta fase, mesmo com casos de dificuldades temporárias, as mudanças podem genericamente ser sintetizadas na citação:

“Forma de estar diferente na vida; quando jogamos estamos quase numa bola de cristal, numa redoma e depois é a vida real; quando se é jogador de elite não se percebe os benefícios.”

As principais mudanças sentidas nesse período, nos estudos e/ou trabalho, envolveram cinco retomas de estudos, incluindo um com área de futebol, duas passagens para outras funções no futebol, quatro passagens para trabalho fora do futebol e dois sem

atividade imediata, invocando dificuldades por fim de carreira no estrangeiro ou por ausência de preparação para as solicitações do mercado de trabalho.

Nos estudos são representativas citações:

“Voltei a estudar;”

“Voltei a tirar os cursos, muitos ligados ao futebol. Depois também tenho negócios imobiliários – eu tenho uma vida despreocupada – cursos de diretor executivo; ponderar também tirar o curso de treinador.”

De forma geral, a dificuldade nestas áreas é refletida na citação:

“Senti-me um bocado perdido e senti um bocado de dificuldade no dia-a-dia. (...)

Comecei a estudar.”

Também, o lamento por não ter reentrado nos estudos, revela a importância a eles atribuída, na citação:

“Uma grande alteração no trabalho porque passei a outras ocupações.

Infelizmente deixar um bocadinho os estudos para trás.”

A insuficiência de preparação pessoal e institucional relatada pelos futebolistas peritos, para a vida pós carreira, é bem realçada na afirmação:

“Procurar trabalho fora do futebol, completamente impossível, noutras áreas, pedem-nos experiência de trabalho, não tenho nenhuma, fica muito difícil.”

Verificámos alguma diversidade de situações nos aspetos económicos, a maioria refere, de forma geral, que as receitas são menores e que, apesar de se terem preparado e de poderem manter níveis de vida não muito diferentes, tiveram de se adaptar, como um sintetizou:

“Novas contas à vida, enquanto jogamos temos um ordenado que nos faz não estar preocupados com o que gastamos e depois sim.”

Igualmente reveladoras do realismo e da preparação que alguns fizeram, as citações:

“Estabilizado mas passa a sair dinheiro e não entra, apesar de ter alguns investimentos;”

“Aos 26-27 anos comecei a planificar também uma distribuição do que era necessário, acima de tudo para manter o meu nível de vida.”

Um, em contraponto, referiu estar:

“Muito melhor do que estava, melhor condição económica (nova profissão com negócios imobiliários).”

Neste aspeto, importante para a continuação da vida destes futebolistas, verifica-se uma preocupação geral, na maioria dos casos, preparada cuidadosamente, mas sensível na redução de receitas, e na necessidade de equilibrar as condições de vida presentes e futuras.

Quanto às principais mudanças sentidas nesse período, nas relações familiares/sociais, alguns referem sem alterações de relevo mas a maioria refere melhor vida social, mais tempo com família e amigos mas, também, referência a ter sentido afastamento de algumas pessoas, mesmo das mais próximas, destes, um relatando como correu:

“Mal, separei-me quando acabei. Somos a mesma pessoa mas a outra olha de maneira diferente, como ex-jogador;”

Outro relata diferenças significativas dos comportamentos de outras pessoas:

“O telefone tocava menos vezes e as pessoas que ficaram, foram as que realmente me acompanharam sempre”;

Mas também com referências de vida mais tranquila e respetivas vantagens:

“Sem pressão mediática e aquela adrenalina toda, já não há ansiedade.”

Portanto, socialmente, esta transição não foi muito problemática para a maioria dos casos, não obstante alguns terem sentido afastamento de algumas pessoas.

Reforçando o que foi referido parcelarmente, em síntese e na generalidade, esta transição ocorreu sem profundas alterações de vida social, que não tenham decorrido das mudanças de obrigações profissionais. Os futebolistas procuraram e/ou entraram em novas atividades profissionais e académicas, com mais tempo e possibilidade de convivência com família e amigos, gestão de recursos financeiros já acumulados ou em aquisição, menor ansiedade e pressão desportiva e mediática. Foi uma transição, não desejada e que, nalguns casos, retirou motivação de vida, mas também não foi muito dolorosa. Provocou alterações de ritmos e processos quotidianos mas foi aceite com normalidade, e disponibilidade, para procurar e encontrar alternativas satisfatórias de vida. Três citações combinadas resumirão o que de mais significativo ocorreu nesta fase de final de carreira:

“Muito menos pressão e mais disponibilidade;”

“Adaptar aquilo que era a minha situação financeira;”

“Muitos anos com pressão mediática enorme, gerir a ansiedade, e de um momento para o outro isso já não existe, de repente tudo isso muda e a vida normal quase não nos motiva.”

A forma como os futebolistas lidaram com essa mudança foi diversa mas contém grupos de situações semelhantes, uns a encararem como natural, alguns considerando ter preparado de forma pensada e com meios adequados e os outros deixando indicações de também ter havido benefícios com a vida pós-carreira, figurada nas citações:

“Minha mulher diz que havia coisas que fazíamos mas tu não podias e agora podemos;”

“Passando da vida mediática e pressionada à vida comum, com diferentes investimentos formativos, dentro e fora do futebol, assim como preparação de vida geral e financeira desde os 26-27 anos.”

Dois diferenciaram o início como mais difícil e depois com novas atividades, indo estabilizando. Três, em posições expectantes, com mais disponibilidade e vida familiar, destes, um único, reforçou como difícil o vazio, compensado com mais liberdade e novas atividades.

Sobre origem de apoios, nesta fase de mudança, a maioria refere familiares, havendo também referência a um treinador e um número reduzido de casos que não sentiu grandes mudanças ou não teve ajudas.

Sobre as características da personalidade e/ou experiência que ajudaram a enfrentar essa situação, verificamos que um número considerável de futebolistas centrou as razões em tranquilidade e maturidade, para conquista de objetivos, como base da preparação para a mudança. Para as experiências consideraram relevante a passagem por diferentes clubes e países; alguns casos indicaram otimismo e positivismo, para luta por objetivos e convicção de encontrar boas soluções para futuro; ainda outros casos suportaram-se em reflexão com base nos ensinamentos da vida, mesmo os difíceis, invocando coragem e superação, bem retratados em duas expressões, uma dizendo:

“Fico a moer mas olho para exemplo de colegas, positivos e negativos ... olho para os melhores exemplos;”

E outra, exemplar das exigências de carreira, transições intermédias e final, dizendo:

“Sempre tive a experiência de vida, de dar a volta por cima; carreira muito complicada, aos 22 anos não tinha clube e aos 28 era Internacional A. Esta fase – pós-carreira –, mais um desafio, outra vez, traçando objetivos/metast”.

Houve, ainda, um que referiu:

“A personalidade não ajudou porque eu gosto de fazer tudo bem e deixar não era o que queria.”

Em sentido oposto, sobre eventuais barreiras à mudança, a maioria referiu que não houve, apesar de dois exemplos que expressaram necessidade de compensações para o seu bem-estar, dizendo que novo desporto deu motivação mas que futebol não:

“Porque não consigo jogar à bola contra amigos ... o futebol acabou para mim;”

E um referindo saudade, dizendo:

“Há sempre adrenalina da competição e deixa de haver.”

Os restantes referiram ter encontrado diferentes barreiras, como ter terminado fora de Portugal e perdido pontes para clubes, a tristeza de familiares em seu redor, a própria condição de desemprego, a personalidade por não poder continuar a fazer o que fazia bem e o choque de rotinas, retratado na história:

“Fui levar um miúdo à escola, oito horas, depois cheguei a casa, e agora, o que vou fazer?”

Foi, ainda, referida a dificuldade de deixar de fazer desporto e estarem sempre a marcar jogos porque precisam, sintetizando tudo na constatação:

“Estou num terço da minha vida e agora?”

Relativamente à identidade como praticante nessa fase, foi referida como importante, alguns relacionando, as suas identidades como praticantes, com reconhecimento público, com expressões como:

“Tem mais a ver com o Ego ... deixamos de ser reconhecidos e essa diferença custa;”

“Adaptação da identidade no tempo. À medida que fui descendo de categoria, fui deixando de ter o reconhecimento público e não foi muito diferente.”

Alguns ligaram a importância da sua identidade a transmitir a sua experiência, os valores por que se regem, e à preparação e tranquilidade.

O tempo necessário para superar essa fase de transição é referido desde, imediato, até um a três anos, e um caso extremo, a seis anos. Alguns referiram, também, que, com as ocupações imediatas, não sentiram esse problema, ou sentiram num período curto, e depois mais favorável, havendo uma expressão que transpareceu na generalidade dos casos, ao ser dito:

“Vou ser sempre um ex-jogador de futebol. Nunca despimos a camisola toda.”

A propósito da satisfação nesse período de transição, a maioria das referências foi de muito satisfeitos, apesar de também ser mencionada, resignação pela opção feita. Os restantes, de forma geral, consideraram, de início ter sido fantástico, mas depois ter faltado o futebol, simbolizado na afirmação:

“Se fosse só jogar ia até aos 50 anos”;

E, também, um misto de preocupação e necessidade de retomar vida satisfatória e reconhecida, retratados na citação:

“Desde que comesças a ser convidado; a sentir-te útil outra vez; deixas de jogar futebol, já não serves para nada e depois sentes-te útil.”

Período de transição - júnior a sénior / amador a profissional.

De modo geral as descrições nesta transição indicam que estes praticantes passaram bem por ela, com grande satisfação por realizarem um objetivo, alegria enorme, grande realização, com realce em clubes de grande expressão nacional, com citações como:

“Ainda mais no clube X onde só dois ou três conseguem lá chegar; foi um orgulho; aquilo com que sempre sonhei.”

É testemunhada normalidade nesta transição mas também considerada aliciante, desafiante, apesar de difícil e problemática pelas exigências e dúvidas da situação, aumento de responsabilidade, medo de não conseguir, motivado por exemplos como:

“O meu irmão que foi dispensado e nunca mais voltou;”

E, ainda, referência às dificuldades, como no caso de lesão, que, no entanto, podem ter ajudado a chegar ao topo.

As emoções dominantes expressam grande satisfação, aventura, entusiasmo, vontade de conquista, orgulho, referência a estar nas nuvens, felicidade e responsabilidade:

“Concretizar um sonho de criança. A alegria por me profissionalizar na profissão de sonho;”

Com particular ênfase nos clubes de maior dimensão, com satisfação e consciência, retratados na expressão:

“Muito satisfatório ... no clube X. Em especial no domínio emocional. Os jogadores dos três grandes são os melhores de Portugal mas não têm noção da realidade do futebol sénior profissional, que é outro mundo, de exigência e tudo.”

Ainda algumas situações de satisfação, mas com preocupações sobre condições e possibilidades de percurso, dificuldades ao recomeçar do zero e medo da mudança.

Os pensamentos dominantes foram de atingimento de um objetivo importante e de transição para futuro desejado. No geral esses pensamentos foram favoráveis, para um objetivo alcançado, cumprido, com conquista, melhoria e valorização das vidas destes futebolistas, com obtenção de dinheiro e com caminho na direção de uma grande vontade de ser jogador de futebol profissional, sintetizado na expressão:

“O que eu me lembro: é isto que eu quero!”

Também a convicção de progredir para a 1ª divisão ou alcançar algo fantástico:

“Alegria de jogar com jogadores que só via na televisão;”

“Treinar com aqueles que eram os meus ídolos.”

Por outro lado, não defraudar ninguém, pensando que a partir dali as coisas podiam ser muito a sério, ou brindá-los afetivamente com a partilha, com singularidades que realçam a elevada importância da família:

“Fazer sempre o melhor, ter o meu avô a ver-me jogar ao mais alto nível”;

Mas também a pensar na estabilidade para continuar a crescer, ter melhores contratos, ser mais reconhecido, na generalidade tendo condições para uma mudança muito grande. Os pensamentos foram também de desafio e atração, num âmbito desejado por muitos:

“Consegui o que outros não;”

“Consegui, atingi o que sempre sonhei, consegui o que muitos queriam.”

Também houve casos de preocupações de concretização – da parte de um reduzido número de futebolistas - associadas aos pensamentos positivos, revelando, no geral, tratar-se de uma fase crucial, uma base para alcançar o sonho de entrar no futebol profissional e de participar num espaço de prática amplamente desejado, mas visto como distante e muito difícil de conseguir.

Neste período de transição, foram sentidas mudanças em diferentes aspetos da vida, com alguns a referirem não terem sido muito sensíveis, mas, de modo geral, foram relatadas diferenças pelo novo enquadramento, pela mudança de cidade, alterações nos estudos – quase todos já não estudavam ou deixaram nesta fase -, melhoria de vida em geral, também económica, mudança nas relações sociais e familiares, assim como nos horários e locais de vivência, passando a ter menos tempo disponível em consequência das viagens e dos estágios. Tudo isto se refletiu na disponibilidade individual, sendo referido não ter tempo para nada, passando a ter uma vida mais limitada mas sem dificuldade visto que, pelas declarações efetuadas, tudo foi feito com gosto. Por outro lado verificou-se aumento da mediatização:

“Seres reconhecido na rua, ninguém nos prepara para isso;”

E falta de privacidade, obrigando a levar tudo mais a sério, com a consciência de ter de seguir uma vida profissional, exigindo mais descanso e conduzindo a mais pressão, todas estas mudanças sintetizadas:

“Numa grande mudança; se atinges esse patamar é ser reconhecido no restaurante ou na rua, e a vida é essa, isto já é de outro nível”.

Nesse período, nos aspetos económicos, com uma exceção, e um caso que referiu que de imediato os objetivos não eram de dinheiro, as descrições, indicaram uma melhoria, no geral simbolizada nas expressões:

“Comprar o primeiro carro, ter dinheiro no banco, entrada para uma casa;”

“Ganhava muito dinheiro, em comparação, por exemplo, com os meus companheiros que andavam a estudar;”

“Maravilha, passei de zero para 100, depois do primeiro ano deram-me carro e dinheiro para entrada para a primeira casa.”

A melhoria financeira também suscitou a hipótese de fazer os primeiros investimentos, com o apoio familiar.

Também realçando as relações familiares/sociais, foi referida a admiração expressa pela família e, por outro lado, alterações como sejam, não sair à noite, nem a uma esplanada, não ir, ou ir pouco à praia, não apanhar muito sol porque havia treino, implicando adaptações da vida social, muito sensíveis com as novas responsabilidades profissionais, e criando novas condições à vida em geral, como num caso significativo em que é relatado:

“Em casa, a namorada já falava em casamento; eu ajudava os meus pais todos os meses, eu e o meu irmão, éramos os meninos bonitos, melhorou tudo.”

Portanto, em síntese, esta fase integrante da carreira, reconhecida na literatura (e.g. Abbott & Collins 2004; Baker et al.; 2003; Côté, 1999; Côté et al., 2009; Côté & Vierimaa, 2014; Davids et al., 2017; Ford & Williams; 2012; Stafford, 2005; Wylleman et al., 2004), conduziu a várias mudanças, em particular, viver com outras pessoas, ter carro para deslocações e ter casa própria, ter horários e locais de vivência diferentes,

dispor de menos tempo, viver mais solitário, ter vida mais limitada, levar tudo mais a sério, necessitar de mais descanso, estar sujeito a maior pressão e exigência e passar a fazer uma vida mais restritiva por exigência profissional. O modo como lidaram com essa mudança reflete um clima de relativa normalidade, não obstante a mudança ser sensível e de forma geral positiva. Ter lidado bem com a mudança associa-se à generalidade das posições que a consideram positiva, com um único caso referindo dificuldades no início, podendo a generalidade ser resumida ao ser dito:

“Bem. Na vida em geral não mudou muito, tive consciência de que tinha de seguir uma vida profissional; alegria, consegui o que sempre sonhei desde criança. Estudos, abandonei por menos tempo e ter a cabeça na profissão.”

De forma geral, os apoios nesses momentos, provieram de algum ou alguns familiares e amigos e também do treinador. Não foram detalhadas as formas de apoio, sendo indicadas presença e disponibilidade em geral nas suas vidas.

As características da personalidade, a identidade e a experiência, também foram consideradas, genericamente, como apoios para enfrentar esta transição, indicando características positivas dos próprios e experiências favoráveis, incluindo autoconfiança, pragmatismo, autonomia, maturidade, tranquilidade e dedicação, realçadas pela expressão:

“Querer muito ser jogador de futebol profissional.”

Acrescem afirmações de sentido positivo e humildade:

“Nunca ter subido à cabeça;”

No objetivo de alcançar algo muito desejado por muitos jovens, manifestaram disponibilidade para aprender, saber ouvir pais e treinadores e, também, vendo colegas, com mais dois ou três anos, que estavam a fazer percursos profissionais de excelência.

Sobre barreiras à adaptação, cerca de metade referiu não ter havido, com os restantes a referirem razões pessoais, como falta de robustez física, insuficiente autoconfiança, timidez e, ainda, sentimento de solidão por viver de forma isolada. Noutros casos foram descritas barreiras com origem noutros personagens, como ter sentido muita gente do clube que duvidava da chegada à equipa sénior, assim como a concorrência desportiva:

“O primeiro grande obstáculo foi termos 18 anos e estarmos a competir com homens de vinte e tal ou 30;”

“Quando um júnior vem com muita força, os colegas condicionam; a influência dos capitães condiciona um pouco a ascensão dos mais novos;”

Ainda há a mencionar a pressão da própria profissão, e uma referência ao pai, nos media, que disse que não apoiava o seu filho.

Deve destacar-se que nenhum referiu não ter jogado regularmente na subida a sénior, condição frequente no futebol mas que não foi invocada por nenhum destes jogadores peritos.

O tempo estimado necessário para superar essa fase de transição foi relativamente rápido; de imediato para alguns, de alguns meses para outros e de um ano e meio, a dois anos, num único caso. É relevante, como relato do tempo necessário para a plenitude de participação no domínio profissional, a citação:

“Essa transição demorava muito mais tempo; nem olhava para a cara dos credenciados, fui fazer banhos e os mais velhos perguntaram: oh miúdo, quantos anos tens? Tu não fazes isto, vai lá para fora.”

Neste período de transição também houve testemunhos de elevado grau de satisfação, justificados por descrições exemplares como:

“Eu acho que foi 200% de satisfação;”

“Fantástico. Foi muito bom. Senti-me mesmo muito bem;”

“Dos melhores momentos da minha vida. Grande satisfação, grandíssima.”

De modo menos efusivo, e apesar do testemunho de satisfação, também foi referido, sobre esta transição, que a satisfação esteve a par com exigências:

“O futebol deu-me as maiores alegrias mas também as maiores tristezas e stresse;”

“Foi uma fase difícil, em que sabia que tinha de trabalhar e melhorar.”

Verifica-se que, de modo geral, estes futebolistas passaram bem por esta transição, com grande satisfação por realizarem um objetivo, concretizando um sonho de criança, visto como distante e muito difícil de conseguir. Foi a alegria pela profissionalização na profissão de sonho, com transição para futuro desejado, implicando mudanças da vida, com melhoria em geral, e também económica, na qual quase todos já não estudavam ou deixaram nesta fase. Houve, também, falta de privacidade, mais pressão e exigência de mais descanso, mas, tudo foi feito com gosto. Por outro lado, mais admiração familiar e social também caracterizam esta fase.

Situação de vida atual (no percurso após transição júnior/sénior).

A propósito do que foi importante, no percurso de transição júnior/sénior, na vida profissional, é referida a família, o estar focado na profissão e na carreira, no ordenado, ser reconhecido, sendo, também, realçada a saúde. Na generalidade foi atribuída importância ao facto de jogar regularmente, e ter as pessoas de quem mais se gosta por perto, tendo o futebol como o centro da vida, porfiando para ser excelente e ser profissional, respeitando o descanso, a alimentação e a vivência dos valores. A carreira é um dos grandes objetivos da vida, resumido na citação:

“Fui uma criança muito feliz; dos 20 aos 35 realizei o sonho de toda uma vida de profissional de futebol; não vou conseguir nunca ser tão feliz como fui até aos 35 anos.”

Relativamente à sua avaliação pessoal como praticantes, na carreira desportiva, em geral manifestaram reserva em falar de si próprios. Vários acabaram por se declarar muito bons ou de excelência mas, também, como um produto trabalhado no limite, com uma expressão exemplar, que disse:

“Não gosto muito de falar de mim mas acho que sou um grande jogador;”

Também, realçando o sentido coletivo destes praticantes peritos, salienta-se o caso exemplar, do capitão de uma equipa do topo europeu, ao dizer:

“É difícil; não sei dizer numa escala; eu acho-me um bom jogador, sinto-me muito importante dentro da minha equipa;”

De forma geral, revelando terem atingido níveis de excelência, com alguma humildade para os praticantes em presença, são usadas expressões significativas:

“Ter atingido 100% do que queria; não fui um craque mas chamem-lhe o que quiserem;”

“Bom mais, 10 anos numa seleção das melhores, Portugal, joguei em dois campeonatos de topo; reconhecido internacionalmente; decisivo em todos os sítios onde passava.”

Esta fase das carreiras proporcionou-lhes ampla satisfação na sua vida em geral, com expressões como o máximo que se possa imaginar, ou o mais elevada possível, mas também havendo quem achasse que ainda poderia ter feito mais, portanto, com perceções muito positivas, “nunca despindo completamente a camisola de jogador” mas, também, com a convicção de um meio que não é fácil e, por isso, nunca tendo o sentimento de satisfação total, exemplificado na afirmação:

“Orgulho na carreira. Não venci nenhum título mas este ninguém me pode tirar, aos 22 não tinha clube e aos 28, Internacional A, é um troféu, da minha carreira profissional.”

Em contraposição à dedicação plena referida por muitos dos futebolistas, houve referência a opções por transições para clubes com piores condições e contratos - mas apesar disso permitindo satisfação em geral – e, a provar que outra posição foi possível, há um exemplo centrado na felicidade, em que é revelado:

“Há aqui fatores que podem baralhar isto, em comparação a outros todos, que é o facto de ser prioritário na vida, sempre, a felicidade, e o futebol não era o que me trazia isso. O futebol não podia complicar essa felicidade! Na vida pós-jogador estou como na vida de jogador, desde que não me comprometa o modo como vivo.”

Sobre o apoio dos clubes, nas diversas transições de carreira, alguns referiram não haver nada a destacar e os outros sentiram-se, de forma geral, bem, com exceções de clubes ou de alguns períodos particulares, significando que, na generalidade, sentiram apoio dos clubes, com épocas ou clubes em que episodicamente isso não ocorreu.

Significa que a larga maioria considerou ter tido oportunidade de preparar as mudanças, de forma planeada ou pragmática.

As ajudas consideradas decisivas, na passagem dessas fases, provieram, na maioria dos casos, da família, juntamente com a capacidade de resposta de cada um e, ainda, de ajudas de clubes e outras origens. Nesta conjugação de ajudas são referidos, explicitamente, familiares, os próprios e o seu envolvimento na carreira, clubes e outras condições externas.

Em complemento ao que já foi apresentado, e por contribuir para a melhor compreensão das transições de carreira, mais formais e predefinidas, e de outras mudanças, ocorridas na vida desportiva destes peritos, são apresentadas relevantes citações, a primeira num resumo que evidencia a densidade e consistência das memórias:

“Um resumo, o meu tio que começa a ensinar-me, depois dou o salto para o Braga, e a partir daí tudo acontece muito rápido; lembro-me de tudo, está tudo gravado.”

Seguidamente um exemplo de percurso mais independente:

“Nunca senti pressão; quando fui para o Chelsea ela (mãe) perguntou-me: porque é que vais? Já estás bem, estás aqui no Porto, estás aqui ao pé de nós. Deixaram isso por minha conta, foi mesmo isso, deixaram.”

Continuando com um caso de realce de dificuldades:

“Sair de Amarante aos 14-15 anos, difícil, muitos jovens não conseguem porque não é fácil sair de debaixo da alçada dos pais nesta idade; um sofrimento, é muito cedo. Tive pouco tempo com os meus pais e isso também lhes deve ter provocado sofrimento.”

Seguido por outro exemplo, em contraponto, demonstrativo da diversidade e de que as mudanças foram singulares mas coerentes:

“Por ter podido ser criança, nas idades em que era criança, não ter sofrido pressão de família, treinadores, ninguém, evolução natural; eu é que queria ir.”

Incluir, ainda, a expressão, do otimismo revelado em muitos casos, num percurso por vezes difícil mas no qual as mudanças foram, de forma geral, em cativante crescendo:

“Acima de tudo sentir que este percurso me deu: crescer como pessoa, não digo só em termos profissionais mas também em termos de amizades; não é um meio fácil mas os aspetos positivos é que são de realçar.”

Numa direção complementar, relacionando as mudanças em contextos simultâneos na carreira, neste caso em clube e seleções nacionais, é referido:

“Não é puxar o saco a si mas acho que a formação nas seleções foi muito, muito importante, ir às seleções é sempre importante, mas não foi só isso, foi o trabalho feito, pelo espírito familiar que existia, e sentia que vinha um jogador mais

maduro cada vez que lá ia; na seleção essa aprendizagem da vossa parte deu-me a base para chegar ao clube e ter o andamento que os outros, que não tinham oportunidade de lá ir, não tinham.”

Prosseguindo, mais um resumo que valoriza e transporta, nas mudanças para a vida extradeportiva - quer durante o percurso, quer para a fase posterior - aspetos de aprendizagem, em ambiente de vida do futebolista de elite, em que é dito:

“Transporto tudo isto para a vida real. Nós, muitas vezes, quando jogamos, vivemos dentro de uma bolha, aparece-nos tudo feito e depois temos um choque brutal quando acabamos. Mas também acho que os praticantes estão pouco protegidos pelas instituições do futebol e não só em Portugal. A UEFA devia ter mais atenção ao jogador de futebol, muita coisa se desenvolve em seu redor e depois não recebe atenção correspondente.”

Também em reforço da transição final de carreira, como exemplo de opções dessa fase, é dito:

“A partir aí dos 30 anos deixei de pensar mais na parte profissional e passei a pensar na parte financeira e cultural - ir para a Ásia; e ainda estive na Tailândia, por causa da lesão não consegui”.

Realça-se, ainda, uma citação exemplar, que integra muitos aspetos das transições, assim como do percurso, em que é declarado:

“Fui sempre um grande profissional; o futebol à frente de mim próprio, por ter tido as dificuldades até ser profissional de futebol – eu nas férias treinava, tinha uma grande preocupação para manter-me bem – o aspeto familiar muito importante, a primeira coisa que negociava com um clube, era a casa; para render e trabalhar, tinha de ter a minha cabeça limpa. Eu gostava muito de jogar futebol.

Semana após semana, tu tens, nas férias, que gostar de futebol, tu tens de ficar triste quando não há jogos no fim-de-semana na televisão.”

Este conjunto de citações congrega informação útil e transversal, que melhora o conhecimento das diversas mudanças, verificadas nos percursos vividos por estes praticantes peritos da modalidade, realçando o caráter singular e de elevada densidade das suas vidas desportivas.

Este estudo reforça a importância da pesquisa das transições de carreira no futebol e vai ao encontro da proposta de Bruner et al. (2009), que releva a importância do alargamento dos modelos explicativos do desenvolvimento de carreira e defende que é necessária investigação adicional sobre as diferentes fases das transições de carreira na preparação de atletas.

Notas Finais

Pelo que se verifica em diversa investigação publicada, o conhecimento da FDLP evoluiu do simples e elementar para o complexo, envolvendo cada vez maior número de variáveis e alargando as influências determinantes dos percursos formativos. As abordagens parcelares foram dando lugar a outras complexas e cada vez mais específicas de cada área de atividade. O estudo que agora apresentamos reflete essa tendência, tentando compreender o percurso realizado pelos peritos nessa dimensão de alargamento e complexidade de determinantes e consequentes.

É constatado por Davids et al. (2017) que os praticantes de nível mais elevado, categorizados de classe mundial, envolveram-se em diferentes desportos por períodos plurianuais, com especial referência até ao final da adolescência, e mesmo para além dela, especializando-se significativamente mais tarde do que os praticantes de nível nacional. Complementarmente, segundo os mesmos autores, foi verificado que atletas de classe mundial participaram mais em jogos não organizados no seu desporto principal e/ou

noutros desportos. O nosso estudo verifica também esta participação em jogos informais mas a condição de envolvimento em diferentes desportos, não foi maioritária nos nossos dados. Tal pode dever-se à relativa baixa oferta de prática, de alguns deles no nosso país, e à reconhecida exigência de participação restrita, aos seus jogadores jovens, de muitos clubes mais cotados de futebol. O conhecimento atual permite, ainda, afirmar, segundo os mesmos autores, que em vez daquela precocidade, a especialização tardia, combinando treino específico / treino moderado precoce, com experiências desportivas variadas, não organizadas, facilita o percurso favorável a longo prazo, para posterior alto desempenho superior em muitos atletas. Os dados por nós obtidos também parece corroborarem esta condição visto que, apesar do envolvimento precoce em futebol institucional, muitos dos jogadores mantiveram atividade informal até muito mais tarde.

Em resumo, com os dados obtidos nos percursos dos jogadores estudados, Ford e Williams (2012) concluíram que, depois de começar no futebol aos 5 anos de idade, “jogadores profissionais de futebol em Inglaterra seguem um caminho de envolvimento precoce durante a infância e o início da adolescência” (p. 349). Parecendo contraditória com os nossos dados, esta afirmação corresponde ao verificado nos nossos entrevistados. Eles começaram a aprender padrões motores do futebol, em idades bastante precoces, fazendo-o de forma livre e espontânea – leia-se não institucional e não acompanhada por adultos –, e entraram no espaço institucional em simultâneo com o não institucional. Esta participação nos dois espaços concretiza o envolvimento na infância e adolescência, havendo uma verdadeira especialização, com aumento significativo de tempos de trabalho, em fase mais tardia da formação futebolística. Estas condições estão em linha com o aumento típico de trabalho, que se verifica nas fases mais adiantadas do futebol juvenil e sénior, como referem Baker et al. (2003) “por volta dos 9 anos de carreira de

futebolistas, aumentou tanto a duração como a intensidade de treino e eles sugeriram que este era um requisito necessário para alcançar o desempenho a nível de peritos” (p.14).

Em maior detalhe, e observando os resultados das entrevistas realizadas, podemos, em primeiro lugar, retirar um conjunto de conclusões sobre o percurso de carreira destes futebolistas:

Tiveram uma prática precoce, de rua, muito elevada, com alguma heterogeneidade relativamente à prática de outras modalidades. A prática específica do futebol apareceu cedo na vida destes desportistas, passando de um ambiente não estruturado para um ambiente de prática muito estruturado;

O volume de prática específica e estruturada cresceu gradualmente e era muito elevado. A Carreira Profissional iniciou-se muito cedo e o volume de prática dirigida cresceu significativamente;

Não relataram diferenças de base biológica (altura e maturidade) na explicação dos seus desempenhos mas de competência de jogo, sendo, desde o início, percebidos como talentos;

Apresentaram níveis elevados de focalização, de atenção e de compromisso com o treino, de trabalho árduo, num ambiente que reúne todas as condições materiais necessárias ao seu desenvolvimento.

Uma grande parte, em criança ou jovem, começou a treinar regularmente aspetos menos específicos (aeróbicos, força, etc.), e a carga mensal de todas as atividades aumentou até aos seniores, na maioria com valores máximos entre os 20 e os 26 anos de idade;

Há, no geral, uma vivência afetiva muito positiva da sua prática, maior no início da carreira e com alguma perda de divertimento nas fases posteriores que, no entanto, se mantém elevada;

O suporte parental foi elevado e a pressão parental, no geral, baixa ou nenhuma. O suporte do treinador, na maioria dos anos até aos 19, no geral foi elevado, portanto com mais peso até à entrada no quadro sénior. A influência de irmãos, de pares, e especificamente pares do futebol, no geral foi baixa, assim como do melhor amigo, baixa ou moderada;

De forma abrangente, a existência de bons recursos no percurso dos futebolistas peritos é uma condição comum e realçada por todos, associada a uma entrega plena à vida em geral e particularmente à atividade de treino e competição;

Todos atingiram o topo de I liga, no desempenho a nível competitivo, com a maioria sempre nas competições mais elevadas para as respetivas idades, e os restantes em ascensão até ao topo, portanto, reconhecidos como futebolistas de elite desde idade muito baixa, com a maioria a começar a ser convocada para seleções até aos 18 anos e que, apesar da reserva em falarem de si próprios, se consideraram futebolistas muito valorosos ou muito úteis à sua equipa;

Em mudanças ou crises que tenham implicado decisões de carreira, foi considerado, por estes futebolistas, que as mais acertadas foram relacionadas com opções desportivas, para a melhoria das suas carreiras e as menos acertadas, foram relativizadas na sua importância, porque foram parte de carreiras, no geral, muito bem-sucedidas;

Cerca de metade não teve problemas significativos de relacionamento e os restantes envolveram treinadores e colegas, nestes casos situações penosas, por divergência sociodesportiva;

Mais de metade só referiu fortes condicionamentos em eventos na carreira, relacionados com a família;

Noutras situações, em concreto sobre alguma crise que tivesse feito ponderar o abandono da carreira, mais de metade refere que teve crises que relata, como difíceis,

episódios diversos de lesões ou desportivos, em que sentiram momentos de tristeza, dúvida, insatisfação, alguma impotência, por poderem indicar o fim da carreira ou impor o abandono.

Podemos, também, retirar um conjunto de conclusões sobre as transições de carreira destes futebolistas:

Cerca de um terço nunca pensou de forma sistemática na transição final de carreira e só uma pequena parte começou a pensar nisso antes dos 30 anos, sendo, portanto, algo tratado por muitos, mais próximo de ocorrer a retirada. O planeamento, mesmo que com pouca antecedência pela maioria, foi considerado eficaz, uma vez que consideraram ter terminado no momento certo e com controlo total da decisão;

Na transição final de carreira, há diversidade de como se sentiram mas podemos sintetizar na expressão “feliz pela carreira e triste por acabar”. No geral, grande satisfação pelas carreiras vividas mas, também, alívio nos primeiros tempos após a transição, pelas grandes exigências durante muitos anos;

As mudanças mais sentidas foram na gestão de recursos financeiros, com abaixamento genérico de receitas, nas novas obrigações profissionais e atividades académicas, mas sem profundas alterações da vida social;

Os apoios provieram em especial de familiares e amigos, com a personalidade, a identidade e a experiência destes futebolistas a serem consideradas importantes para enfrentar a situação e anular barreiras;

A transição de júnior a sénior, no geral, foi de satisfação e desafio, numa fase crucial para participar num espaço muito desejado mas muito distante e difícil de alcançar. Os apoios nesta transição, apesar da diversidade, na generalidade têm, em comum, familiares e, para a larga maioria, demorou até 1 ano a ultrapassagem desta fase de adaptação;

Na situação de vida, no percurso após transição júnior a sénior, todos consideram a família importante, sendo referidos, também, outros aspetos, nomeadamente, a melhoria económica e nas relações familiares e sociais, com o futebol a ser tão importante que é o centro da vida, com ampla maioria a manifestar, nesta fase, elevada satisfação com a vida em geral;

Nenhum futebolista se lamentou por não ter jogado regularmente na subida a sénior, condição frequentemente invocada no futebol;

Para a generalidade destes futebolistas de elite, as transições de carreira, típicas e predefinidas, não foram difíceis ou sequer registadas como críticas;

No geral, estes futebolistas realizaram ajustamentos convenientes ao decurso da carreira, incluindo as transições, e consideram que a sua personalidade contribuiu positivamente.

Foi, ainda, acrescentado, por muitos destes futebolistas, um conjunto de aspetos transversais à sua formação a longo prazo mas que se podem sintetizar, enquanto criança, em elevadas expectativas e desejo de ser futebolista, a par com as dificuldades próprias dessa fase de crescimento, num percurso difícil mas vivido com otimismo, no qual aprenderam e se valorizaram, como pessoas e profissionais, em instituições com relativa pouca proteção. Tiveram forte apoio da família mas viveram numa bolha favorável, na concretização de um sonho de criança.

A diversidade dos testemunhos sobre a carreira destes futebolistas demonstra que têm forte individualidade no seu entendimento, interpretação e registo das suas vidas desportivas, e das transições de carreira, não obstante serem praticantes de um jogo coletivo, significando que aquela individualidade não impediu uma participação coletiva que a modalidade exige. Pela diversidade dos testemunhos pode inferir-se que as carreiras

destes jogadores, e as transições, são singulares num quadro de participação com muitos aspetos comuns, até pela carga institucional a que estão sujeitos.

Limitações e Recomendações

Uma das limitações genérica dos estudos nesta área da formação desportiva é o facto de eles considerarem categorias relativamente grosseiras, de tipos de atividade (Hornig et al., 2016), na análise da sua macroestrutura, e não terem em conta os detalhes de microestrutura das atividades realmente vividas. Abordagens, muitas vezes, excessivamente quantitativas, descrevendo grandes categorias (macro categorias), descuidando análises qualitativas e interpretativas, com maior ênfase em categorias de análise mais fina. Também não têm suficientemente em conta que o potencial de um indivíduo é dinâmico, e continuamente aberto às influências de tarefas que vai vivendo, assim como às restrições individuais e ambientais (David set al., 2017). Assim sendo, são desejáveis estudos mais detalhados, específicos e precisos, que deem ênfase às particularidades – e não generalidades – dos percursos formativos. São indispensáveis pesquisas que permitam compreender melhor as microdinâmicas contextuais que afetam o decurso da carreira do praticante e, também, estudos longitudinais que investiguem a evolução da carreira, nomeadamente quais das características da atividade explicam com rigor quais resultados atingidos (Güllich et al., 2017).

Relativamente ao futebol há carência de estudos que comparem as atividades de desenvolvimento de carreira realizadas por jogadores de futebol juvenil de elite, que progrediram para o nível profissional, com aqueles que não o fizeram (Ford & Williams, 2012), sendo proposto que, no futuro, os pesquisadores realizem estudos empíricos centrados na microestrutura das atividades, para explorar se, e como, o envolvimento em tipos específicos de práticas leva a melhorias significativas nas habilidades fundamentais, implicadas no desempenho desportivo superior.

No futuro, a investigação da formação desportiva a longo prazo deve ser capaz de identificar os estímulos adequados a cada modalidade, e a cada praticante, planeados à partida do seu percurso, e não uma verificação das suas competências, como algo resultante do acaso, ou da felicidade, de se ter cruzado com os estímulos adequados. Também o futebol terá de ser capaz de descrever os percursos dos que alcançaram a excelência, para apontar os caminhos que potenciem as condições genéticas de cada um, para que atinja o mais alto nível de prática que as suas condições permitam, não correndo riscos tão significativos de insucesso, por ser encaminhado, como praticante, para funções que não são as ideais para as suas características. Os estudos deverão ter em conta o detalhe e uma posição integradora das múltiplas variáveis, refinando os percursos para cada modalidade e, nos casos em que haja competências especializadas, para cada um desses especialistas dentro da modalidade.

O conhecimento dos tempos adequados para a especialização no futebol é outra limitação que deve ser ultrapassada. Hornig et al. (2016) verificaram, por exemplo, que os praticantes de classe mundial apresentaram maior variação de envolvimento em diversos desportos e especialização mais tardia. Também o treino específico acumulado diferenciou atletas sub-adultos e de nível moderado, mas não praticantes nacionais de alto nível versus praticantes de classe mundial. Atendendo a que os estudos de histórias de participação de desempenho superior são escassos, incluindo no futebol, recomendamos que os estudos descrevam a diversidade de experiências nas idades mais baixas e analisem os períodos mais precoces ou tardios da especialização, relacionando-os com o nível atingido no desporto sénior mas com diferenciação de categoria nacional ou internacional.

Considerando as limitações de estudos qualitativos, recomendamos estudos, neste caso no futebol, que alarguem o número das variáveis, nomeadamente nas relações com

o suporte parental, com os treinadores e outros agentes, instituições e toda a organização política geral e desportiva.

Nesta linha de raciocínio, devemos, igualmente, reconhecer as limitações das relações entre, por um lado, a formação de treinadores, e as suas competências (Ferrar et al., 2018), e, por outro lado, o efeito da sua intervenção sobre a gestão da carreira do praticante. É recomendável que novos estudos incluam e clarifiquem estas condições, identificando as qualificações e competências dos treinadores, na análise das práticas e da sua indispensável influência, no percurso desenvolvido pelos praticantes peritos.

Recomendamos, também, estudos de aprofundamento das relações interpessoais, das lideranças e das relações com os pares, e da forma como essas ligações interferem nos percursos dos peritos, estudando se há necessidades específicas para cada desporto e nas funções especializadas dentro de cada desporto. Particularmente no futebol, os estudos devem dirigir-se às transições, esclarecendo qual a influência dos pares do futebol, no estabelecimento de condições particulares no prosseguimento de carreira, percebendo as influências que se exercem no seio das equipas.

A possibilidade de realização de estudos longitudinais, complementando estudos transversais (Huijgen et al., 2012), que acompanhem a progressão de grupos de jogadores de futebol, será desejável, também, porque, dados de estudos transversais podem constituir uma limitação, dificultando o estabelecimento de nexos de causalidade entre a atividade envolvida e o nível de realização (Ford & Williams, 2012). Assim, recomendamos esse tipo de estudos, podendo incluir fatores de maturação e histórias de treino, assim como dados de avaliação nos diferentes fatores do rendimento, também recolhidos na competição (Huijgen et al., 2012).

A carreira desportiva dos praticantes de elite, com destaque no futebol, é frequentemente assistida por pessoas, o que pode traduzir-se em apoio ou limitação. Face

a estas condições, recomendamos que se estude o impacto da influência de várias entidades envolvidas aos praticantes e, a partir daí, se definam orientações claras que regulamentem a atividade desses outros profissionais ou intervenientes.

A investigação deve estudar as ligações ao abandono desportivo e clarificar os tipos de abandono. A investigação deve considerar também as transições do nível nacional para o internacional. Esta transição é normativa, mas as idades em que isso se verifica pode ser muito específico do desporto, devendo, por isso, atender-se também às transições não normativas. A investigação deve ainda debruçar-se sobre a diversidade que pode existir com base em características desportivas, de género ou culturais específicas. Noutra área, a partir dos modelos de transição existentes deve fornecer, a diversos especialistas, recursos para atletas e seu envolvimento, para fazer cada transição com sucesso. Recomendamos, ainda, que nos estudos de transições sejam equacionadas as condições e idades, não só de escalões que o praticante percorre, mas, também de níveis de prática, de acordo com taxonomias reconhecidas (Baker et al.,2014) ou a estabelecer.

Relativamente ao estudo que agora se apresenta, elencamos, também, algumas limitações encontradas. O número de casos estudado é relativamente reduzido e, apesar da elevada qualidade desportiva dos futebolistas estudados, que forneceu alargada informação, poderia ter conferido outra variabilidade se o número fosse maior.

A condição de retroatividade das entrevistas é outra limitação do estudo, visto apelar à memória de acontecimentos que têm, nalguns casos, muitos anos de distância, com o enviesamento de rigor de interpretação que essa distância pode implicar. Outra limitação ligada ao tipo de entrevista é o facto de poder haver respostas socialmente desejáveis, que podem criar empolamento ou desvalorização de situações das carreiras dos futebolistas estudados.

Também o número de variáveis utilizado poderia ter sido mais alargado, razão pela qual recomendamos a inclusão de mais algumas variáveis que não foram incluídos no presente estudo.

Com a informação recolhida é possível propor um modelo explicativo da FDLP, em linha com os modelos complexos, não lineares, que são atualmente propostos na investigação. Para isso, consideramos um conjunto de determinantes, que correspondem a antecedentes à carreira desportiva, incluímos dados característicos da carreira propriamente dita e, também, em que se traduziu essa carreira, isto é, os aspetos consequentes. Para além das variáveis estudadas, são incluídas referências a outras, que estão em carência, mas que poderão integrar a proposta de modelo no futuro.

Na Figura 4 apresenta-se, esquematicamente, a proposta sintetizada de modelo explicativo da FDLP. São incluídas as variáveis com que trabalhamos no presente estudo, acrescidas das que detetámos como podendo integrar a investigação no futuro.

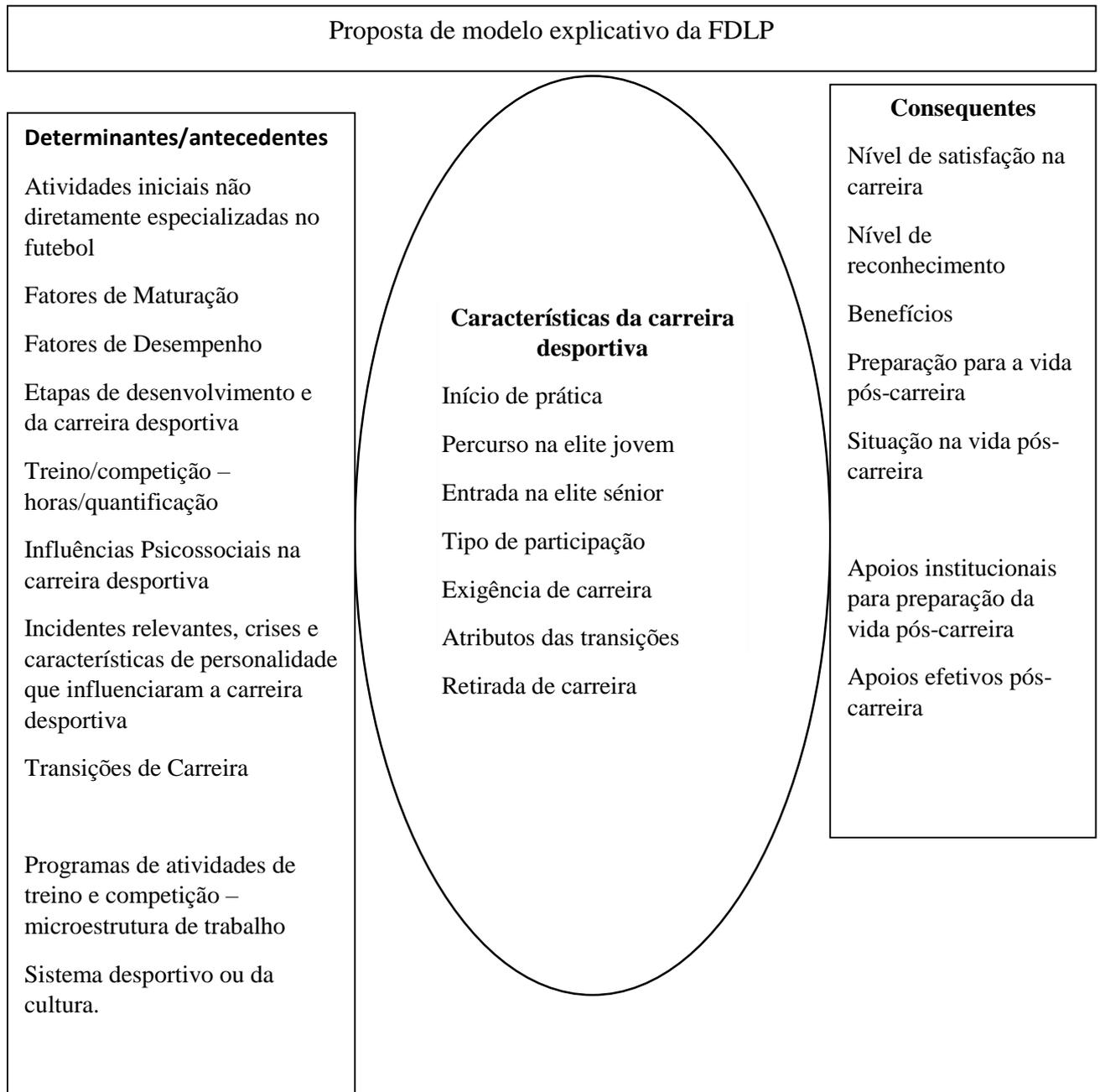


Figura 4. Proposta de modelo explicativo da FDLP

Referências

- Abbott, A., & Collins, D. (2004). Eliminating the dichotomy between theory e practice in talent identification and development: considering the role of psychology. *Journal Sport Sciences*, 22, 395–408.
- Abernethy, B., Baker, J., & Coté, J. (2005). Transfer of Pattern Recall Skills May Contribute to the Development of Sport Expertise. *Applied Cognitive Psychology*, 19, 705-718.
- Bailey, R., & Morley, D. (2006). Towards a model of talent development in physical education. *Sport, Education and Society*, 11, 211–230.
- Balyi I. (2001). *Sport System Building and Long-term Athlete Development in British Columbia*. Canada: Sports Med BC.
- Balyi, I. & Hamilton, A. (2004). *Long-Term Athlete Development: Trainability in Childhood and Adolescence. Windows of Opportunity. Optimal Trainability*. Victoria: National Coaching Institute British Columbia & Advanced Training and Performance Ltd.
- Baker, J., Cobley, S. & Fraser-Thomas, J. (2009). What do we know about early sport specialization? Not much! *High Ability Studies*, 20 (1), 77–89.
- Baker, J. & Côté, J. (2003). Resources and commitment as critical factors in the development of ‘gifted’ athletes. *High Ability Studies*, 14, 139–140.
- Baker, J., Côté, J. & Abernethy, B. (2003). Sport-Specific Practice and the Expert Decision-Making in team ball sports. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 12–25.
- Baker, J., Côté, J. & Deakin, J. (2005). Expertise in Ultra-Endurance Triathletes Early Sport Involvement, Training Structure, and the Theory of Deliberate Practice. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17,1, 64 – 78.

- Baker, J., Wattie, N., & Schorer, J. (2015). Defining expertise: A taxonomy for researchers in skill acquisition and expertise. In J. Baker, & D. Farrow (Eds.), *The Routledge handbook of sport expertise* (pp. 145–155). London, England: Routledge.
- Baker, J. & Young, B. (2014). 20 years later: deliberate practice and the development of expertise in Sport. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 7 (1), 135–157.
- Baker, J., Wattie, N., & Schorer, J. (2015). Defining expertise: A taxonomy for researchers in skill acquisition and expertise. In J. Baker, & D. Farrow (Eds.), *The Routledge handbook of sport expertise* (pp. 145–155). London, England: Routledge.
- Becker, A. J. (2009). It's Not What They Do, It's How They Do It: Athlete Experiences of Great Coaching. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4 (1), 93–119.
- Biddle SJ, Markland D, Gilbourne D, Chatzisarantis NL, Sparkes AC. (2001). Research methods in sport and exercise psychology: quantitative and qualitative issues. *J Sports Sci.*, 19(10), 777-809. doi: 10.1080/026404101317015438. PMID: 11561674.
- Boyatzis, R. E. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Thousand Oaks, CA: Sage. Retrieved from https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=_rfCIWRhIKAC&oi=fnd&pg=PR6&ots=EAvFAlei3f&sig=NFz173OkE6tQOHcklUXWeT1rBO0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Bruner, M. W., Erickson, McFadden, K.K., & Côté, J. (2009). Tracing the origins of athlete development models in sport: A citation path network analysis. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 2, 23–37.

- Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101.
<http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V. & Clarke, V. (2014). What can ‘thematic analysis’ offer health and wellbeing researchers? *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, 9, 26152. <http://dx.doi.org/10.3402/qhw.v9.26152>
- Collins, D., MacNamara, Á., & McCarthy, N. (2016). Super champions, champions and almos: important differences and commonalities on the rocky road. *Front. Psychol.* 6 (2009). doi: 10.3389/fpsyg.2015.02009
- Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13, 395–417.
- Côté, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2007). Practice and Play in the Development of Sport Expertise. In R. Eklund & G. Tenenbaum (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp. 184–202; 3rd edition). Hoboken, NJ: Wiley.
- Côté, J.; Ericsson, K. & Law, M. (2005). Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 1-19.
- Côté, J. & Fraser-Thomas, J. (2008). Play, practice and athlete development. In D. Farrow, J. Baker, C. MacMahon (Eds.), *Developing elite sport performance: Lesson from theory and practice*, 17-28. New York: Routledge.
- Côté, J. & Gilbert, W. (2009). An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4 (3), 307–323.
- Côté, J. & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: A developmental perspective. In: J.M. Silva & D. Stevens (Eds.), *Psychological foundations of sport* (2nd ed.), 484–502. Boston: Merrill.

- Côté, J., Lidor, R. & Hackfort, D. (2009). ISSP position stand: to sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 9, 7-17.
- Côté, J., Macdonald, D. J., Baker, J., & Abernethy, B. (2006). When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. *Journal of Sports Sciences*, 24(10), 1065 – 1073.
- Côté, J., & Vierimaa, M. (2014). The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Science & Sports*, 29, 63—69.
- Cotterill, S. T. & Fransen, K. (2016). Athlete leadership in sport teams: Current understanding and future directions. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 9 (1), 116-133. doi: 10.1080/1750984X.2015.1124443
- Davids, K., Araújo, D., Seifert, L. & Orth D. (2015). Expert performance in sport: An ecological dynamics perspective. In J. Baker & D. Farrow (Eds.), *Routledge Handbook of Sport Expertise* (pp.273-303). (First published) New York: Routledge.
- Davids, K., Güllich, A., Araujo, D., & Shuttleworth, R. (2017). ! Understanding environmental and task constraints on athlete development: Analysis of micro-structure of practice and macro-structure of development histories. In *Routledge handbook of talent identification and development in sport* (pp. 192–206). London: Routledge.
- Delorme, N., Boiché, J. & Raspaud, M. (2010). Relative Age Effect in Elite Sports: Methodological Bias or Real Discrimination? *European Journal of Sport Science*, Taylor & Francis, 10 (2), 91–96.

- Duckworth, A. L., Peterson, C., Matthews, M. D., & Kelly, D. R. (2007). Grit: Perseverance and passion for long-term goals. *Journal of Personality and Social Psychology, 92*, 1087–1101.
- Duckworth, A. L., & Quinn P. D. (2009). Development and Validation of the Short Grit Scale (Grit–S). *Journal of Personality Assessment, 91*(2), 166–174.
- Durand-Bush, N., & Salmela, J.H. (2002). The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology, 14*, 154–171.
- Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Romer, C. (1993). The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. *Psychological Review, 100* (3), 363-406.
- Ferrar, P., Hosea, L., Henson, M., Dubina, N., Krueger, G., Staff, J. & Gilbert, W. (2018). Building High Performing Coach-Athlete Relationships: The USOC's National Team Coach Leadership Education Program (NTCLEP). *International Sport Coaching Journal, 5*, 60-70. <https://doi.org/10.1123/iscj.2017-0102>
- Ford, P., R. & Williams, A., M. (2012). The developmental activities engaged in by elite youth soccer players who progressed to professional status compared to those who did not. *Psychology of Sport and Exercise, 13*, 349-352.
- Ford, P., Croix, M., D., S., Lloyd, R., Meyers, R., Moosavi, M., Oliver, J., Till, K. & Williams, C. (2011). The Long-Term Athlete Development model: Physiological evidence and application. *Journal of Sports Sciences, 29* (4), 389–402.
- Grossmann, B. & Lames, M. (2015). From Talent to Professional Football -Youthism in German Football. *International Journal of Sports Science & Coaching, 10* (6), 1103–1113.

- Güllich, A. (2014). Selection, de-selection and progression in German football talent promotion. *European Journal of Sport Science*, 14 (6), 530-537.
doi:10.1080/17461391.2013.858371
- Güllich, A., Kovar, P., Zart, S. & Reimann, A. (2017). Sport activities differentiating match-play improvement in elite youth footballers – a 2-year longitudinal study. *Journal of Sports Sciences*, 35 (3), 207-215. doi:
10.1080/02640414.2016.1161206
- Helsen, W.F., Starkes, J.L., & Hodges, N.J. (1998). Team sports and the theory of deliberate practice. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 20, 12-34.
- Holt, N.L., Neely, K.C., Slater, L.G., Camiré, M., Côté, J., Fraser-Thomas, J., ..., Tamminen, K.A. (2017). A grounded theory of positive youth development through sport based on results from a qualitative meta-study. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 10 (1), 1-49.
- Holt, N., & Sparkes, A. (2001). An ethnographic study of cohesiveness in a college soccer team over a season. *IEEE Transactions on Signal Processing*, 15, 237-259.
- Hornig, M., Aust, F., & Güllich, A. (2016). Practice and play in the development of German top-level professional football players. *European Journal of Sport Science* 16, 96-105.
- Huijgen, B., C., H., Elferink-Gemser, M., T., Lemmink, K., A., P., M. & Visscher, C. (2012). Multidimensional performance characteristics in selected and deselected talented soccer players. *European Journal of Sport Science*, (1) 1–9.
doi:10.1080/17461391.2012.725102
- Leite, N. (2008). Treino desportivo em basquetebol. Caracterização do processo de preparação desportiva a longo prazo em Portugal. (Dissertação de Doutoramento).

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real (Nº de Ordem, Cota: LEI 796.32.015 92675/1 a 3 SD; LEI 796.32.015 95958/1/2 Rep., n. p.).

Leite, N., Baker, J. & Sampaio, J. (2009). Paths to expertise in Portuguese national team athletes. *Journal of Sports Science and Medicine*, 8, 560-566.

Lincoln, Y., S. & E., G. Guba (1985). *Naturalistic Inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.

Loughead, T., M., Hardy, J. & Eys, M., A. (2006). The Nature of Athlete Leadership. *Journal of Sport Behavior*, (29) 2, 142-158.

Lloyd, R. S., & Oliver, J. L. (2012). The Youth Physical Development Model: A New Approach to Long-Term Athletic Development. *Strength and Conditioning Journal*, 34(3), 61–72.

Lloyd, R.,S., Oliver, J., L., Faigenbaum, A., D., Howard, R., Croix, M., B., A., D., S., Williams, C., A., Best, ... Myer, G., D. (2015 a). Long-Term Athletic Development- Part 1: A Pathway For All Youth. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 29 (5), 1439–1450.

Lloyd, R.,S., Oliver, J., L., Faigenbaum, A., D., Howard, R., Croix, M., B., A., D., S., Williams, C., A., Best, ... Myer, G., D. (2015 b). Long-Term Athletic Development, Part 2: Barriers to Success and Potential Solutions. *Journal of Strength and Conditioning Research*. 29 (5), 1451–1464.

Lloyd, R., S., Oliver, J., L., Meyers, R., W., Moody, A., M. & Stone, M., H. (2012). Long-Term Athletic Development and Its Application to Youth Weightlifting. *Strength and Conditioning Journal*, 34 (4), 55-66.

MacPhail, A., Lyons, D., Quinn, S., Hughes, A.-M. & Keane, S. (2010). A framework for lifelong involvement in sport and physical activity: the Irish perspective. *Leisure Studies*, 29 (1), 85 — 100.

- MacNamara, A. & Collins, D. (2015). Profiling, Exploiting, and Countering Psychological Characteristics in Talent Identification and Development. *The Sport Psychologist*, 29, 73 -81.
- Macnamara, B. N., Hambrick, D. Z., & Oswald, F. L. (2014). Deliberate practice and performance in music, games, sports, education, and professions: A meta-analysis. *Psychological Science*, 1–11. doi:10.1177/0956797614535810
- Macnamara, B. N., Moreau, D. & Hambrick, D. Z. (2016). The Relationship Between Deliberate Practice and Performance in Sports: A Meta-Analysis. *Perspectives on Psychological Science*, 11 (3), 333–350.
- Maree, G., J. (2015). Career construction counseling: A thematic analysis of outcomes for four clients. *Journal of Vocational Behavior*, 86, 1–9.
- Martindale, R.,J.,J., Collins, D. & Abraham, A. (2007). Effective Talent Development: The Elite Coach Perspective in UK Sport. *Journal of applied sport psychology*, 19, 187–206.
- Matthews, D. (2007). Book Review: Mindset: The New Psychology of Success, by Dweck, C. S. (2006). *Gifted Children*, 1 (2), 10–13.
- Mesquita, I., Graça, A., Rosado, A., Pereira, F. & Januário, N. (2009). Determinantes do Desenvolvimento do Atleta a Longo Prazo em Portugal: uma análise multinível. Concursos de Projectos de I&D. Referência do projeto, PTDC/DES/102778/2008 (n.p.).
- Moen, F. (2014). The Coach-Athlete Relationship and Expectations. *International Journal of Humanities and Social Science*, 4 (11), 29–40.
- Morgan, T.K., & Giacobbi, P.R. (2006). Toward two grounded theories of the talent development and social support process of highly successful collegiate athletes. *The Sport Psychologist*, 20, 295–313.

- Rabionet, S. E. (2011). How I Learned to Design and Conduct Semi-structured Interviews: An Ongoing and Continuous Journey. *The Qualitative Report*, 16 (2), 563-566. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2011.1070>
- Simmons, C. (2005). *The FA's Long-Term Player Development (LTPD) Model*. www.TheFA.com/FALearning
([https://historicsite.fryclubjfc.co.uk/FCJ_Stuff/Website_Navigation/Downloads/The_FA%27s_Long-Term_Player_Development_\(LTPD\)_Model.pdf](https://historicsite.fryclubjfc.co.uk/FCJ_Stuff/Website_Navigation/Downloads/The_FA%27s_Long-Term_Player_Development_(LTPD)_Model.pdf))
- Stafford, I. (2005). *Coaching for Long-Term Athlete Development: To improve participation and performance in sport*. The National Coaching Foundation: Leeds.
- Stambulova, N.B. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: a post-Perestroika analysis. *The Sport Psychologist*, 8, 221–237.
- Sotiriadou, K.P. & Shilbury, D. (2009). Australian Elite Athlete Development: An Organisational Perspective. *Sport Management Review*, 12, 137–148.
doi:10.1016/j.smr.2009.01.002
- Sternberg, R. J. (2003). *Wisdom, intelligence, and creativity synthesized*. New York, NY: Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (2004). WICS Redux: a reply to my commentators. *High Ability Studies*, 15 (1), 109-112.
- Sternberg, R. J. (2009). Academic Intelligence is not Enough! WICS: An Expanded Model for Effective Practice in School and in Later Life. *Mosakowski Institute for Public Enterprise*, 4.
- Teques, P. & Serpa, S. (2013). Envolvimento parental no desporto: Bases conceptuais e metodológicas. *Revista de Psicología del Deporte*, 22 (2), 533-539.
- UKA Athlete Development Model V1.2.3. (n.d.). www.uka.org.uk/coaching

CSL/LTAD (Canadian Sport for Life / Long-Term Athlete Development) RESOURCE

PAPER 2.1 (2016). *Sport for Life / Long-Term Athlete Development* (Revision Team: Way, R., Trono, C., Mitchell, D., Laing, T., Vahi, M., Meadows, C., and Lau, A.) (Original authors of the CSL – LTAD, Resource Paper 1.0: Istvan Balyi, Richard Way, Dr. Colin Higgs, Dr. Stephen Norris and Charles Cardinal). Published by Sport for Life Society. ISBN 978-1-927921-28-9.

White, G. (n.d.). Washington Youth Soccer - Long Term Player Development.

(https://www.google.pt/search?q=LONG+TERM+PLAYER+DEVELOPMENT+Gary+White%2C+Technical+Director&rlz=1C1EJFA_enPT727PT727&oq=LONG+TERM+PLAYER+DEVELOPMENT+Gary+White%2C+Technical+Director&aqs=chrome..69i57.1470j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

Wylleman, P., Alfermann, D., & Lavallee, D. (2004). Career transition in sport:

European perspectives. *Psychology of Sport & Exercise*, 5, 7–20.

Yeager, D.S, Romero, C., Paunesku, D., Hulleman, C., S., Schneider, B., Hinojosa, C.,

... Dweck, C., S. (2016). Using Design Thinking to Improve Psychological

Interventions: The Case of the Growth Mindset During the Transition to High

School. *J Educ Psychol.*, 108(3): 374–391.

Quadro 1

Qualidade das Evidências que Suportam cada um dos Postulados do DMSP

Postulado	Definições GRADE utilizadas para avaliar cada postulado da DMSP	Qualidade da evidência do Suporte ao Postulado
1	A diversificação precoce (experimentação) não obstaculiza a participação desportiva de elite em desportos onde o pico de desempenho é alcançado após a maturação.	Design Estudo - MODERADO; Qualidade de estudo - ALTA; Consistência/Frequência - ALTA; Relevância Direta - ALTA.
2	A diversificação precoce (experimentação) está vinculada a uma carreira desportiva mais longa e tem implicações positivas para envolvimento desportivo a longo prazo.	Design Estudo - MODERADO; Qualidade de estudo - MODERADO; Consistência/Frequência - ALTA; Relevância Direta - MODERADA.
3	A diversificação precoce (experimentação) permite participação numa variedade de contextos que mais favoravelmente afeta o desenvolvimento positivo da juventude.	Design Estudo - MODERADO; Qualidade de estudo - MODERADO; Consistência/Frequência - MODERADA; Relevância Direta - BAIXA.
4	Grandes quantidades de jogo deliberado durante os anos de experimentação criam uma base sólida de intrínseca motivação através do envolvimento em atividades que são agradáveis e promovem a regulação intrínseca.	Design Estudo - MODERADO; Qualidade de estudo - MODERADO; Consistência/Frequência - ALTA; Relevância Direta - MODERADA.
5	Uma grande quantidade de jogo deliberado durante os anos de experimentação estabelecem uma gama de experiências motoras e cognitivas que as crianças	Design Estudo - BAIXO; Qualidade de estudo - MODERADO; Consistência/Frequência - MODERADA; Relevância Direta - MODERADA.

Quadro 1 (continuação)

podem finalmente trazer ao seu principal desporto de interesse.

- | | | |
|---|--|--|
| 6 | Em torno do final da escola básica (sobre idade 13), as crianças deveriam ter a oportunidade de escolha em especializar-se no seu desporto favorito ou continuar no desporto a nível recreacional. | Design Estudo - MODERADO;
Qualidade de estudo - MODERADO;
Consistência/Frequência - MODERADA;
Relevância Direta - MODERADA. |
| 7 | Adolescentes adiantados (cerca de 16 anos) desenvolveram habilidades físicas, cognitivas, sociais, emocionais e motoras necessárias para investir os seus esforços no treino especializado num desporto. | Design Estudo - BAIXO;
Qualidade de estudo - BAIXO;
Consistência/Frequência - BAIXA;
Relevância Direta - BAIXA. |

Nota. A escala utilizada neste estudo tem a seguinte estrutura:

Alto – é improvável que novas pesquisas mudem nossa confiança no postulado;

Moderado – pesquisa adicional provavelmente terá um importante impacto sobre a nossa confiança e pode mudar o postulado;

Baixa – pesquisa adicional é muito provável ter um importante efeito sobre a nossa confiança e provavelmente mudará o postulado;

Muito baixo – o postulado é incerto.

Figura. 1

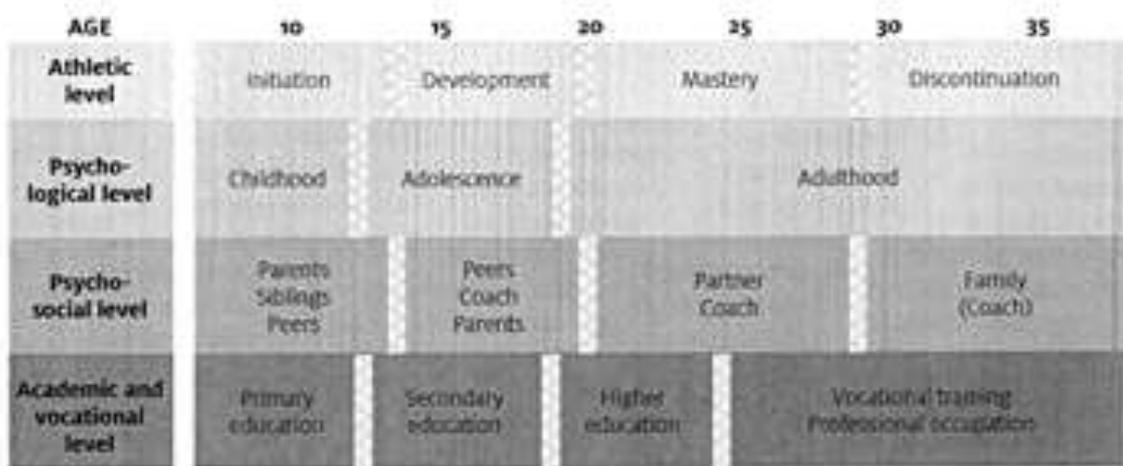


Figura 1. Modelo de desenvolvimento das transições enfrentadas pelos atletas, Wylleman et al. (2004). Este modelo é constituído por quatro componentes, a camada superior representa as fases e as transições e mais um de descontinuação; a segunda camada com transições a nível psicológico, que se verificam na infância, adolescência e idade adulta jovem; a terceira camada com mudanças no desenvolvimento psicossocial relativas ao seu envolvimento atlético, na família, relações entre pares, treinador-atleta, conjugais e outras relações interpessoais; a camada final com etapas e transições no nível académico e vocacional.

Figura. 2

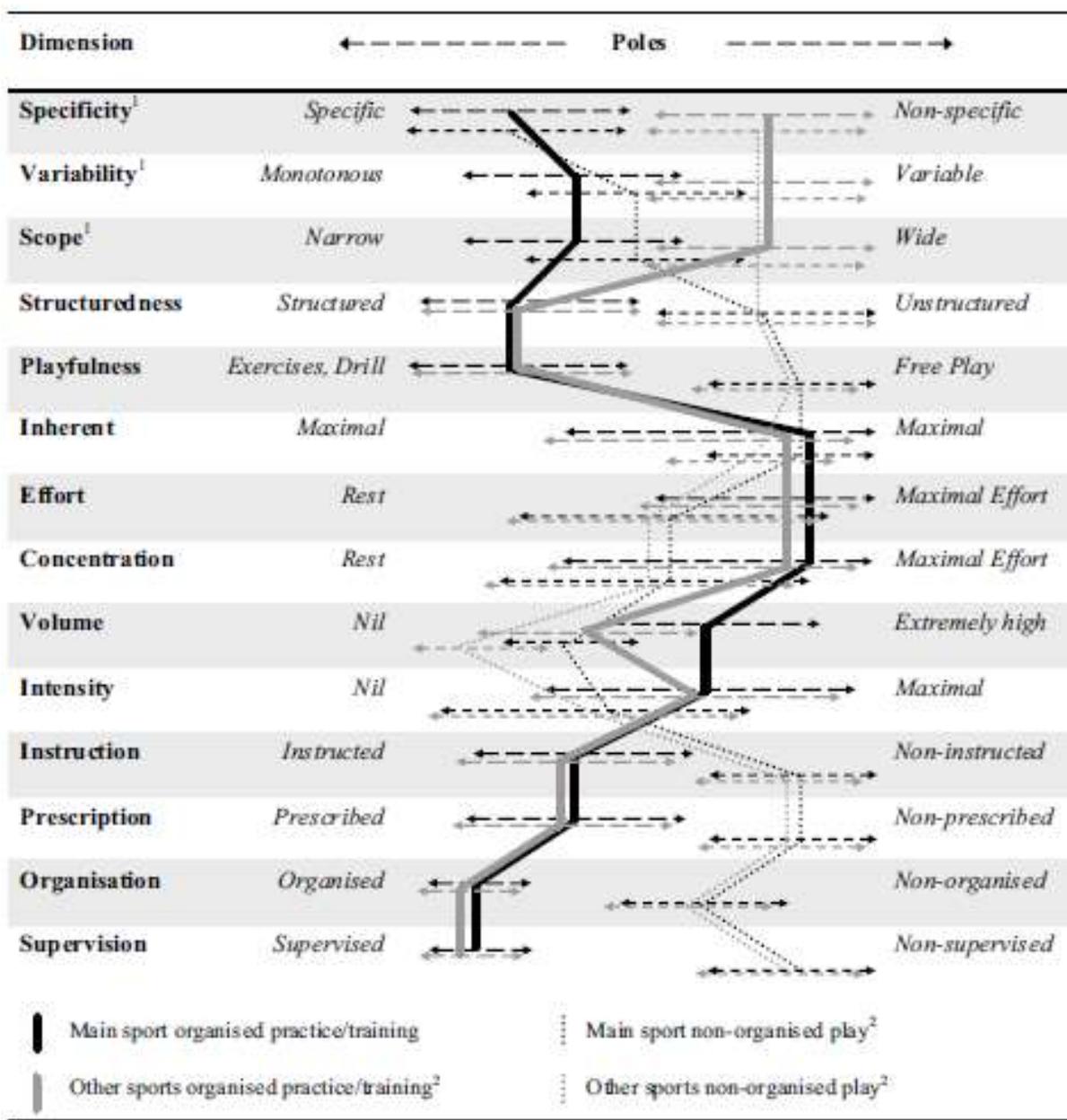


Figure 14.2 Multi-dimensional representation of properties of different types of sporting activities. Schematic illustration exemplified by prototypical activity types described in the literature. Notes: ¹'Specificity', 'variability' and 'scope' may refer to different dimensions of the activity's properties, e.g., motor, perceptual-cognitive tasks, socio-material environment. ² In combination with organised practice/training in the main sport.

Figura 14.2. Representação multidimensional de propriedades de diferentes tipos de atividades desportivas. Ilustração esquemática exemplificada por tipos de atividade prototípica descritos na literatura (Davids et al., 2017, p. 203). Esquema de ilustração das grandes linhas de tipos de atividades referidas na literatura, favorece o entendimento da integração de muitos conhecimentos disponíveis na investigação sobre a formação desportiva para as elites.

Figura 2. Representação multidimensional de propriedades de diferentes tipos de atividades desportivas. Ilustração esquemática exemplificada por tipos de atividade prototípica descritos na literatura.

Dimensão	Pólos	
Especificidade ¹	Específico	Não específico
Variabilidade ¹	Variável	Monótona
Âmbito ¹ (Escopo)	Estreito	Largo
Estruturação	Estruturada	Não estruturada
Brincadeiras	Exercícios, treinos	Jogo livre
Inerente Prazer	Máxima Aversão	Máximo Prazer
Esforço	Repouso	Máximo de esforço
Concentração	Repouso	Máxima de concentração
Volume	Nulo	Extremamente alto
Intensidade	Nula	Máxima
Instrução	Instruída	Não-instruída
Prescrição	Prescrita	Não-prescrita
Organização	Organizada	Não-organizada
Supervisão	Supervisionada	Não-supervisionada
Desporto principal organizado prática / treino	Desporto principal	Jogo não-organizado ²
Outros desportos organizados prática / treino ²	Outros desportos	Jogo não-organizado ²

Notas de figura: ¹ 'Especificidade', 'variabilidade' e 'escopo' podem referir-se a diferentes dimensões das propriedades da atividade, e.g. tarefas motoras perceptivo-cognitivas, ambiente socio-material. ² Em combinação com a prática organizada / treino no desporto principal.

Figura. 3



Figura 3. Taxonomia de Baker, Wattie & Schorer (2015, p. 147). A taxonomia principia com as fases iniciais de desenvolvimento de competências que começam com iniciante (sem habilidade) e novatos (habilidade limitada) e passa para as fases intermédias, de transição do desenvolvimento (níveis básicos, intermédios e avançados de habilidade), antes de atingir níveis de topo (i.e., especialista e eminência/perito). Esta proposta taxonómica reflete, sobre percursos formativos a longo prazo e destaca-se especialmente pela diferenciação que estabelece nos níveis atingidos pelos praticantes no topo das modalidades.

Anexo A

Procedimentos da entrevista**Introdução****Atividades iniciais**

1 - Em primeiro lugar, gostaria de me concentrar sobre as atividades em que esteve envolvido enquanto jovem. Gostaria que enumerasse as atividades extraescolares que realizou como, por exemplo, música, dança, jogos entre outras. Estou, também, interessado na sua iniciação desportiva. Refletindo sobre seu o passado, por favor, relate qualquer atividade em que se envolveu de forma regular antes de se ter decidido a especializar no **futebol**. Que atividades musicais, desportivas, lúdicas ou artísticas é que realizou antes de se envolver a fundo no **futebol**?

2 - Alguma atividade desportiva?

Se sim: Que idade tinha quando começou a praticar essa(s) atividade(s)? Durante quanto tempo prolongou esse envolvimento? Por favor diga-me se existiram períodos em que esse envolvimento foi interrompido.

3 - Alguma atividade musical?

Se sim: Que idade tinha quando começou a praticar essa(s) atividade(s)? Durante quanto tempo prolongou esse envolvimento? Por favor diga-me se existiram períodos em que esse envolvimento foi interrompido.

4 - Alguma atividade artística como dança ou pintura/desenho?

Se sim: Que idade tinha quando começou a praticar essa(s) atividade(s)? Durante quanto tempo prolongou esse envolvimento? Por favor diga-me se existiram períodos em que esse envolvimento foi interrompido.

5 - Jogos organizados e supervisionadas por si próprio e pelos seus amigos (ex: futebol de rua)

Se sim: Que idade tinha quando começou a praticar essa(s) atividade(s)? Durante quanto tempo prolongou esse envolvimento? Por favor diga-me se existiram períodos em que esse envolvimento foi interrompido.

6 - Outra(s) atividade(s) que o tenha(m) ocupado durante períodos de tempo muito alargados

Se sim: Que idade tinha quando começou a praticar essa(s) atividade(s)? Durante quanto tempo prolongou esse envolvimento? Por favor diga-me se existiram períodos em que esse envolvimento foi interrompido.

<Preencher no Quadro 1 os dados referentes às questões anteriores>

Para cada uma das atividades que referiu, lembra-se do número de horas por semana e de meses por ano em que se envolveu regularmente em cada uma?

<Preencher no Quadro 2 em horas/meses por ano>

Ilustração gráfica da maturação e do desempenho

Nesta parte da entrevista gostaria de me concentrar mais especificamente no seu desenvolvimento como praticante de **futebol**. Tentaremos ficar com uma imagem do seu desenvolvimento no **futebol** através do estudo de diferentes fatores que terão contribuído para o seu sucesso.

Desenvolvimento como praticante

8 - Nesta parte da entrevista, serão explorados diferentes aspetos do seu desenvolvimento desportivo. Contudo, primeiro gostaria de lhe colocar uma série de questões relacionadas com informações de natureza mais básica.

Qual é a sua data de nascimento? _____

Que idade tinha quando iniciou a sua participação regular nas seguintes atividades?

9 - ___ idade em que iniciou um envolvimento regular no **futebol** enquanto criança ou adolescente.

10 - ___ idade em que iniciou o seu envolvimento num treino supervisionado por um adulto.

11 - ___ idade em que iniciou o seu envolvimento num treino não supervisionado por um adulto.

Desempenho ao longo da carreira

Que idade tinha quando participou pela primeira vez nas seguintes competições? (se não se aplicar não preencha)

Competições a nível de clube ou escola

Idade com que ...

12 - ___ pela primeira vez participou numa equipa organizada

13 - ___ foi reconhecido como um dos cinco melhores praticantes do seu clube/equipa ___ nunca aconteceu

14 - ___ foi reconhecido como o melhor praticante do seu clube/equipa ___ nunca aconteceu

Competições a nível regional

Idade com que ...

15 - ___ pela primeira vez participou numa seleção regional ___ nunca participei

16 - ___ foi reconhecido como um dos cinco melhores praticantes a nível regional ___ nunca aconteceu

17 - ___ foi reconhecido como o melhor praticante a nível regional ___ nunca aconteceu

Competições a nível nacional

Idade com que ...

18 - ___ pela primeira vez participou na seleção nacional ___ nunca participei

19 - ___ foi reconhecido como um dos cinco melhores praticantes a nível nacional na sua função ___ nunca aconteceu

20 - ___ foi reconhecido como o melhor praticante a nível nacional na sua função ___ nunca aconteceu

Competições a nível internacional (JO, Campeonatos da Europa/Mundo)

Idade com que ...

21 - ___ pela primeira vez participou numa importante competição internacional ___ nunca participei

22 - ___ foi reconhecido como um dos cinco melhores praticantes a nível mundial na sua função

___ nunca aconteceu

23 - ___ foi reconhecido como o melhor praticante a nível mundial na sua função ___ nunca aconteceu

Etapas de desenvolvimento e da carreira desportiva

Idade que tinha quando...

24 - ___ Iniciou a prática não estruturada (jogar na rua, com amigos, na escola, etc.)?

25 - ___ Iniciou a prática de forma estruturada (Escola futebol)? ___ nunca aconteceu

26 - ___ Iniciou a prática numa equipa? (A jogar num campeonato organizado)

27 - ___ a treinar regularmente **futebol**

28 - ___ a treinar regularmente aspetos menos específicos (aeróbicos, força, etc.) ___ nunca o fiz

29 - ___ lhe surgiu pela primeira vez a ideia de vir a ser um praticante de elite ___ nunca aconteceu

30 - ___ Decidiu tornar-se num praticante de elite ___ nunca aconteceu

31 - ___ Todo o seu tempo livre começou a destinar-se ao seu treino desportivo ___nunca aconteceu

32 - ___ Integrou pela primeira vez um campo de férias destinado ao treino ___nunca participei

33 - ___ Teve de mudar de residência para poder treinar regularmente ___nunca o fiz

34 - ___ Começou a ter um relacionamento mais próximo com o seu treinador ___nunca aconteceu

35 - ___ Pensou pela primeira vez que alcançaria ou já tinha alcançado o seu potencial máximo no **futebol** ___nunca pensei

36 - ___ Começou a refletir sobre a sua retirada da competição ___nunca pensei

<Procedimentos do entrevistador acerca da ilustração gráfica da maturação e do desempenho no... - Quadro 3 – regularidade do treino desportivo (aeróbico, força, etc.)>

Gostaria agora de resumir a informação que recolhemos relativamente ao desenvolvimento do seu desempenho ... Alguns desses aspetos estão relacionados com as informações que foi dando quanto ao seu nível competitivo. Vamos começar pela primeira etapa e seguimos a partir daí para as restantes colunas/etapas.

Tinha_____ anos quando se iniciou na prática/treino de **futebol**.

7 - Para cada idade, por favor, indique o nível a que competia nessa(s) altura(s).

<Preencher em Nível Competitivo>

7 - Para cada idade, por favor, refira a idade dos seus pares, isto é, dos praticantes que treinavam consigo e com os quais competia.

<Preencher em Idade dos Pares>

8 - Para cada ano, pode referir qual foi o principal resultado que a sua equipa alcançou, bem como quaisquer realizações mais pessoais que você tenha conseguido.

Necessitamos de dados relativos à prestação coletiva e individual, para que possamos perceber melhor a correspondência do nível de prestação em cada uma das idades.

<Preencher em Realização Coletiva/Realização Individual>

7 - Refletindo, ainda, no seu passado, gostaria que me falasse um pouco da sua altura. Do que se lembra, considera que a sua altura se encontrava na média relativamente à restante população? Se não, era mais alto ou mais baixo, e em que proporções? Existiram alterações significativas na sua altura ao longo do seu desenvolvimento?

<Preencher em Altura>

7 - Refletindo ainda no seu passado, gostaria que me falasse um pouco da sua “maturidade física”. Do que se lembra, considera que se encontrava na média relativamente à restante população? Se não, era mais ou menos “amadurecido” e em que proporções? Existiram alterações significativas na sua “maturidade” ao longo do seu desenvolvimento?

<Preencher em Maturidade>

37 - Quando se é praticante, é natural que a concentração e o esforço físico vão sendo diferentes ao longo do tempo. No seu caso, consegue lembrar-se quando o seu nível de intensidade de treino atingiu o máximo? Pode descrever, brevemente, esse aspeto e como foi “senti-lo na pele”? Quero que pense nisso como 100% de intensidade. Em oposição, pode treinar-se de uma forma excessivamente descomprometida. Gostaria que pensasse nisso como 0% de intensidade. Agora gostaria que avaliasse a intensidade média ou mais comum com que treinava nas várias etapas da sua carreira. A esse nível, gostaria de classificar as diferentes etapas desde que iniciou a sua prática desportiva. Assim, irá comparar a intensidade de treino de cada etapa com o momento em que conseguiu esforçar-se a 100%.

<Preencher em intensidade>

38 - Independentemente dos praticantes tirarem partido das instruções dos treinadores e das condições de treino que os clubes disponibilizam, a existência desses recursos e instruções pode limitar a velocidade e a qualidade do desenvolvimento de praticantes altamente motivados. Ignore o momento em que usou a totalidade ou a maioria dos recursos disponíveis para o seu desenvolvimento e classifique, para cada etapa, a qualidade das condições de treino que terão existido para um praticante motivado e bem-sucedido que estivesse nesses mesmo ambiente. Utilize a escala de 0% a 100%, em que 0% corresponde a uma total inexistência de recursos e em que 100% corresponde ao melhor ambiente possível para desenvolver um praticante de classe mundial. Por favor tenha atenção a que essas condições podem diferir em função da idade dos praticantes, por isso identifique as melhores condições para cada idade ou grupo etário. As condições ou recursos podem ser definidas como o dinheiro que os pais ou o próprio investem, a qualidade das instalações do(s) clube(s), a qualidade dos equipamentos, a qualidade do(s) treinador(es) e ainda o suporte social.

<Preencher em Qualidade das Condições de Treino>

39 - Já alguma vez teve uma lesão com consequências adversas ou negativas para o envolvimento na sua atividade? Se sim, descreva, por favor, essa lesão. E chegou a ter mais do que uma lesão? Se sim, por favor, descreva-as. E qual foi a origem dessas lesões? Se nunca tiver tido qualquer lesão, atribua 100% à saúde. Se já teve lesões, tente atribuir um valor à sua saúde (se chegou a estar completamente inapto para treinar e competir deve atribuir um valor de 0%, se perdeu meia época devido a uma ou mais lesões atribua uma valor de 50%).

<Preencher em Lesões>

43 – 45 - Para cada uma das etapas presentes no quadro, pedia-lhe agora para relatar o número de horas por semana e número de meses por ano em que esteve envolvido na prática de **futebol**. Deverá incluir competições bem como todas as atividades específicas do treino (treino organizado, competições, treino autodirigido e treino individualizado).

<**Preencher em Horas/semana e Meses/ano**>

Gostaria agora de me concentrar por uns momentos no quadro que preenchemos conjuntamente. Gostaria que visse novamente os anos em que o seu treino foi consistente e que identificasse aqueles anos em que o treino sofreu alterações quer do ponto de vista da qualidade, quer da quantidade. Por favor não force nenhuma categorização, identifique essas alterações apenas se fizerem sentido para si. Este processo permitirá identificar períodos fundamentais no seu desenvolvimento como praticante. Esses períodos servirão também de referência para as próximas questões da entrevista.

<**O praticante categoriza as idades em etapas**>

Desenvolvimento de atividades de treino relevantes no futebol

Nas próximas partes da entrevista iremos explorar: as atividades de treino em que se envolveu, o número de horas que treinava por semana, a intensidade dos treinos, e o número de meses por ano que treinou, tudo isto **para cada uma** das atividades relacionadas com o treino. Este processo será feito **para cada uma** das etapas que identificámos previamente.

<**Preenche a tabela 3: Treino de futebol**>

<**Idade**> <**estágio**> (De acordo com a informação da tabela 3)

Por favor enumere todas as atividades relacionadas com o **futebol** durante cada uma das diferentes etapas de desenvolvimento. As atividades devem ser referentes quer aos períodos competitivos, isto é durante a época, bem como aqueles períodos entre épocas.

<**Preencher em Atividades**>

44 - Por favor, indique o número de meses por ano em participou em cada uma das atividades

<**Preencher em Meses por ano**>

40 - Quando se é praticante, é natural que o esforço físico seja diferente ao longo do tempo. No seu caso, consegue lembrar-se quando o seu nível de o esforço físico com que treinou foi máximo? Pode descrever, brevemente, esse aspeto e como foi “senti-lo na pele”? Quero que pense nisso como 100% de esforço. Em oposição, pode-se treinar de uma forma excessivamente descomprometida. Gostaria que pensasse nisso como 0% de esforço.

Agora gostaria que para cada atividade avaliasse o esforço físico médio ou mais comum que tinha em cada uma. A esse nível, gostaria que avaliasse cada uma das atividades.

Assim, irá comparar o esforço físico das restantes atividades com o que dedicou naquela atividade em que referiu ter demonstrado 100% de esforço físico.

<Preencher em Esforço Físico>

41 - Quando se é atleta praticante, é natural que a concentração seja diferente ao longo do tempo. No seu caso, consegue lembrar-se quando o seu nível de a sua concentração foi máxima? Pode descrever, brevemente, esse aspeto e como foi “senti-lo na pele”? Quero que pense nisso como 100% de concentração. Em oposição, pode treinar-se sem se estar concentrado a nível mental.

Gostaria que pensasse nisso como 0% de concentração. Agora gostaria que para cada atividade avaliasse a concentração média ou mais comum que tinha em cada uma. A esse nível, gostaria que avaliasse cada uma das atividades. Assim, irá comparar a concentração das restantes atividades com a atividade em que referiu ter demonstrado 100% de concentração.

<Preencher Concentração Mental>

42 - Agora, gostaria que pensasse nas atividades que para si foram as mais divertidas e que lhe deram mais prazer em cada uma das idades, tais como ver o seu programa de televisão favorito com os seus amigos. Todos nos lembramos de atividades que de tão divertidas que eram não queríamos sequer que acabassem. Por favor, descreva qual a atividade que considera mais divertida em cada uma das etapas que já identificou previamente. Essas atividades não têm que estar relacionadas com o desporto. Vamos pensar nessas atividades com 100% de divertimento/prazer. Usando-as como referência percorra agora aquilo que já preenchemos e avalie o divertimento/prazer de cada atividade em cada etapa. Compare as atividades de treino com a atividade que identificou ser a mais divertida (100%) nessa mesma etapa.

<Preencher em Divertimento>

Influências Psicossociais

<Preencher Tabela 4 : Influências Psicossociais>

46 - Gostaria de lhe perguntar sobre os comportamentos e envolvimento dos seus pais relacionados com o futebol. Gostava que refletisse sobre o apoio que os seus pais lhe forneceram durante cada estágio do seu desenvolvimento. Considere que esse apoio tanto pode ser físico (orientando as suas práticas) como emocional (sendo positivo e encorajador). Use uma classificação de 100% para corresponder ao melhor ambiente de apoio possível para o seu desenvolvimento enquanto futebolista de alto nível. A classificação de 0% indicaria uma completa falta de apoio. Considere que esses ambientes podem diferir significativamente em função da sua idade, assim, identifique o melhor ambiente para cada idade / estágio como seu ponto de referência para as suas classificações.

<Suporte Parental>

47 - Agora peço-lhe que pense em como percebeu os comportamentos dos seus pais em todo o seu desenvolvimento no futebol. Reflita sobre a pressão que os seus pais possam ter colocado em si durante todo o desenvolvimento no futebol. Use uma classificação de 100% para que correspondam ao ambiente mais pressionante que possa imaginar. Uma classificação de 0% indica uma completa falta de pressão. Considere que esses ambientes podem diferir significativamente em função da idade, assim, identifique o melhor ambiente para cada idade / estágio como seu ponto de referência para as suas classificações.

<Pressão Parental>

48 - Ao longo do seu desenvolvimento como futebolista, teve vários treinadores. Gostaria que refletisse sobre o apoio de cada um desses treinadores desde que começou a jogar de forma competitiva. Ao classificar o seu suporte, pode querer considerar o seu estilo geral de coaching, bem como os seus comportamentos específicos. Use uma classificação de 100% que corresponde ao melhor ambiente de apoio possível para o seu desenvolvimento enquanto futebolista de alto nível. A classificação de 0% indicaria uma completa falta de apoio. Considere que esses ambientes podem diferir significativamente em função da sua idade, assim, identifique o melhor ambiente para cada idade / estágio como seu ponto de referência para as suas classificações.

<Suporte Treinador>

49 - Fez menção aos seus irmãos durante este estudo. Gostava que considerasse em que medida sente que os seus irmãos influenciaram o seu futebol ao longo de cada etapa de desenvolvimento. Os irmãos podem ter sido influentes de diversas formas – por serem modelos encorajadores, por serem solidários, etc.. Considere que 1 representa nenhuma influência, 3 representa alguma influência e 5 representa uma enorme quantidade de influência.

<Influência de irmãos>

50 – 51 - Também mencionou os seus amigos durante este estudo. Gostava que considerasse em que medida sente que os seus amigos influenciaram o seu futebol ao longo de cada etapa de desenvolvimento. Os amigos podem ter sido influentes de diversas formas – por serem modelos encorajadores, por serem solidários, etc.. Considere que 1 representa nenhuma influência, 3 representa alguma influência e 5 representa uma enorme quantidade de influência.

<Influência de pares>

52 - Considere agora o seu melhor amigo, e os seus grupos de amigos, em todo o seu desenvolvimento. Para cada fase de desenvolvimento, refira quem era o seu melhor amigo e a que contexto pertencia (escola, futebol, outros).

<Melhor amigo>

53 - Se as pessoas tiram ou não proveito dos recursos de treino e instrução dos treinadores, a disponibilidade desses recursos pode limitar a velocidade e qualidade de desenvolvimento de indivíduos altamente motivados. (Pode definir-se recursos como o dinheiro que foi aplicado pelos pais ou praticantes, a qualidade das instalações e equipamentos e qualidade de treino e apoio social.) Uma classificação de 100% que corresponde ao melhor ambiente de apoio possível para o seu desenvolvimento enquanto futebolista de alto nível. A classificação de 0% indicaria uma completa falta de recursos.

<Recursos>

54 - Classifique o seu nível de compromisso e determinação para atingir esses objetivos em cada estágio de desenvolvimento. Uma classificação de 100% que corresponde à melhor condição para “dar tudo o que for preciso” para o seu desenvolvimento enquanto futebolista de alto nível. A classificação de 0% indicaria “não dar nada” para esse desenvolvimento.

<Compromisso>

Transições de carreira

Condições prévias relativas ao terminus da carreira

55 - Por favor, diga-me quando e como começou a pensar em terminar a sua carreira como futebolista?

Planeou essa fase de uma forma prévia? (se não, passar à próxima questão, se “sim” efetuar as duas questões seguintes)

56 - Diga-me, pormenorizadamente, em que consistia o seu plano

57 - Como é que as outras pessoas (e.g., treinador, família, etc.) estiveram envolvidas nesse processo?

58 - Considera que terminou a carreira no momento certo, ou cedo/tarde demais?

59 - Quais foram as principais razões para terminar a sua carreira?

Possíveis tópicos a abordar – Relacionados com o desporto -decrécimo de motivação, relações problemáticas, problemas financeiros, lesões, idade, dificuldade em manter a forma. Não relacionados com o desporto – Questões relacionadas com oportunidades de trabalho ou de estudos, questões familiares, parceiro/namorado(a), tempo livre.

60 - Pode dizer que terminou a carreira de forma voluntária?

61 - Pode dizer que teve um controlo total sobre a decisão de terminar a sua carreira?

62 - Teve certamente de tomar decisões que influenciaram profundamente o desenvolvimento da sua carreira. Quais foram as mais acertadas? E as menos acertadas? Porquê?

63 - Ao longo da sua carreira teve algum problema marcante no relacionamento com, por exemplo, um treinador, um colega/ou dirigente, que provocou alterações de carreira de praticante? Importa-se de o(s) relatar?

64 - O que fez? Como reagiu?

65 - Houve alguns eventos na sua vida não de praticante que condicionaram substancialmente o desenvolvimento da sua carreira? Quais?

Período de Transição (final de carreira)

66 - Diga-me como se sentiu, de forma geral, quando terminou a sua carreira?

67 - Quais foram as suas emoções dominantes?

68 - Quais foram os seus pensamentos dominantes?

69 - Quais as principais mudanças que sentiu nesse período, em diferentes aspetos da sua vida?

70 - Nos estudos e/ou trabalho?

71 - Nos aspetos económicos?

72 - Nas relações familiares/sociais?

73 - Em que áreas da sua vida teve de lidar com a mudança?

74 - Diga-me como lidou com essa mudança?

75 - Quem e de que forma o apoiou nesse momentos?

Possíveis tópicos . pais, amigos, mulher, empresário, treinador...

76 - Que características da sua personalidade e/ou experiência (e.g., conhecimento, habilidades te ajudaram a enfrentar essa situação?

77 - Pode dizer que algo (em si, ou exterior a si) funcionou como uma barreira para a sua adaptação? Se sim, por favor, especifique.

Possíveis tópicos a abordar – no próprio praticante – a vontade de continuar no desporto; incapacidade de lidar com o terminus da carreira. Outros significativos – dificuldade em comunicar ou lidar com a aceitação da família relativamente ao facto de terminar a carreira, ausência do estilo de vida anterior.

78 - Quão importante foi para si a sua identidade como praticante nessa fase?

79 - Consegue estimar quando tempo foi necessário para superar essa fase de transição?

80 - Quão satisfeito (de forma geral) esteve nesse período de transição da sua vida?

Período de Transição (júnior a sénior/ amador a profissional)

81 - Diga-me como se sentiu, de forma geral, quando passou de júnior a sénior / amador/profissional a sua carreira?

82 - Quais foram as suas emoções dominantes?

83 - Quais foram os seus pensamentos dominantes?

84 - Quais as principais mudanças que sentiu nesse período, em diferentes aspetos da sua vida?

85 - Nos estudos e/ou trabalho?

86 - Nos aspetos económicos?

87 - Nas relações familiares/sociais?

88 - No teu estilo de vida em geral

89 - Em que áreas da sua vida teve de lidar com a mudança?

90 - Diga-me como lidou com essa mudança?

91 - Quem e de que forma geralt o apoiou nesse momentos?

Possíveis tópicos . pais, amigos, mulher, empresário, treinador...

92 - Que características da sua personalidade e/ou experiência (e.g., conhecimento, habilidades o ajudaram a enfrentar essa situação?

93 - Pode dizer que algo (em si, ou exterior a si) funcionou como uma barreira para a sua adaptação? Se sim, por favor, especifica.

94 - Quão importante foi para si a sua identidade como praticante nessa fase?

95 - Consegue estimar quando tempo foi necessário para superar essa fase de transição?

96 - Quão satisfeito (de forma geral) esteve nesse período de transição da sua vida?

Situação de vida atual

97 - O que acha importante na sua vida atual?

98 - Quanto se considera um praticante, na atualidade?

99 - Quanto está satisfeito com a sua vida, de uma forma geral?

Possíveis tópicos – mais tempo livre, apoio da rede de amigos e família, o facto de terem um trabalho ou estarem a estudar, as questões relacionadas com a saúde.

Outras transições

100 - Em algum momento viveu uma crise que o tivesse feito ponderar o abandono da carreira de praticante?

101 - Quais os momentos de transição que foram particularmente difíceis?

102 - O que sentiu quando viveu esses momentos críticos de mudança?

103 - Como foi apoiado pelos seus clubes nas diversas transições de carreira?

104 - Teve oportunidade de se preparar para essas mudanças? Como?

105 - O que pensa ter sido uma ajuda decisiva na passagem nessa fase?

Personalidade

106 - Que características identifica em si próprio que o tenham ajudado a construir a sua carreira e a ultrapassar as transições e momentos de crise?

107 - Tem a sensação de ter realizado sempre ajustamentos de qualidade à mudança? A sua maneira de ser ajudou ou atrapalhou?

Outros determinantes

108 - Foi um praticante preocupado com o desenvolvimento da carreira, tentando antecipar e definir estratégias para ultrapassar obstáculos?

109 - Encontrou em si os recursos que necessitava para ultrapassar as situações de crise da sua carreira? Quais foram?

110 - E recursos externos? Quais? (ex: amigos, família ...)

111 - Que tipo de comportamentos ou ações eles realizaram para o ajudar?

112 - Teve certamente de tomar decisões que influenciaram profundamente o desenvolvimento da sua carreira. Quais foram as mais acertadas? E as menos acertadas? Porquê?

113 - Houve alguns eventos na sua vida não de praticante que condicionaram substancialmente o desenvolvimento da sua carreira? Quais?

114 - Quer destacar ou acrescentar alguma ideia que não tenha sido abordada e que pensa deva ser referida?

Anexo F

Síntese quantificada de respostas às perguntas da entrevista

Número das questões	Perguntas formuladas	Síntese das respostas
1 a 6	Que atividades musicais, desportivas, lúdicas ou artísticas é que realizou antes de se envolver a fundo no futebol ?	<p>1. Primeira referência comum aos entrevistados foi a de terem iniciado o que, livre e espontaneamente, denominaram por futebol de rua, entre os 4 a 5 e os 9 a 10 anos de idade. Catorze referiram ter mantido esta atividade mesmo após terem entrado no futebol institucional.</p> <p>2. Metade só praticou futebol de rua (10) tendo os outros (10) realizado outras atividades mas verifica-se que três só acrescentaram futsal (portanto muito semelhante, uma relação de 13 para sete) e o que prolongou mais as atividades para além de futebol foi até aos 18 anos. A duração destas práticas foi de cerca de três meses até oito anos.</p> <p>3. Atividade musical, apenas um em 20 teve aulas de música e um, folclore.</p> <p>4. Atividade artística, apenas um em formação de artes.</p> <p>5. Outras atividades, o valor máximo refere-se a hóquei de rua com 3300 horas (em 10 anos) no total, verificando-se que 10 dos 20 entrevistados só praticaram futebol de rua.</p> <p>6. A quantidade de atividade do designado futebol de rua deve ser considerada elevada, enquadrando-se os valores declarados entre um jogador com 8580 horas (em 12 anos) (valor máximo) e outro futebolista com 1440 horas (em quatro anos) (valor mínimo). Alguns dos entrevistados diminuíram o número de horas em idades mais avançadas, apesar de manterem esta atividade, mesmo após entrarem no futebol institucional. (Ver Anexo B para detalhe dos dados).</p>
7	Sobre identificação da maturidade dos futebolistas	<p>7. Registamos quatro referências: idade pares; nível competitividade; altura comparada e maturidade comparada. (Ver Anexo C para detalhe dos dados).</p> <p>Quanto à idade dos pares: Só três estiveram sempre em igualdade; os restantes 17 praticaram com pares entre um a quatro anos mais velhos, em períodos desde um até 10 anos;</p> <p>Quanto ao nível competitivo: Quinze seguiram percurso regular das competições mais elevadas para as respetivas idades, isto é, regionais até 13 anos e nacionais do mais alto nível, em seniores sempre I Liga. Os restantes, também competições regionais até 13 anos e quatro, nos seniores, começaram em 3º nível de competição, passaram a II Liga (2º nível) e depois entraram e permaneceram em I Liga. Um caso começou em I Liga e depois alternou entre II e I Ligas;</p> <p>No que respeita à altura comparada: Seis acompanharam sempre a altura comum dos seus pares; e mais 11, menos altos, até uma idade entre 12 e 19 anos; e depois semelhantes; um, sempre menos alto; dois sempre mais altos que os pares.</p> <p>Verifica-se que 13 casos têm altura idêntica aos pares a partir dos 15 anos.</p> <p>Em relação à maturidade comparada temos: Nove casos com maturidade idêntica aos seus pares; Cinco casos menor até uma idade entre 12 e 17 anos e depois idêntica; Seis casos maior numa idade entre 13 e 19 anos e depois idêntica.</p> <p>Verifica-se que em 14 casos a maturidade é idêntica ou inferior aos pares, até aos 17 anos.</p>
8	Sobre aspetos diversos do desenvolvimento desportivo do praticante	Os jogadores peritos incluídos no estudo constituem uma amostra de grande relevância desportiva, que pode ser evidenciada quer pelo elevado número de internacionalizações que registaram, apresentadas na Tabela 1,

assim como por diversos objetivos alcançados, muito significativos e que são exemplificados em registo na Tabela 2.

No total real, 747 Internacionalizações “A”, na Seleção posicionada nas melhores 10 da FIFA desde 2004 (exceção 11º em 2008), atingindo 3º em 2017, logo, de nível Mundial. Dados de realce que contribuem para caracterização da amostra dos 20 jogadores entrevistados.

9. Idade em que iniciaram um envolvimento regular no futebol enquanto criança ou adolescente:

Com cinco anos – dois; com seis – um; com sete – dois; com oito – quatro; com nove – três; e com 10 – oito. Verifica-se, assim, que todos iniciaram até aos 10 anos e que todos começaram a prática regular de futebol entre os cinco e os 10 anos de idade.

10. Idade em que iniciaram o envolvimento num treino supervisionado por um adulto:

Respostas idênticas à questão anterior, com uma só alteração de cinco para 10 anos, isto é, um iniciou com cinco anos e nove, com 10 anos de idade.

11. Idade em que iniciaram o envolvimento num treino não supervisionado por um adulto:

Com 10 anos – dois; com 15 anos – dois; com 16 anos – um; e nunca – 15.

12. Idade com que pela primeira vez participaram numa equipa organizada:

Com seis anos – um; com sete – três; com oito – três; com nove – quatro; e com 10 – nove.

13. Idade com que pela primeira vez foram reconhecidos como um dos cinco melhores praticantes do seu clube/equipa:

Com seis anos – um; com sete – dois; com oito – um; com nove – quatro; com 10 – oito; com 11 – um; com 13 – um; com 16 – um; e com 26 – um.

14. Idade com que pela primeira vez foram reconhecidos como o melhor praticante do seu clube/equipa:

Com seis anos – um; com sete – dois; com nove – três; com 10 – quatro; com 11 – um; com 13 – dois; com 14 – um; com 16 – um; com 17 – um; com 25 – um; com 26 – um; e nunca – dois.

15. Idade com que pela primeira vez participaram numa seleção regional:

Com 11 anos – dois; com 12 – dois; com 13 – oito; com 14 – três; com 15 – um; e nunca – 4.

16. Foram reconhecidos como um dos cinco melhores praticantes a nível regional:

Com 11 anos – dois; com 12 – um; com 13 – três; com 14 – 4; e nunca – 10.

17. Foram reconhecidos como o melhor praticante a nível regional.

Com 13 anos – dois; com 14 – dois; e nunca – 16.

18. Idade com que pela primeira vez participaram numa seleção nacional:

Com 14 anos – dois; com 15 – oito; com 16 – dois; com 17 – dois; com 18 – três; com 19 – um; com 21 – um; e com 23 – um. Até aos 18 anos, chegaram à seleção nacional 17 dos 20 entrevistados.

19. Idade com que foram reconhecidos como um dos cinco melhores praticantes a nível nacional na sua função:

Com 14 anos – um; com 15 – oito; com 16 – um; com 17 – um; com 18 – um; com 19 – um; com 22 – um; com 24 – um; com 25 – um; com 30 – um; e com 33 – um. Verifica-se que todos tiveram esse reconhecimento nalguma idade.

20. Idade com que foram reconhecidos como o melhor praticante a nível nacional na sua função:

Com 14 anos – um; com 15 – dois; com 16 – dois; com 18 – um; com 22 – um; com 23 – um; com 24 – um; com 25 – dois e nunca – nove. Verificamos que nove em 20 praticantes nunca foram considerados o melhor na sua função a nível nacional.

9 a 23 Sobre desempenho ao longo da carreira

24 a 36

Sobre etapas de desenvolvimento e da carreira desportiva

21. Idade com que pela primeira vez participaram numa importante competição internacional:
Com 14 anos – um; com 15 – dois; com 16 – seis; com 17 – dois; com 20 – um; com 21 – dois; com 23 – um; com 25 – dois; com 26 – um; com 28 – um; e com 35 – um.
22. Idade com que pela primeira vez foram reconhecidos como um dos cinco melhores praticantes a nível mundial na sua função:
Com 15 anos – um; com 18 – um; com 20 – um; com 26 – dois (um, melhor da Europa); com 27 – um; e nunca – 14.
23. Idade com que pela primeira vez foram reconhecidos como o melhor praticante a nível mundial na sua função:
Com 18 anos – um; e nunca – 19.
-
24. Idade que tinham quando iniciaram a prática não estruturada (jogar na rua, com amigos, na escola, etc.):
Com cinco anos – seis; com seis – 13; e com 10 – um. Significa que, com cinco e seis anos, começaram 19 dos 20 entrevistados.
25. Idade que tinham quando iniciaram a prática de forma estruturada (escola futebol):
Com seis anos – dois; com sete – três; com oito – três; com nove – três; e com 10 – nove. Significa que todos começaram futebol em prática estruturada até aos 10 anos.
26. Idade que tinham quando iniciaram a prática numa equipa? (A jogar num campeonato organizado):
Com sete anos – um; com oito – quatro; com nove – seis; com 10 – nove. Significa que todos os entrevistados iniciaram atividade prática numa equipa até aos 10 anos de idade.
27. Idade que tinham quando começaram a treinar regularmente futebol:
Com sete anos – dois; com oito – quatro; com nove – cinco; com 10 – nove. Significa que todos os entrevistados começaram a treinar regularmente futebol até aos 10 anos de idade.
28. Idade que tinham quando começaram a treinar regularmente aspetos menos específicos (aeróbicos, força, etc.):
Com oito anos – um; com 13 – dois; com 14 – sete; com 15 – quatro; com 16 – um; com 19 – um; e nunca fizeram – quatro.
29. Idade que tinham quando lhes surgiu pela primeira vez a ideia de vir a ser um praticante de elite:
Com 10 anos – um; com 11 – um; com 12 – dois; com 14 – quatro; com 15 – três; com 16 – dois; com 17 – cinco; com 18 – um; e com 22 – um. Verifica-se uma grande amplitude e dispersão da idade em que surgiu aos entrevistados a ideia de virem a ser praticantes de elite.
30. Idade que tinham quando decidiram tornar-se praticantes de elite:
Com 10 anos – um; com 12 – um; com 14 – um; com 15 – cinco; com 16 – quatro; com 17 – seis; com 18 – um; e com 22 – um. Verifica-se uma grande amplitude e dispersão da idade em que decidiram tornar-se praticante de elite mas 17 fizeram-no após os 15 anos.
31. Idade que tinham quando todo o seu tempo livre começou a destinar-se ao treino desportivo:
Com 11 anos – um; com 12 – um; com 14 – um; com 15 – três; com 16 – sete; com 17 – três; com 18 – um; com 24 – um; e nunca o fizeram – dois. Verifica-se uma grande amplitude e dispersão da idade em que todo o tempo livre dos entrevistados começou a destinar-se ao treino desportivo mas 15 fizeram-no após os 15 anos e dois nunca o fizeram.
32. Idade que tinham quando integraram pela primeira vez um campo de férias destinado ao treino:
Os 20 entrevistados nunca participaram.
33. Idade em que tiveram de mudar de residência para poder treinar regularmente:
Com 11 anos – um; com 13 – um; com 14 – três; com 15 – um; com 16 – três; com 17 – um; com 19 – um; e nove nunca o fizeram (destes, dois, sim, em adulto).
-

34. Idade em que começaram a ter um relacionamento mais próximo com o treinador:

Com nove anos – três; com 10 – um; com 14 – três; com 15 – dois; com 17 – um; com 20 – um; com 22 – um; com 25 – um; três sempre tiveram; e quatro nunca tiveram. Verifica-se que 16 dos 20 entrevistados, nalgum período das suas vidas desportivas, tiveram um relacionamento próximo com o treinador.

35. Idade em que pensaram pela primeira vez que alcançariam ou já tinham alcançado o seu potencial máximo no futebol:

Com 12 anos – um; com 21 – um; com 23 – um; com 26 – um; com 28 – 4; com 30 – um; com 32 – um; e 10 nunca tiveram essa noção. Verifica-se que 10 dos 20 entrevistados consideram nunca ter atingido o máximo do seu potencial no futebol.

36. Idade em que começaram a refletir sobre a retirada da competição:

Com 24 anos – um; com 27 – um; com 28 – um; com 30 – um; com 31 – um; com 32 – três; com 34 – cinco; com 36 – um; e seis nunca fizeram essa reflexão. A idade de três entrevistados foi calculada pela distância em anos que referiram em relação à efetiva retirada. Verifica-se que seis dos 20 entrevistados nunca refletiram sobre a retirada, deixando isso acontecer em tempo real; e só três dos 20 declararam ter refletido sobre essa retirada antes dos 30 anos de idade.

(Ver Anexo D para detalhes)

37. Intensidade de treino “sentida na pele” (escala de 0% a 100%):

Todos os entrevistados, menos um, referiram ter atingido 100% de intensidade numa idade e tê-la mantido a partir desse atingimento; a exceção referiu em função de objetivos.

Na evolução nas etapas formativas, três disseram sempre ter sentido 100%, 15 progressão com variação do início, dos seis aos 10 anos, de 30% a 75%, e evolução até aos 100%, entre os 15 e os 20 anos, e uma exceção aos 23; destes, um único referiu redução numa etapa intermédia de formação.

38. Condições de treino (totalidade dos recursos em escala de 0% a 100%):

Todos os entrevistados referiram ter tido 100% de condições de treino numa idade e todos referiram ter mantido essas condições a partir desse atingimento, com exceção de um que atingiu aos 14 anos, depois reduziu condições entre 25 e 75%, para retomar os 100% aos 24 anos. Assim, um sempre teve 100% de condições, 11 obtiveram-nas entre os 16 e 20 anos, dois antes e cinco depois dessas idades; um regrediu e retomou 100% aos 24 anos.

39. Lesões % de tempo parado (0% toda uma época parado):

Até aos 20 anos de idade, primeira época regular e oficial de futebol sénior, sete entrevistados não tiveram paragens por lesão; e três, tiveram paragens de pouco relevo, entre 10% e 20% numa época. Os restantes 10, com paragens entre 70% numa época e, as mais demoradas, dois casos de 80% e 100% em duas épocas. Significa que cerca de metade dos casos teve paragens por lesão com algum significado de uma a três épocas no percurso até sénior. No entanto, dada a extensão do percurso, no geral, pode considerar-se que, até à idade de sénior, as paragens por lesão não tiveram valores elevados. Após os 20 anos de idade, os valores mais elevados são três, com quatro paragens e três, com três paragens; mais elevados no total do percurso desportivo, foram dois, seis com paragens.

40. Esforço físico “sentido na pele” (escala de 0% a 100%):

Todos os entrevistados referiram ter atingido 100% de esforço físico numa idade e, todos, referiram ter mantido essa magnitude a partir desse atingimento, com exceção de um que referiu uma redução para 90% a partir dos 16 anos de idade. Nenhum sentiu sempre 100% em toda a carreira desportiva. Nas etapas formativas, todos, exceto dois, sentiram aumento sucessivo do esforço físico, com variação do início, dos seis aos 10 anos, de 20% a 75%, até ao máximo dos 100%, entre os 16 e os 23 anos.

41. Concentração mental (escala de 0% a 100%):

Todos os entrevistados referiram ter atingido 100% de concentração mental numa idade e, todos, referiram ter mantido essa magnitude a partir

37 a 45 Sobre treino/competição e horas/meses e meses/ano

desse atingimento, com 15 a atingirem esse máximo entre os 14 e os 19 anos e mais quatro aos 20. Nenhum sentiu sempre 100% em toda a carreira desportiva. Nas etapas formativas, todos, exceto um, sentiram aumento sucessivo da concentração mental, com variação do início, dos sete aos 10 anos, de 20% a 80%, até ao máximo dos 100%, entre os 14 e os 23 anos.

42. Divertimento/prazer nas atividades (descrito em escala de 0% a 100%):

Todos os entrevistados, exceto um (sempre com 80%), referiram ter atingido 100% de divertimento numa idade; quatro sempre sentiram 100%, mais três próximos desse pleno. A percepção de divertimento, de modo diferente de outros fatores, atingiu percepções de 100% em idades mais baixas, com 11 casos a regredirem de valor na carreira desportiva, com os sete que iniciaram essa regressão mais cedo, a sentiram-na entre os 10 e os 17 anos de idade.

43. Distribuição das atividades em horas/mês:

Primeira referência é o aumento de carga horária mensal até ao enquadramento em futebol sénior, em treino e competição, relatado por todos os entrevistados (alguns entraram neste contexto em idades precoces). Entre os seis e os 13 anos o número de horas mensais varia entre 14 e 35 (um em exceção a 50 horas aos 12 anos); dos 14 aos 15 anos, entre 25 e 50 (um em exceção a 60 horas a partir dos 14 anos); dos 16 aos 17 anos, entre 25 e 60 (dois em exceção, um com 64 horas a partir dos 16 anos e outro com 80 horas a partir dos 17); dos 18 aos 19 anos, entre 32 e 80 horas. 12 dos 20 casos atingiram os valores máximos semanais entre os 20 e os 26 anos de idade. Estes valores incluem treino individualizado nos casos em que ocorre.

44. Distribuição das atividades em meses/ano:

Primeira referência é que todos os entrevistados referiram ter atividade durante 11 meses, a partir de uma idade (excetuando um que referiu 10,5 meses em toda a carreira), 10 até aos 16 anos e nove dos 17 aos 20. Nas idades ao longo da carreira, não havendo regularidade para o número de meses de atividade por ano, entre os seis e os 12 anos de idade há predominância de 9 meses, para oito entrevistados, de 10 meses para 10; de 10,5 meses para um; e de 11 meses para um. Entre os 13 e os 19 anos de idade a predominância foi de 9 entrevistados com 10 meses de atividade, um com 10,5 e 10 com 11 meses.

45. Somatório do número de horas de atividade (treino e competição):

Tendo como referência a carreira futebolística até aos 30 anos de idade, o menor número de horas de atividade de entre os 20 entrevistados foi de 8165 e o maior foi de 14398. Entre as 8000 e 9000, cinco entrevistados; entre 9000 e 10000, quatro; entre 10000 e 11000, três; entre 11000 e 12000, um; entre 12000 e 13000, três; entre 13000 e 14000, dois; e entre 14000 e 15000, dois. Até aos 19 anos os valores variaram entre 2611 (praticante com início aos 10 anos) e 5410 (com início aos sete anos de idade). Só no futebol sénior, entre os 20 e os 30 anos de idade os valores variam entre o mínimo de 5040 e o máximo de 9680 (o total incluiu treino individualizado quando existiu).

(Ver Anexo E para detalhes)

46. Suporte parental (escala de 0% a 100%):

Quinze dos 20 entrevistados testemunharam 100% de suporte parental em toda a carreira desde início até aos 30 anos de idade; dos restantes cinco, dois sentiram progressão até 100%, um, redução e dois nunca sentiram valores elevados.

47. Pressão parental (escala de 0% a 100%):

Catorze dos 20 entrevistados testemunharam 0% de pressão parental em toda a carreira desde início até aos 30 anos de idade. Um, dos nove aos 30, 5%. Dos restantes cinco, só um teve elevada pressão na maioria dos anos de prática e os outros quatro, em geral pressão baixa, com episódios médios ou altos.

48. Suporte treinador (escala de 0% a 100%):

Dos 20 entrevistados, 11 sentiram 100% de suporte do treinador na maioria dos anos até aos 19 – com cinco, 100% em toda a carreira; mais dois, com 100% entre os 16 e os 21 anos; um, só um ano com 100% aos 14 anos;

46 a 54 Sobre influências psicossociais

e mais um, só se referindo a dois anos, com 100%, não conseguindo graduar no restante; cinco nunca sentiram 100% de suporte do treinador (entre 95% e 50%).

49. Influência de irmãos (escala de 0% a 100%):

Dez dos 20 entrevistados testemunharam 0% de influência de irmãos em toda a carreira, desde início até aos 30 anos de idade, mais um sem irmãos. Dois referiram 100% em toda a carreira; três referiram 100% até idades entre 13 e 19 anos. Os restantes quatro, influência média ou baixa.

50. Influência de pares (escala de 0% a 100%):

Oito dos 20 entrevistados testemunharam 0% de influência de pares em toda a carreira, desde início até aos 30 anos de idade. Os outros 12 referiram influência, nalgumas idades e destes, oito, entre os 45% e os 80%, e, quatro, até 100%, todos até aos 19 anos. Só dois referem influência após os 19 anos de idade, um, até aos 30 e um, aos 20 anos.

51. Influência de pares do futebol (escala de 0% a 100%):

Seis dos 20 entrevistados testemunharam 0% de influência de pares do futebol em toda a carreira, desde início até aos 30 anos de idade e quatro com 0% na maioria da carreira mas com exceções nalguns anos com 100%. Dez referiram baixa ou moderada influência entre os 20% e os 80%, mesmo até aos 19 anos de idade, havendo só três com 100% em toda a carreira.

52. Influência do melhor amigo (escala de 0% a 100%):

Oito dos 20 entrevistados testemunharam 0% de influência do melhor amigo em toda a carreira, desde início até aos 30 anos de idade e três, com 0% na maioria da carreira, mas com exceções de um e cinco anos com 100%. Um, refere moderada influência - mas registando oito anos com 100% - e oito, referem baixa ou moderada influência, entre os 20% e os 80%, mesmo até aos 19 anos de idade, havendo só 2 com 100% em toda a carreira. Verificamos que parte considerável dos entrevistados refere baixa influência do melhor amigo, mesmo até aos 19 anos de idade.

53. Recursos (ambiente de apoio para desenvolvimento de futebolista de alto nível):

Dezanove dos 20 entrevistados consideraram 100% de recursos a partir de uma idade, com a maioria, 13, a sentirem esses 100% entre os 18 e os 23 anos. Verificamos que a generalidade dos entrevistados relatou evolução permanente de recursos desde o início da carreira, com 3 exceções, dos quais 1 nunca retomou 100%.

54. Compromisso (“dar tudo o que for preciso” 100% ... “não dar nada” 0%).

Dezanove dos 20 entrevistados consideraram ter tido 100% de compromisso para o desenvolvimento como futebolista de alto nível a partir de uma idade, com 10 a considerarem essa condição em toda a carreira e dois com reduções de 50% a 80% durante dois e três anos. Os 19 que atingiram 100% de compromisso mantiveram-no na generalidade entre os 20 e os 30 anos.

55. Quando e como começaram a pensar em terminar a carreira como futebolista?

A questão sobre a idade (quando) em que começaram a refletir sobre a retirada foi antes colocada (ponto 36) acrescentando-se agora informação sobre (como) razões que levaram a essa decisão. Assim, verificamos que seis dos 20 entrevistados nunca refletiram sobre a retirada, deixando isso acontecer em tempo real; e só três dos 20 declararam ter refletido sobre essa retirada antes dos 30 anos de idade. Sobre as razões, 13 não as indicaram objetivamente – destes, sete ainda não terminaram a carreira - e os outros sete, três por limitações físicas, dois por previsão e dois por questões profissionais. Relativamente aos 13 já retirados, e se planearam essa fase de uma forma prévia, quatro referiram não e os restantes nove, sim.

56. Em que consistiu o plano para a possibilidade de terminar a carreira:

Cinco não tinham qualquer plano, dos quais um, que terminou mais cedo por lesão e iniciou logo estudos superiores. Os restantes oito referem, dois, treinadores no futuro, dois, com empresas previstas e quatro com

55 a 65

Sobre transições de Carreira - Condições prévias relativas ao término da carreira e outras determinantes influentes na carreira desportiva

atividades em perspectiva mas sem definição concreta. De forma geral as expectativas foram suportadas, no tempo e na concretização, em disponibilidade financeira imediata.

57. Outras pessoas (e.g., treinador, família, etc.) que estiveram envolvidas nesse processo:

Seis referem a família; um, família e treinador. Restantes seis não referem outras pessoas envolvidas.

58. À possibilidade de ter terminado a carreira no momento certo, ou cedo/tarde demais:

Oito consideraram ter terminado a carreira no momento certo, não obstante três terem referido que poderiam ter jogado mais tempo; um, cedo demais – podia ter jogado mais dois anos - um, terminado tarde de mais, arrastado por lesões e três forçados por lesões.

59. As principais razões para terminar a sua carreira:

Tendo em conta a questão colocada das “principais razões”, os entrevistados distribuíram-nas, seis por lesões e razões físicas; três por idade e questões desportivas; três por razões familiares e preparação do futuro e um ausência de propostas.

60. Sobre terminar a carreira de forma voluntária:

Onze referem que sim e dois que não.

61. A propósito do controlo total sobre a decisão de terminar a sua carreira:

Dez referem que sim (com dois a colocarem limitações resultantes das circunstâncias) e três referem que não.

62. Sobre decisões que influenciaram profundamente o desenvolvimento da carreira, quais as mais acertadas e as menos acertadas, e porquê, verificamos que:

Dado o detalhe das respostas, pela natureza desta questão, é necessário realizar uma síntese que reflita os aspetos representativos das respostas dos entrevistados. Assim, as decisões consideradas mais acertadas são de carácter desportivo e relacionadas com mudanças para clubes em que estes futebolistas sentiram ter tido boas fases de carreira e desafios positivos, assim como as menos acertadas para menos positivos, com um deles referindo “sair da zona de conforto”, como aquilo que resume o sentido comum de busca por progressão na carreira. A citação de um dos jogadores ao referir que “as mais acertadas foram todas; o comboio só passa uma vez e felizmente aproveitei; algumas, menos acertadas, mas não foram suficientemente importantes para pôr em causa o resto”, reflete o sentido mais comum e geral das respostas, relativizando as menos acertadas com sentido de aprendizagem, em carreiras, de forma geral, muito bem-sucedidas.

63. Sobre algum problema marcante no relacionamento com, por exemplo, um treinador, um colega/ou dirigente, que provocou alterações de carreira de praticante, assim como as razões dessas situações:

Nove entrevistados referem não ter tido qualquer problema de relacionamento; oito com treinador (três com vários); dois com colegas e um com vários. Os relatos referem personalidade frontal, não ser opção para jogar, suspeições sobre comportamentos do próprio jogador, situações genericamente de divergência no relacionamento sociodesportivo. Com colegas não foram relatadas razões.

64. O que fizeram e como reagiram:

Onze dos entrevistados relatam reações, 10 com treinadores e um com colegas, este último com um episódio de confronto físico. Com treinadores, dois consideram que, dos problemas, acabaram por resultar consequências positivas, pelas novas condições criadas; três afastaram-se do clube e/ou da situação que gerou o problema; dois consideram ter tido uma boa reação, apesar dos sentimentos de dificuldade mas com bom apoio dos colegas; três referiram ter tratado das situações com frontalidade junto dos treinadores mas que isso deixou marcas negativas. No geral, as situações foram penosas mesmo que as consequências tenham sido diferenciadas.

65. Eventos na vida não de praticante que condicionaram substancialmente o desenvolvimento da carreira:

Oito entrevistados referem não ter tido qualquer evento de relevo. Os restantes 12 referem diversos eventos, três por graves problemas familiares, três por gestão de carreira relacionada com família, três por dificuldades sociais de familiares ou dos próprios e três por lesões e outros impedimentos de carreira. Significa que uma parte considerável relaciona importantes eventos condicionantes com a família.

Nota: os eventos referidos ocorreram ao longo de toda a carreira dos praticantes.

66. De forma geral, quando terminaram a carreira, sentiram:

Diversidade, de modo que só dois referem o mesmo, vazio; sete referem transições tranquilas, felizes, com passagem para uma nova vida com sentimentos de perda mas bem aceites e três com alguns sentimentos de tristeza por acabar; um único referiu frustração. De forma geral a afirmação de “feliz pela carreira e triste por acabar” pode ser representativa do que de mais marcante esta fase teve mas também de que a vida continua, com a expressão de “tudo tranquilo, passei para outra carreira”.

67. As emoções dominantes foram:

De diversidade nas 13 descrições mas que, agrupando detalhes, reforçam emoções de carreiras bem vividas que, ao terminarem, conduzem a sentimentos de perda, vazio e nostalgia - por não poderem ter continuidade - muito bem sintetizados na afirmação de “feliz por carreira e tristeza por já não jogar; se pudéssemos era até ir para a campá”. Um único com sentimento de frustração mas, mesmo neste caso, por ter sentido que podia ter jogado mais tempo, reflete a posição comum de uma carreira que se queria eterna.

68. Os pensamentos dominantes foram:

Também de diversidade nas 13 descrições, por um lado com pensamentos de grande satisfação pelas carreiras vividas e por outro, de impossibilidade de continuidade mas também de alívio nos primeiros tempos após a transição, pelas grandes exigências profissionais durante muitos anos. Estas duas posições podem resumir-se em duas referências dominantes, primeiro na posição de que “foram os melhores anos da nossa vida e gostaríamos de continuar sempre” e, depois, “alívio, dos problemas físicos; desafio de nova vida. Oportunidades, fantástico ter um fim-de-semana, fantástico estar com a família.”

69. Relativamente às principais mudanças sentidas nesse período, em diferentes aspetos da vida, é relatada:

Diversidade de mudanças com 13 descrições nos detalhes, sendo referida, na maioria dos casos, estabilidade financeira que permite vida suportada, mais tempo disponível mas, por outro lado, perda de competitividade, menor pressão e mais disponibilidade, com citações expressivas como “aproximação a pessoas que normalmente nem parava para falar” ou “mais tempo para estar com família e amigos – olhe durante a carreira nunca estive consigo”. Nesta fase, mesmo com casos de dificuldades temporárias, as mudanças podem genericamente ser sintetizadas por “forma de estar diferente na vida; quando jogamos estamos quase numa bola de cristal, numa redoma e depois é a vida real; quando se é jogador de elite não se percebe os benefícios.”

70. As principais mudanças sentidas nesse período, nos estudos e/ou trabalho:

Diversidade de situações nos estudos e trabalho com as 13 descrições a registarem, cinco, retomas de estudos, incluindo um com área de futebol; dois passaram a outras funções no futebol, quatro passaram a trabalhar fora do futebol e dois sem atividade imediata, invocando dificuldades por fim de carreira no estrangeiro ou por ausência de preparação para as solicitações do mercado de trabalho.

71. As principais mudanças sentidas nesse período, nos aspetos económicos:

66 a 80

Sobre transições de Carreira - Período de transição (final de carreira)

Diversidade de situações nos aspetos económicos e das 13 descrições, três referindo nada a assinalar de especial e as restantes 10, um, em contraponto, referiu estar “muito melhor do que estava, melhor condição económica;” os restantes referem, de forma geral, que as receitas são menores e que, apesar de se terem preparado e de poderem manter níveis de vida não muito diferentes, tiveram de se adaptar, como um sintetizou, fazendo “novas contas à vida, enquanto jogamos temos um ordenado que nos faz não estar preocupados com o que gastamos e depois sim.”

72. As principais mudanças sentidas nesse período, nas relações familiares/sociais:

Diversidade de situações nas relações familiares e sociais e das 13 descrições, cinco referem sem alterações de relevo e os restantes oito, quatro, referem melhor vida social, mais tempo com família e amigos; dois, ter sentido afastamento de algumas pessoas, mesmo das mais próximas, destes, um relatando como correu “mal, separei-me quando acabei. Somos a mesma pessoa mas a outra olha de maneira diferente, como ex-jogador;” e outro também revelando afastamento de alguns “o telefone tocava menos vezes e as pessoas que ficaram, foram as que realmente me acompanharam sempre”; um referiu diferença nos horários e um “sem pressão mediática e aquela adrenalina toda, já não há ansiedade.” Portanto, socialmente esta transição não foi muito problemática para a maioria dos casos, não obstante alguns terem sentido afastamento de algumas pessoas.

73. Sobre as áreas da vida em tiveram de lidar com a mudança:

Diversidade de áreas para lidar com a mudança, com 13 descrições reforçando o referido parceladamente, na generalidade sem profundas alterações de vida social, que não tenham decorrido das mudanças de obrigações profissionais, procurando e/ou entrando em novas atividades profissionais e académicas, com mais tempo e possibilidade de convivência com família e amigos, com gestão de recursos financeiros já acumulados ou em aquisição, com menor ansiedade e pressão desportiva e mediática numa transição, não desejada, e que nalguns casos retirou motivação de vida, mas também não muito dolorosa, que provocou alterações de ritmos e processos quotidianos mas aceite com normalidade e disponibilidade para procurar e encontrar alternativas satisfatórias de vida.

74. A forma como lidaram com essa mudança:

Diversidade de situações a lidar com a mudança, com 13 descrições distintas mas que contêm grupos de situações semelhantes, com oito a encararem como natural, quatro dos quais considerando ter preparado de forma pensada e com meios adequados e os outros quatro deixando indicações de também ter havido benefícios com a vida pós-carreira, figurada na citação “minha mulher diz que havia coisas que fazíamos mas tu não podias e agora podemos”. Dois diferenciaram o início como mais difícil e depois com novas atividades, foi estabilizando. Três, em posições expectantes, com mais disponibilidade e vida familiar, destes um único reforçou como difícil o vazio, compensado com mais liberdade e novas atividades.

75. Quem e de que forma o apoiou nesse momentos:

Diversidade de quem e como foi o apoio na mudança e das 13 descrições, sete referem apoio de forma geral, da família e amigos; dois, apoio de forma geral e da família e um, a mulher, significando que 10 referem familiares. Um, refere um treinador, um, considerou ele próprio e um, não ter havido grandes mudanças, logo, os dois últimos sem ajudas.

76. Sobre as características da personalidade e/ou experiência ajudaram a enfrentar essa situação, temos:

Diversidade de características, com 13 descrições, em que cinco centraram as razões de personalidade em tranquilidade e maturidade, para conquista de objetivos, como base da preparação para a mudança; e para as experiências consideraram relevante a passagem por diferentes clubes e países; quatro casos, indicam otimismo e positivismo, para luta por objetivos e convicção de encontrar boas soluções para futuro; três casos

suportam-se em reflexão com base nos ensinamentos da vida, mesmo os difíceis, invocando coragem e superação, bem retratados em duas expressões, uma dizendo, “fico a moer mas olho para exemplo de colegas, positivos e negativos ... olho para os melhores exemplos;” e outra, exemplar das exigências de carreira, transições intermédias e final, dizendo, “sempre tive a experiência de vida, de dar a volta por cima; carreira muito complicada, aos 22 anos não tinha clube e aos 28 Internacional A. Esta fase – pós-carreira –, mais um desafio, outra vez, traçando objetivos/metast”. Um único referiu que a sua “personalidade não ajudou porque eu gosto de fazer tudo bem e deixar não era o que queria.”

77. Sobre se podem dizer que algo (dos próprios ou exterior) funcionou como barreira para a adaptação e se em caso afirmativo, é possível especificar, é exposta:

Diversidade sobre barreiras na mudança com 13 descrições, das quais oito referem que não houve barreiras, e destas, duas com justificações, uma dizendo que novo desporto deu motivação mas que futebol não, porque “não consigo jogar à bola contra amigos ... o futebol acabou para mim;” e uma referindo saudade, dizendo que “há sempre adrenalina da competição e deixa de haver.” Os restantes cinco referem ter encontrado diferentes barreiras, como ter terminado fora de Portugal e perdido pontes para clube, a tristeza de familiares em seu redor, a própria condição de desemprego, a personalidade por não poder continuar a fazer o que fazia bem e o choque de rotinas, retratado na história em que “fui levar um miúdo à escola, oito horas, depois cheguei a casa, e agora, o que vou fazer?” Foi ainda referida a dificuldade de deixar de fazer desporto; estarem sempre a marcar jogos porque precisam, sintetizando tudo na constatação de que “estou num terço da minha vida e agora?”

78. Relativamente a quão importante foi a identidade como praticante nessa fase, há:

Diversidade sobre a importância da identidade na mudança e, das 13 descrições, três consideram muito importante, sem mais comentários e, nos outros 10, quatro, refletem as suas identidades como praticantes com reconhecimento público, com expressões como “tem mais a ver com o Ego ... deixamos de ser reconhecidos e custa.” Cinco ligam a importância da sua identidade a transmitir a sua experiência; aos valores porque uma pessoa se rege; à preparação e tranquilidade; a ter outras soluções para a dificuldade de lidar com final de carreira e um caso refere que já era destemido, para ir à procura das coisas, mas a doença de um filho ensinou-lhes muito em termos familiares e a lidar com a vida. Um único diz ser importante, não tanto a identidade, mas sim a preparação.

79. Quanto à estimativa de tempo necessário para superar essa fase de transição verificamos:

Diversidade sobre o tempo necessário e, das 13 descrições, três referem de imediato e quatro até um ano; um, dois-três anos; e um, seis anos. Os outros quatro, dois referem que, com as ocupações imediatas, não sentiram esse problema; um, sentiu o 1º mês e depois mais favorável e, por fim, um refere não ter sido uma coisa rápida e expressou uma posição que transparece na generalidade dos casos, dizendo “vou ser sempre um ex-jogador de futebol. Nunca despimos a camisola toda.”

80. A propósito de quão satisfeitos (de forma geral) estiveram nesse período de transição da vida, é expressa:

Diversidade sobre satisfação, com 13 descrições, das quais sete, muito satisfeitos, com um, com o Padel como âncora, um, reforçado por passar a treinador e um, com resignação pela opção feita; os outros seis, um de início fantástico mas depois falta o futebol, “se fosse só jogar ia até aos 50”; um, alívio, arrependimento e depois a satisfação; um, referindo que faltava o balneário, a adrenalina, a alegria e, portanto, não expressou satisfação e dois, explicitamente pouco satisfeitos, um pela forma como saiu e um, compensado pela motivação dos cursos que tirou. Um, condicionou a satisfação a novas exposições públicas dizendo “desde que começa a ser

convidado; a sentir-te útil outra vez; deixas de jogar futebol, já não serves para nada e depois sentes-te útil.”

81. Quando passaram de júnior a sénior / amador/profissional na carreira, temos:

Diversidade sobre o que sentiram de modo geral, com 20 descrições, das quais três, referem bem e, dos outros 17, nove referem situações de grande satisfação como realizar um objetivo, alegria enorme, grande realização, com realce em clubes de grande expressão nacional, com citações como “ainda mais no clube X onde só dois ou três conseguem lá chegar; foi um orgulho; aquilo com que sempre sonhei.” Dois consideraram a transição normal e outros três, aliciante, desafiante mas difícil e problemática pelas exigências e dúvidas da situação; um, aumento de responsabilidade; um, muito medo de não conseguir, pelo exemplo de um irmão que foi dispensado e nunca mais voltou e, por fim, um único disse não ter sido fácil, por lesão, mas que essas dificuldades podem ter ajudado a chegar ao topo.

82. Sobre as emoções dominantes o testemunho é de:

Diversidade, com 20 descrições, das quais 12 expressando grande satisfação, aventura, entusiasmo, vontade de conquista, orgulho, estar nas nuvens, felicidade e responsabilidade, “concretizar um sonho de criança. A alegria por me profissionalizar na profissão de sonho;” com particular ênfase nos clubes de maior dimensão, com satisfação e consciência retratados na expressão “muito satisfatório ... no clube X. Em especial no domínio emocional. Os jogadores dos três grandes são os melhores de Portugal mas não têm noção da realidade do futebol sénior profissional, que é outro mundo, de exigência e tudo;” mais cinco casos com satisfação mas com preocupações sobre condições e possibilidades de percurso. Os restantes três, um, refere normalidade, um, dificuldades ao recomeçar do zero e um único, medo da mudança.

83. Os pensamentos dominantes foram:

De diversidade das 20 descrições, com 19 testemunhos, de atingimento de um objetivo importante e de transição para futuro desejado, com dois casos mais reservados, no geral com pensamentos favoráveis, objetivo alcançado, cumprido, conquista, melhoria, valorização, ter dinheiro e querer muito ser jogador de futebol profissional, com uma expressão de síntese dizendo “o que eu me lembro: é isto que eu quero!”. Também convicção de progredir para a 1ª divisão ou alcançar algo fantástico, ter a “alegria de jogar com jogadores que só via na televisão” ou de “treinar com aqueles que eram os meus ídolos.” Por outro lado, nas relações com outros, não defraudar ninguém, pensando que a partir dali as coisas podiam ser muito a sério, ou brindá-los afetivamente com a partilha de “fazer sempre o melhor, o meu avô ver-me a jogar ao mais alto nível”; e alguns a pensar na estabilidade para continuar a crescer, ter melhores contratos, ser mais reconhecido; ter condições para uma mudança muito grande. Também desafio e atração, num âmbito desejado por muitos, com referências como “consegui o que outros não” ou “consegui, atingi o que sempre sonhei, consegui o que muitos queriam.” Os dois casos mais reservados, por medo de não saber o que ia dar; e dúvida do clube onde ia jogar e de não saber fazer mais nada do que jogar futebol. Um único caso com medo mas pensando lutar contra cada nova adversidade.

Os pensamentos nesta transição de júnior a sénior revelam tratar-se de uma fase crucial porque são uma base para alcançar o sonho de entrar no futebol profissional e de participar num espaço de prática amplamente desejado mas visto como distante e muito difícil de conseguir.

84. As principais mudanças nesse período, em diferentes aspetos da vida, são sentidas em:

Diversidade nas principais mudanças, e das 20 descrições, 18 relatam, de forma geral, mudanças mais e menos sensíveis, destes, seis referem não ter sentido grandes mudanças na vida em geral. Foram relatadas muitas diferenças pelo novo enquadramento, mudança de cidade, nos estudos,

81 a 96

Sobre transições de
Carreira - período de
transição - júnior a sénior /
amador a profissional

melhoria de vida, melhoria económica, mudança nas relações sociais e familiares, horários e locais de vivência, menos tempo com viagens e estágios, não ter tempo para nada, vida mais limitada mas tudo feito com gosto, mediatização e falta de privacidade, levar tudo mais a sério, consciência de ter de seguir uma vida profissional, mais descanso, mais pressão, mais exigência, podendo esta transição ser sintetizada ao testemunhar “uma grande mudança; se atinges esse patamar é ser reconhecido no restaurante ou na rua, e a vida é essa, isto já é de outro nível”. Ainda dois referem não ter tido mudanças em particular nesta fase.

85. Nesse período, também:

Diversidade nas principais mudanças nos estudos e/ou trabalho, com quatro casos referindo estritamente “deixar de estudar” e os outros 16, dois referindo ter acabado o 12º Ano, com dificuldade, um, destacando que no clube não viam com bons olhos, estudar; cinco não abandonaram os estudos mas diversas condições conduziram a não terem efetiva continuidade, como seja estar matriculado à noite e nunca chegar a ir; repetir três vezes o 11º Ano, tinha também as seleções; na escola só falava de futebol, estava farto; ir à equipa B e treinar na A, reprovar por faltas, abandonar estudos; e um caso de estar na Faculdade e na Alta Competição, e reprovava por faltas, desistindo, numa Faculdade de Desporto em que não conseguiam encaixar as faltas na Seleção e no Clube. Outros três acabaram por interromper por opção; e mais cinco já não estudavam. Ainda, um, deixou de trabalhar. Resumindo, 17 dos 20, não estudavam ou deixaram de o fazer nesta transição.

86. Nesse período, igualmente:

Diversidade nos aspetos económicos, com 20 descrições, das quais 19 indicaram em comum a sua melhoria. Alguns detalhes realçam mudanças sentidas, como ao ir para sénior ir ganhar muito mais dinheiro ou considerar uma maravilha passar de zero para 100, ou ainda, ganhar muito em comparação com os que andavam a estudar, no geral simbolizados na expressão de “comprar o primeiro carro, ter dinheiro no banco, entrada para uma casa.” A melhoria financeira também suscitou a hipótese de fazer os primeiros investimentos, com o apoio familiar, por nessa idade não se conseguir fazer sozinho. Um caso refere que de imediato não houve grandes alterações e os objetivos não eram de dinheiro.

87. Ainda nesse período, também é relatada:

Diversidade nas relações familiares/sociais, com seis considerando nada de especial e mais cinco, também referindo tudo normal mas, ao mesmo tempo, salientando aspetos particulares, podendo ter tido mudanças mas que se querem desvalorizar. Os outros nove, descrições de mudanças, três não nos familiares, mas sim nos sociais, com mediatização, dos quais um dizendo “seres reconhecido na rua, ninguém nos prepara para isso”; dois, familiares e sociais, com admiração expressa pela família e, por outro lado, não sair à noite, nem a uma esplanada, não ir ou ir pouco à praia, não apanhar muito sol porque havia treino; mas também, noutro caso, distanciamento familiar e social, por mudança de cidade e mediatismo; dois, só mudanças familiares, por viver com outras pessoas e por casamento nesta fase; e um, só mudanças, por melhoria, nas relações sociais. Um caso ímpar mas significativo relatando que “em casa, a namorada já falava em casamento; eu ajudava os meus pais todos os meses, eu e o meu irmão, éramos os meninos bonitos, melhorou tudo.”

88. Seguindo, nesse período, do mesmo modo:

Diversidade nas 20 descrições de mudanças no estilo de vida, não obstante seis a dizerem, no geral, sem grandes alterações e os restantes com indicações como a vida muda nos diferentes aspetos, uma grande mudança, mudar de cidade, viver com outras pessoas, ter carro para deslocações e ter casa própria, horários e locais de vivência, menos tempo, viver mais solitário, ficar pessoa muito mais tranquila, vida mais limitada mas com gosto, levar tudo mais a sério, mais descanso, pressão e exigência, passar a fazer uma vida

profissional. Portanto, concluindo-se que esta fase de transição conduziu a várias mudanças.

89. Sobre as áreas da vida com que tiveram de lidar com a mudança:

Diversidade, com 20 testemunhos, divididos em três grupos, elencados em (i) melhorias, com 17, a condições económicas e um a relações sociais; em (ii) dificuldades, com 15, a estudos, dois, a menos tempo, um, a mudar de cidade, um, deixar outro trabalho e um, vida mais limitada; e em (iii) aspetos comuns, com dois a testemunharem mudanças em tudo e os outros, com testemunhos singulares, em horários e locais de vivência, reconhecimento público e mediatismo, familiar, social, profissional, ter carro e casa própria, mais descanso, pressão e exigência, vida profissional de futebol, já antes testemunhadas mas relevantes na transição de júnior a sénior.

90. O modo como lidaram com essa mudança é:

De diversidade, com 20 descrições diferenciadas mas que refletem um clima de relativa normalidade, com nove casos a fazerem questão de expressar essa condição, não obstante a mudança ser sensível e de forma geral positiva. Ter lidado bem com a mudança associa-se à generalidade das posições que a consideram positiva, com um único caso referindo dificuldades no início. São usadas expressões de aventura e entusiasmo, alegria e orgulho, valorização, felicidade e alta realização, ter mais dinheiro, ver o esforço recompensado, transição resumida num caso que diz que a mudança correu “bem. Na vida em geral não mudou muito, tive consciência de que tinha de seguir uma vida profissional; alegria, consegui o que sempre sonhei desde criança. Estudos, abandonei por menos tempo e cabeça na profissão.”

91. Quem e de que forma geral o apoiou nesses momentos, é revelada:

Diversidade, com 19 a indicarem algum ou alguns familiares, com seis a referirem só família, sem mais indicações e os outros 13, com descrições de diferentes familiares e amigos, e um de treinadores, sem pormenores das formas de apoio, indicando presença e disponibilidade em geral nas suas vidas. Um único elegeu um treinador por tê-lo encaminhado para um clube numa fase crucial.

92. As características da personalidade e/ou experiência que ajudaram a enfrentar essa situação, tem testemunho:

De diversidade nas 20 descrições, genericamente indicando características positivas dos próprios e experiências favoráveis a esta transição, incluindo autoconfiança, com referência a “depende de mim próprio”, pragmatismo expresso em viver o momento a momento; autonomia, pelas afirmações de “atuar mais por mim” ou “ser solitário por natureza”, também referências a ser calmo, maturidade, tranquilidade e dedicação; ainda, persistência, realçada por “querer muito ser jogador de futebol profissional”, e perseverança e teimosia. Acrescem afirmações de positivismo e humildade, como característica que revela “nunca ter subido à cabeça” no objetivo de alcançar algo muito desejado por muitos jovens; também profissionalismo, assim como personalidade para acreditar, querer chegar ao topo, crença e desejo no que queriam fazer. Disponibilidade para aprender também foi apontada, sabendo ouvir e vendo colegas, com mais dois ou três anos, e que estavam a fazer trabalhos fantásticos; ainda, personalidade de consciência e trabalhar para a competência. Noutra direção, um refere descontração, por ser um pouco desconectado, e esquecer-se ou passar ao lado de problemas, funcionou bem para ele.

93. Sobre, se podem dizer que algo (dos próprios ou exterior) funcionou como barreira para a adaptação e se, em caso afirmativo, é possível especificar, é exposta:

Diversidade de barreiras na mudança, com nove a referirem que não houve, sem mais indicações e os outros 11, com descrições, por razões pessoais, como falta de robustez física; insuficiente autoconfiança; timidez; atuar mais por si próprio, isolado, não tanto barreira mas sim limitação. Noutros casos, barreiras por origem noutros, como ter sentido muita gente do clube que duvidava da chegada à equipa sénior; a concorrência desportiva; os

colegas e capitães a condicionarem um júnior em ascensão; a pressão e um, referindo que o pai, nos media, disse que não apoiava mas não foi significativo. Em sentido contrário, o exemplo, negativo, de barreiras de outros, serviu como fator facilitador, para não seguir o que viu outros fazerem no centro de estágio, estarem lá para a diversão e não para o trabalho; e um outro que referiu que ser um pouco desconectado, podendo parecer uma barreira, até ajudou.

Deve destacar-se que nenhum referiu não ter jogado regularmente na subida a sénior, condição frequente no futebol.

94. Quão importante foi a identidade como praticante nessa fase, foi expresso em:

Diversidade, com 20 descrições considerando ter contribuído de modo positivo, das quais, quatro referem ter sido importante ou muito importante, sem acrescentarem outra referência e os restantes 16 afirmam essa importância, repetindo aspetos da sua personalidade como ser positivo; abnegação; tranquilidade; a força de vontade interior; ser atrevido, meter conversa com todos; identidade de entrega e trabalho; saber ouvir; coragem e persistência; perseverança e teimosia; humildade e profissionalismo; capacidade de adaptação; timidez aliada à humildade, o que fez ser bem aceite no grupo; perseverança e procura da competência; descontração; tudo isto em linha com as anteriores referências à personalidade.

95. O tempo estimado necessário para superar essa fase de transição, foi:

Diverso, com sete a referirem sem tempo relevante (rápido, imediato), cinco, cerca de uma época e os outros oito, um, referindo gradualmente, cinco, de um a cerca de seis meses; um, de um ano e meio, a dois; e um único, com um relato relevante do ambiente que se criava, disse que “essa transição demorava muito mais tempo; nem olhava para a cara dos credenciados, fui fazer banhos e os mais velhos perguntaram: oh miúdo, quantos anos tens; tu não fazes isto, vai lá para fora.”

96. Relativamente a quão satisfeito (de forma geral) esteve nesse período de transição da sua vida há:

Diversidade de testemunhos, com sete a referirem muito satisfeito e os restantes 13 com particularidades, relatando elevado grau de satisfação, justificando que se detalhem algumas descrições exemplares como ter sido de 200%; ter sido de 100%; estar maravilhado, claro; “fantástico. Foi muito bom. Senti-me mesmo muito bem”; totalmente satisfeito; “muito bom atingi o que queria; no clube X, fui o único que passou de júnior a sénior, desde o Y;” sentir-se satisfeito; satisfeito, ter dado mais um passo direto aos objetivos; e este conjunto de exultações é bem representado no caso que disse ter sido “dos melhores momentos da minha vida. Grande satisfação, grandíssima.” De modo menos efusivo foi referido, sobre esta transição, que o futebol deu as maiores alegrias mas também as maiores tristezas e stresse; noutro caso 70% de satisfação, faltava alguma coisa para 100%; outro caso, que após seis a oito meses se adaptou e tudo ficou bem; por fim, fase difícil em que sabia que tinha de trabalhar e melhorar.

97. Sobre o que acham importante, no percurso após transição júnior/sénior, o testemunho é:

De diversidade do que é importante na vida profissional, com oito a referirem só a família; e os outros 12, quatro, família acrescido por outros aspetos, como estar focado na profissão; carreira, ordenado e ser reconhecido; saúde; e os restantes oito, com particularidades, dizendo ser importante jogar; que olhem para o jovem jogador como um sénior que pode vingar; ter as pessoas de que mais se gosta por perto; o futebol, ser tão importante que é o centro da vida; ser excelente, ser profissional, com destaque na estabilidade emocional, indo para a equipa principal do clube Z, Seleção A; ser jogador profissional como um dos grandes objetivos da vida; também, referido, tudo ser importante, o descanso, a alimentação e viver os valores; resumido na citação “fui uma criança muito feliz; dos 20 aos 35 realizei o sonho de toda uma vida de profissional de futebol; não vou conseguir nunca ser tão feliz como fui até aos 35 anos.”

97 a 99

Sobre situação de vida atual (no percurso após transição júnior/sénior)

98. Relativamente a quanto se consideram como praticante, na atualidade, em carreira desportiva é referida:

Diversidade das 20 descrições mas positivas, em geral com reserva em falarem de si próprios, um, dizendo “não gosto muito de falar de mim mas acho que sou um grande jogador”; cinco, muito bom e um de excelência, este, como um produto trabalhado no limite; e um, capitão de equipa do topo europeu, como exemplo relevante, disse que “é difícil; não sei dizer numa escala; eu acho-me um bom jogador, sinto-me muito importante dentro da minha equipa;” também um, referindo sentir-se útil à equipa, depois de fazer vários jogos a titular no clube X; um, dos melhores na sua função; cinco, bom; dois, satisfação, expressa em estar feliz pela carreira e ter “atingido 100% do que queria; não fui um craque mas chamem-lhe o que quiserem.” Ainda, três ligaram ao reconhecimento, sentindo que as pessoas têm orgulho; ser reconhecido internacionalmente; jogador normal, tendo prémio de melhor jogador europeu aos 18 anos mas considerando o que os outros pensam ter muito mais valor do que o prémio; e 1, “bom mais, 10 anos numa seleção das melhores, Portugal, joguei em dois campeonatos de topo; reconhecido internacionalmente; decisivo em todos os sítios onde passava.”

99. Quanto estão satisfeitos com a vida, de uma forma geral, mereceu:

Diversidade das 20 descrições, verificando-se que 19 têm satisfação na sua vida em geral. Destes, seis referem, só, muito satisfeito, sete, muita satisfação, com expressões como o máximo que se possa imaginar ou o mais elevada possível, e entre eles, três descrevem satisfação total, 100%, mas também, dois, achando que ainda poderiam ter feito mais. Outros seis, referem satisfação com particularidades, como ter atingido patamar elevado, no campeonato inglês, o que dá prazer todas as semanas e sensação confortável; estar muito realizado; crescer como pessoa, num meio que não é fácil mas em que os aspetos positivos é que são de realçar; sentir-se satisfeito mas nunca despindo completamente a camisola de jogador; estar satisfeito mas nunca ter aquele sentimento de satisfação total; e um exemplo que pode resumir muitos aspetos, sendo afirmado “orgulho na carreira. Não venci nenhum título mas este ninguém me pode tirar, aos 22 não tinha clube e aos 28, Internacional A, é um troféu, da minha carreira profissional;” um único referiu não estar muito satisfeito, cerca de 50%, por não ter profissão como gostaria pós-carreira.

100. Se nalgum momento viveram uma crise que tivesse feito ponderar o abandono da carreira resultou:

Em diversidade das 20 descrições, com seis a referirem só, não e um, nunca. Os outros 13, alguma vez sim, com , seis por lesões e um, acumulou ao ir para a tropa; quatro por questões desportivas, como não ser convocado para treinar, insatisfação e desmotivação por mudança de clube/país; dois por razões graves com familiares; e um, sim, sem expor razões.

101. Os momentos de transição, particularmente difíceis foram:

Com diversidade das 20 descrições, sete a referirem que não houve momentos de transição difíceis e dos outros 13, três tiveram-nos relacionados com lesões, um dos quais também na vinda da Tropa; sete, por saídas indesejadas de clube ou de país, envolvendo dispensas ou empréstimos; e um, por mudanças de processos de jogo. Só dois se referem a momentos difíceis nas transições formais, um, de júnior para sénior e final de carreira; e um, final mas com fases boas e menos boas. Significa que, para 18 destes 20 futebolistas de elite, as transições de carreira, típicas e predefinidas, não foram difíceis ou nem sem sequer registadas.

102. O que sentiram quando viveram esses momentos críticos de mudança é relatado:

Com diversidade das 20 descrições, com sete a referirem que não houve momentos críticos e os outros 13, incluíram momentos de tristeza, dúvida, insatisfação, não podendo ajudar e treinar, incompreensão e dificuldade de jogar, alguma impotência, podendo ser o fim da carreira ou ter de pensar em abandonar, assim como o medo de falhar e o que os outros pensariam mas com estas dificuldades contrabalançadas por aspetos positivos, por terem

100 a 105

Sobre transições de
Carreira - outras
transições

dado mais força; porque era para o bem de todos; reconhecendo que era a aprendizagem da vida; ou por ficar maravilhado por melhorar condições financeiras. As dificuldades referidas podem ser simbolizadas pela expressão “senti-me abandonado, que o indivíduo não é insubstituível, toda a gente pode ser descartável.”

103. Como foram apoiados pelos seus clubes nas diversas transições de carreira, tem:

Diversidade das 20 descrições, com cinco a referirem, nada a destacar; e os outros 15, sete sempre bem, “mesmo na Juventus que as coisas correm mal” e oito, com exceções, incluindo quatro, com um clube que não apoiou; e os restantes quatro, com particularidades de apoios, um, de um treinador; um, muito apoio de um clube, e da família, na falta de apoio de outro clube; dois, falta de apoio de vários anos num clube. Significa que na generalidade sentiram apoio dos clubes, com épocas ou clubes em que episodicamente isso não ocorreu.

104. Como e se tiveram oportunidade de se preparar para essas mudanças, resultou:

Em diversidade de referências, com dois a dizerem só, que sim, e dos outros 18, cinco expressaram ter tido oportunidade de o fazer. Dos restantes 13, sete, com transições tranquilas e posição pragmática na sua preparação. Mais três relativizaram a preparação porque umas vezes sim e outras não. Por fim, três consideraram sem preparação, dizendo que ninguém está preparado para estas coisas.

Significa que, dos 20 casos, 17 consideraram ter tido oportunidade de preparar as mudanças, de forma mais planeada ou mais pragmática.

105. Sobre o que pensam ter sido uma ajuda decisiva na passagem nessa(s) fase(s), obtemos:

Diversidade das 20 descrições, com três elegendo só a família e as outras 17 não elegendo uma só ajuda decisiva, referindo, de forma combinada, a família, a capacidade de resposta de cada um e, ainda, outras ajudas de clubes e outras origens. Nestas respostas combinadas, nove referem explicitamente familiares; 10, fizeram referências explícitas ao próprio e ao seu envolvimento na carreira; cinco aos clubes e outras condições externas; e dois ao investimento e aproveitamento de condições proporcionadas. Ainda, um considerou não ter tido mudanças relevantes, antes uma regularidade do estilo de vida em geral.

106. As características identificadas nos próprios que ajudaram a construir a carreira e a ultrapassar as transições e momentos de crise, são:

De diversidade mas com 20 descrições transversalmente indicando força interior, persistência, perseverança, espírito de sacrifício, características muito ligadas a lutar pelos objetivos, conjugadas a tranquilidade, humildade, maturidade, otimismo, para uma carreira obrigando a muito trabalho, complementadas com orgulho, reconhecimento, desfrute, felicidade, num percurso amplo e com transições por vezes exigentes, orientadas para um sonho e um desejo. Estas características são sintetizadas ao ser dito que “um dos grandes objetivos da vida era ser jogador profissional; cumprir um objetivo; lutar pelo que mais quis; humildade, profissionalismo; vontade grande de querer chegar o mais longe possível.”

107. Se têm a sensação de ter realizado sempre ajustamentos de qualidade à mudança e se maneira de ser ajudou ou atrapalhou, tem:

Diversidade das 20 descrições, com 14 a expressarem acerto dos ajustamentos, com referências significativas como, sempre ter acontecido, terem sido adequados, tentar resolver bem as coisas, ou aceitar decisões, também estando relacionados com atingimento de objetivos e para provar o valor; dois referem ter realizado umas vezes bem, e outras menos bem, ajustes à mudança; quatro dizem ter sido algumas vezes menos ajustados, por terem posições mais irredutíveis, por terem feito opções que posteriormente consideraram menos corretas, por sentirem as situações muito difíceis de responder com acerto, ou ainda por desagrado e reações a situações sentidas como adversas. Sobre maneira de ser, 15 disseram, explícita ou

106 e 107 Sobre transições de
Carreira - personalidade

implicitamente, ter ajudado, três referem umas vezes ter ajudado e outras não, e dois que atrapalhou ou não ajudou. No geral foi considerado que foram realizados ajustamentos convenientes ao decurso da carreira, incluindo as transições, assim como a maneira de ser, genericamente, também contribuiu positivamente.

Sobre transições de
Carreira – outras
determinantes

108. A propósito de serem praticantes preocupados com o desenvolvimento da carreira, tentando antecipar e definir estratégias para ultrapassar obstáculos foi exposta:

Diversidade das 20 descrições, com 12 afirmativas, destas, nove a referirem só, que sim, e, três acrescentando sempre tentando ir mais acima, evoluir na carreira e bastante focado em antecipar acontecimentos; e as restantes oito revelando não terem antecipado, atuando de acordo com o dia-a-dia, respondendo às situações correntes.

109. Se encontraram nos próprios os recursos de que necessitavam para ultrapassar as situações de crise da carreira, justificou:

Diversidade das 20 descrições com 18 afirmando terem encontrado em si os recursos, destes, seis a referirem só, que sim, e, 12 acrescentando algo às respostas como, só uma vez mas acabando por resolver; não recorrendo a ninguém, tendo muita autonomia; através de personalidade persistente; otimismo, para evoluir na carreira; também, sempre em preparação para as novas situações; recorrendo a recursos pessoais; ponderação na preparação; confiança, dedicação, trabalho e capacidade de enfrentar eventuais dificuldades; a personalidade tranquila; acreditar e querer chegar ao topo; e também, personalidade como suporte da preparação, mas umas vezes ajudando e outras atrapalhando. Os restantes dois com descrições negativas à preparação, um, por nunca ter sido pessoa de crises, tendo tido dificuldades mas sempre com alguém por perto; e outro, nunca estar preparado em situação de crise. As poucas referências aos casos concretos de crises, relacionaram-se com lesões e mudança de contexto de atividade.

110. E recursos externos são:

De diversidade das 20 descrições com 19 a incluírem a família, destes seis, só família, quatro, família e amigos e nove, particularizaram familiares, juntando, em quatro casos, treinadores, empresário, clubes e jogadores; um único caso refere ter sempre partido de si próprio.

111. O tipo de comportamentos ou ações eles realizaram para o ajudar, são:

De diversidade com 20 descrições com 19 genericamente indicando presença e apoio nas ações. Com mais detalhe temos três expressões de reforço das decisões dos próprios, com solidariedade em tudo o que foi necessário, sempre terem dado liberdade para tomar qualquer decisão ou apoiando sempre nas decisões tomadas e estando presente; três outras, de iniciativa expressa como treinador ter sido influente pedindo para ir para um determinado clube; sempre em proximidade e acompanhando nos treinos, mesmo de fisioterapia; ou com alertas para alguns perigos e para o final de carreira; e 12 de apoio tácito, como atenção e amor, apoio moral/psicológico; estando sempre do lado do praticante; apoio e a crítica construtiva; também sendo considerado que a ajuda foi ter a possibilidade de ir jogar na melhor Liga do Mundo, agradecendo ao pessoal que esteve à sua volta e que ajudou; o apoio que era preciso, emocional, mental, tudo; ainda, mais pela palavra amiga, em apoio constante; e por, fim, união e apoio. Um caso repartiu entre si e apoios de outros, referindo o próprio, família, amigos mas, pensando depender mais de si; um outro caso referiu não ter apoios diretos, dependendo de si próprio.

112. Sobre ter de tomar decisões que influenciaram profundamente o desenvolvimento da carreira, quais foram as mais e menos acertadas, e porquê, temos:

Diversidade das 20 descrições, com 10 a consideraram ter tido decisões acertadas e não referirem menos acertadas de relevo, mesmo em percalços de lesões ou outros, genericamente, com eventos ligados a mudanças de clube e de empréstimos favoráveis, com melhorias desportivas e de condições contratuais; oito, revelando decisões, mais e menos acertadas, as primeiras

na mesma linha dos anteriores e pelas mesmas razões, e para as menos acertadas, também em geral, justificando por mudanças de clubes ou prolongamento de permanências insatisfatórias; e dois, referindo decisões duvidosas mas sem consequências ditas como negativas, sendo por isso de desfecho positivo dada a boa carreira realizada. Significa ter havido uma clara maioria de decisões consideradas acertadas e por razões de desenvolvimento das carreiras destes praticantes.

113. Se houve alguns eventos na vida não de praticante que condicionaram substancialmente o desenvolvimento da carreira e quais foram, é referido que, para além de alguns já referidos anteriormente, não há eventos de realce.

114. Na possibilidade de destacar ou acrescentar alguma ideia que não tenha sido abordada e que pensem que deva ser referida, resulta:

Diversidade com 20 descrições, seis considerando que o fundamental foi dito, restando 14 que acrescentam informação, seja por organizarem resumos com visões pessoais que são exemplares, seja por declararem novos dados ou detalhes que não surgiram no decurso das entrevistas e que igualmente são significativos para o entendimento dos percursos e transições de carreira. Assim, com contributos diversos e elegidos pelos entrevistados, são apresentadas relevantes citações, a primeira num resumo que evidencia a densidade e consistência das memórias, dizendo “um resumo, o meu tio que começa a ensinar-me, depois dou o salto para o Braga, e a partir daí tudo acontece muito rápido; lembro-me de tudo, está tudo gravado”; seguido de um exemplo de percurso mais independente em que “nunca senti pressão; quando fui para o Chelsea ela (mãe) perguntou-me: porque é que vais? Já estás bem, estás aqui no Porto, estás aqui ao pé de nós. Deixaram isso por minha conta, foi mesmo isso, deixaram”; continuando com um caso de realce de dificuldades, do próprio e família, referindo que “sair de Amarante aos 14-15 anos, difícil, muitos jovens não conseguem porque não é fácil sair de debaixo da alçada dos pais nesta idade; um sofrimento, é muito cedo. Tive pouco tempo com os meus pais e isso também lhes deve ter provocado sofrimento”; seguido por outro exemplo em contraponto, demonstrativo da diversidade, regozijando-se por “poder ter sido criança, nas idades em que era criança, não ter sofrido pressão de família, treinadores, de ninguém, evolução natural; eu é que queria ir”; incluir, ainda, a expressão, do otimismo revelado em muitos casos, num percurso por vezes difícil, em que se testemunha o facto de “acima de tudo sentir que este percurso me deu: crescer como pessoa, não digo só em termos profissionais mas também em termos de amizades; não é um meio fácil mas os aspetos positivos é que são de realçar”; numa direção complementar, trazendo o tema dos vários contextos simultâneos na carreira, é referido que “não é puxar o saco a si mas acho que a formação nas seleções foi muito, muito importante, ir às seleções é sempre importante, mas não foi só isso, foi o trabalho feito, pelo espírito familiar que existia e sentia que vinha um jogador mais maduro cada vez que lá ia; na seleção essa aprendizagem da vossa parte deu-me a base para chegar ao clube e ter o andamento que os outros, que não tinham oportunidade de lá ir, não tinham;” prosseguindo, mais um resumo que valoriza aspetos de aprendizagem em ambiente de vida do futebolista de elite, em que é dito que “transporto tudo isto para a vida real. Nós, muitas vezes quando jogamos, vivemos dentro de uma bolha, aparece-nos tudo feito e depois temos um choque brutal quando acabamos. Mas também acho que os praticantes estão pouco protegidos pelas instituições do futebol e não só em Portugal. A UEFA devia ter mais atenção ao jogador de futebol, muita coisa se desenvolve em seu redor e depois não recebe atenção correspondente”; também reforçando temas do enquadramento é feito alerta para o facto de que “nos clubes, acompanhamento profissional como atleta, existe, mas fora disso não há. Tenho uma família que me apoia mas falta uma estrutura que também apoie para poder gerir a carreira de uma forma diferente, acho que é isso que falta”; também em reforço da transição final de carreira, como exemplo de opções dessa fase, é dito que “a partir aí dos 30 anos deixei de pensar mais na parte

profissional e passei a pensar na parte financeira e cultural - ir para a Ásia; e ainda estive na Tailândia, por causa da lesão não consegui”. Realça-se, ainda, uma citação exemplar que integra muitos aspetos do percurso e transições, em que é declarado que “fui sempre um grande profissional; o futebol à frente de mim próprio, por ter tido as dificuldades até ser profissional de futebol – eu nas férias treinava, tinha uma grande preocupação para manter-me bem – o aspeto familiar muito importante, a primeira coisa que negociava com um clube, era a casa; para render e trabalhar, tinha de ter a minha cabeça limpa. Eu gostava muito de jogar futebol. Semana após semana, tu tens, nas férias, que gostar de futebol, tu tens de ficar triste quando não há jogos no fim-de-semana na televisão.”

Em contraposição à generalidade da dedicação plena, com opções por clubes com piores condições e contratos, mas permitindo satisfação em geral, e provando que outra posição é possível, há um exemplo centrado na felicidade, sendo revelado que “há aqui fatores que podem baralhar isto, em comparação a outros todos, que é o facto de ser prioritário na vida, sempre, a felicidade, e o futebol não era o que me trazia isso. O futebol não podia complicar essa felicidade! Na vida pós-jogador estou como na vida de jogador, desde que não me comprometa o modo como vivo”.

Termina-se com duas referências que melhor retratarão a vida destes praticantes ao ser dito que “estamos a fazer aquilo de que mais gostamos, aquilo com que sonhamos, por isso é a persistência, é acreditar”; ou “já tudo foi dito. Só tenho de agradecer ao pessoal que esteve à minha volta e que me ajudou porque sou um privilegiado que fiz durante muitos anos o que mais amava”.

Este conjunto de citações, resultante da solicitação para que os entrevistados acrescentassem algo que considerassem pertinente, congrega informação útil e transversal que melhora o conhecimento dos percursos vividos por praticantes de topo da modalidade.
